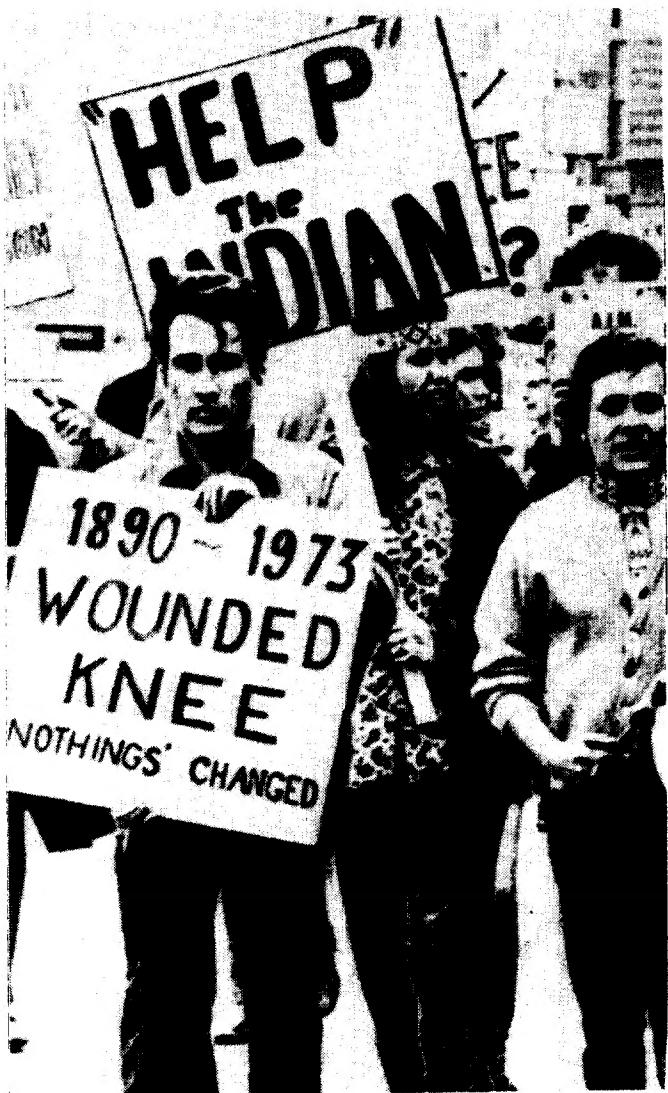




Em Cleveland um grupo de índios manifestou-se em sinal de apoio aos Sioux que em Wounded Knee continuam a resistir, pela força, às tropas federais. (Upi-Telimprensa-DL)

Os índios Sioux dispostos a resistir ao ultimato

A semelhança do que aconteceu há mais de um século, brancos e peles-vermelhas voltam a defrontar-se de armas nas mãos nas planícies americanas. Cerca de 250 Sioux, armados de modernas espingardas automáticas, mostram-se dispostos a resistir pela força ao ultimato que lhes foi dirigido de abandonar Wounded Knee, a povoação, que ocupam

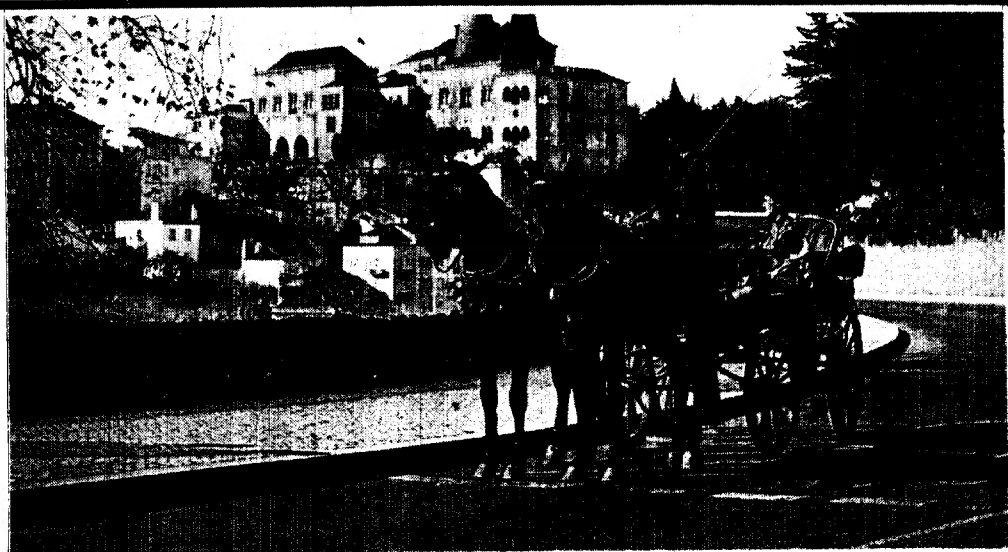
há nove dias e onde os seus antepassados foram massacrados há 80 anos. As negociações entre os militantes do American Indian Movement (AIM) e o Governo parecem terminadas e os índios, prevenidos de um assalto das tropas federais que os cercam, fizeram sair de Wounded Knee as mulheres e as crianças, ficando apenas os homens válidos que abriram novas trincheiras e reforçaram as barricadas. As reivindicações iniciais já foram ultrapassadas e os índios pretendem agora que o Governo os reconheça como uma nação separada, autorizando-os a vi-

ver nas terras dos seus antepassados. Malogradas as negociações, um dos chefes do movimento índio declarou: «A vitória será nossa, quer sejamos mortos ou não». (R e DL).

**EDIÇÃO DE
32 PÁGINAS**

Sobrevivem os trens de Sintra

Os quatro trens que ainda existem em Sintra já não serão vendidos para França, porque a SET concedeu uma participação no valor de dez mil escudos a cada um dos proprietários. Assim ficam remediadas as dificuldades destes homens que desde há uns tempos vêm passar os autocarros carregados de turistas. (Pág. 11).



GREVES EM INGLATERRA: PROPORÇÕES DE CRISE

O tráfego ferroviário na Grã-Bretanha encontra-se hoje paralisado devido a uma greve de 24 horas dos maquinistas dos comboios, num momento em que o confronto a respeito da política salarial do Governo começa a assumir proporções de crise. Quando quatro importantes ramos da indústria estão já empenhados em movimentos grevistas como protesto contra aquela política, uma outra frente — a das minas — parece abrir-se. O risco de engarrafamentos monstruosos em Londres, devido ao afluxo em automóvel das pessoas que vivem nos arredores, fez com que a Polícia lançasse um apelo no sentido de apenas ir trabalhar quem faça

falta absoluta. Encontram-se em greve o pessoal do gás, dos hospitais e professores. Os hotéis de Londres estão completamente superlo-

tados porque muitas pessoas, sobretudo comerciantes, preferiram não sair da capital, a enfrentar as estradas também superlotadas. Os ser-

viços postais anunciaram, entretanto, que a distribuição do correio se poderia atrasar pelo menos 24 horas. (R. e DL).

POLÊMICA EM FRANÇA

Misterioso objecto estaria envolvido no choque de aviões

PARIS, 8 — Enquanto os estados-maiores dos partidos políticos acabam de definir a estratégia que observarão na fase definitiva das eleições legislativas, a atenção em França é retida pelo acidente aéreo que na região de Nantes provocou a morte de 68 passageiros de um DC-9 de Ibéria.

Em resposta à greve de uma parte dos técnicos de controlo da aviação civil, o Ministério dos Transportes colocara a direcção e condução dos voos civis em França sob responsabilidade do pessoal militar. O que levantou objeções não só dos controladores grevistas e não

grevistas, como também de algumas organizações de pilotos de linha. Tanto uns como outros não punham em causa a competência dos técnicos militares, mas sim o facto de a sua experiência se basear em tipos e condições de trânsito diferentes. Hoje, vem no acidente a confirmação dos seus receios. Nos últimos dias, aliás, pouco faltou para que outros acidentes se produzissem, segundo informações vindas de pilotos de várias companhias.

Para o sr. Galley, ministro francês dos Transportes, os primeiros resultados do inquérito indicam que toda a

responsabilidade deve ser atribuída ao piloto do avião espanhol, o Coronado da companhia SPENTAX, que entrara em colisão com o aparelho da Ibéria. Apoiase nas gravações do radar e rádio e nas conversações entre o Coronado e as torres de controlo. O comandante de bordo do Coronado teria assim recebido ordem de diminuir a sua velocidade e de se pôr em contacto noutra zona de rádio. O que não fizera, criando assim todas as possibilidades para que um choque se verificasse.

Esta versão é vigorosamente contestada tanto por

Continua na última página

Serviço do correspondente em Paris JOSÉ GABRIEL VIEGAS

BOICOTAGEM CATÓLICA AO PLEBISCITO NO ULSTER

Dezenas de milhares de católicos da Irlanda do Norte tencionam boicotar hoje o plebiscito que permitirá ao eleitorado escolher entre permanecer

no Reino Unido ou juntar-se à República Irlandesa. Ontem à noite milhares de católicos reuniram-se por toda a província em torno de fogueiras onde

queimaram os seus boletins de voto cantando em coro canções do IRA para manifestar assim a sua oposição ao plebiscito, em que a vitória da maioria protestante está assegurada. As tropas britânicas, apoiadas pela Polícia e pelas forças territoriais do Ulster, num total de 30 mil homens, montaram um forte dispositivo de segurança para protecção das assembleias de voto. Esta votação foi organizada para aliviar o receio dos protestantes de que houvesse um acordo com a República da Irlanda que acabasse com a divisão entre a Irlanda do Norte e a República. Apesar das rigorosas medidas de segurança, os militantes do IRA já passaram ontem ao ataque e assaltaram dois postos da milícia, fugindo com armas e munições. As assembleias de voto estão espalhadas por toda a província. O resultado final não deverá ser anunciado antes de amanhã. (R. e DL).

LEIA HOJE

No «Suplemento Literário», entrevista com Fernando Luso Soares e colaboração de Bruno da Ponte, Cunha d'Aire, Alexandre Cabral, Pedro Martins da Silva, José Augusto França, Carlos Porto, José Luís Porfírio, Eduardo Prado Coelho, José Augusto Seabra, etc. Carta do cavaleiro tauromáquico D. Francisco Azarujinha a Torquato da Luz. (Pág. 8).

LEIA AMANHÃ

Em «Mesa Redonda», o suplemento das sextas-feiras: Não sabemos quantos fomos; Haverá petróleo em Portugal? Mitos populares e defesa das sociedades. A balança de pagamentos tecnológicos de Portugal, etc.

A resposta de Torquato da Luz à carta de D. Francisco Azarujinha.

DL/NACIONAL

Novo estatuto para o ensino particular

A importância da colaboração entre o ensino oficial e o ensino particular foi ontem realçada pelo ministro da Educação Nacional, prof. Veiga Simão, na sessão final do II Encontro Nacional dos responsáveis do ensino particular, que decorreu no colégio de S. José.

Uma vez que não há interesses contraditórios, mas ambos os sectores se completam no quadro da educação da juventude, aquele Ministério concederá todo o apoio para a resolução dos problemas do ensino particular. Um dos passos nesse sentido é a criação de um novo estatuto, cuja publicação o ministro prometeu para «o mais breve possível».

Rotary Clube de Lisboa

Effectuou-se a habitual reunião do Rotary Clube de Lisboa, a que presidiu o eng.º Hélio Paulino Pereira, tendo o rotário Guilherme Nadal proferido uma palestra sobre «A Bolsa e a Inflação».

Entre outros assuntos tratados, foi informado que o movi-

mento rotário franco-português se havia dirigido àquela instituição, solicitando-lhe apoio na organização, em França, de bibliotecas de livros nacionais, destinados aos emigrantes portugueses que trabalham naquele país.

Quatro mortos devido a uma explosão

Morreram quatro das vítimas da explosão ocorrida a bordo de um pequeno barco de pesca em Livramento, Luz de Tavira, que ontem tinham sido transportadas de avião para Lisboa atendendo à gravidade das lesões e queimaduras. A explosão ocorreu quando o pescador António Vitorino fazia o reabastecimento de gasolina do seu barco à luz de um candeeiro a petróleo. O António Vitorino ain-

da conseguiu ir buscar socorros. As vítimas foram depois transportadas para o hospital de Tavira e, mais tarde, em táxi aéreo para o hospital de S. José em Lisboa. Apesar disso o referido pescador e sua mulher Maria da Conceição Andrade Vitorino, de 42 anos, e sua filha Célia Maria de oito anos bem como outro filho do casal Vitor Manuel de 11 anos. O filho mais velho, Joviano José, de 16 anos continua em estado grave.

LOTARIA DE HOJE

NÚMERO PREMIADOS AOS ALGARISMOS FINAIS

17.452 — 7.200.000\$00
1.646 — 720.000\$00
643 — 270.000\$00

APROXIMAÇÕES AO 1.º PRÉMIO

17.451 — 23.040\$00
17.453 — 23.040\$00

PRÉMIOS DE 24.000\$00

2.090; 7.491; 7.499; 8.308;
13.915; 14.138; 17.212; 17.709;
28.471; 30.362; 30.730 e 34.094

PRÉMIOS DE 1.200\$00 (CENTENAS)

601 a 700; 1.601 a 1.700 e 17.401 a 17.500

Todos os números cujos três últimos algarismos sejam 592 são contemplados com 1.680\$00, em cada bilhete, e os terminados em 164, 208, 238, 397, 426, 460, 546, 804 ou 839, são contemplados com 1.200\$00. Por sua vez, os números cujos dois últimos algarismos sejam 00, 59 ou 75 são contemplados com 720\$00. Os números restantes, cujo algarismo final — terminação — seja 2, têm direito a 480\$00, de prémio, também em cada bilhete.

Esta informação não dispensa a consulta da lista oficial.

Os 270 contos do 3.º Prémio Grande, foram distribuídos aos balcões da Casa da Sorte.

"Domingo à Noite"

Com a apresentação de Dova, a cantora espanhola que já ganhou um Festival da Canção em Knokke, e as actuações de Valério Silva, Hugo Maia de Loureiro, Teresa Paula Brito, Trio Harmonia, Les Chéries, Manuel Sobral Torres, Florbela Queiroz e Norberto de Sousa, e um grupo de bailarinas, realizou-se ontem à noite, no Teatro Maria Matos, mais uma gravação ao vivo do programa «Domingo à Noite». Entre a assistência podia ver-se Eliana Pittman, a intérprete brasileira que foi cartaz no programa anterior.

Subsídio para a "Casa do Gaiato"

Por despacho do secretário de Estado do Trabalho e Previdência, com a concordância do subsecretário de Estado da Saúde e Assistência, foi concedido um subsídio de 200 contos destinado à melhoria das instalações oficiais da Casa do Gaiato de Lisboa.

O mesmo despacho determina ainda que seja prestado todo o apoio técnico-pedagógico à actividades de formação profissional da Obra da Rua.

EXPLOÇÃO A BORDO DE UM BARCO GREGO

Uma explosão ocorrida a bordo do navio grego «Latir» provocou dois feridos que se encontram internados numa clínica particular. O barco navegava nas proximidades das costas portuguesas o que o levou a arribar ao Tejo. Os feridos são ambos naturais gregos; Georgio Lambrinacos de 38 anos e Eleftherios Malogridis de 55 anos.

Dupla nacionalidade

Foi conferido o estatuto geral de igualdade de direitos e deveres com os nacionais portugueses, consoante a Convenção de Brasília, aos cidadãos brasileiros srs. António Gomes de Sousa, Armando Amorim de Paula Antunes, Lotar Levi Scheidt, Luiz de Oliveira Arada, Maurício de Paula e Salles, Miguel Duarte da Silva e Silvio Botán Luiz.

O MAIS SEGURO INVESTIMENTO: O SABER

— Eis Os Livros: —

HISTÓRIA DA PINTURA
Luc Benoist
Colecção «SABER»
Último lançamento

Alguns títulos da mesma colecção:

- A Inteligência
- Sociologia das Relações Sexuais
- História do Teatro Português
- Introdução à Arqueologia

TENHA LEIA SAIBA...

A MENOPAUSA
Dr. Lionel Gendron
«Biblioteca do Homem e da Mulher»
Último lançamento

Alguns títulos da mesma colecção:

- Para Si, Futura Mãe
- O Amor depois dos 50 Anos
- Guia dos Jovens
- O Ioga no Amor Conjugal

UM CALHAMBEQUE DE RESPEITO
John Tomerlin
Colecção «Europa América Juvenil»
Último lançamento

Alguns títulos da mesma colecção:

- Descobertas no Vesúvio
- A Epopeia da Expedição Amarela
- A Ilha dos Golfinhos
- Aventura na Savana

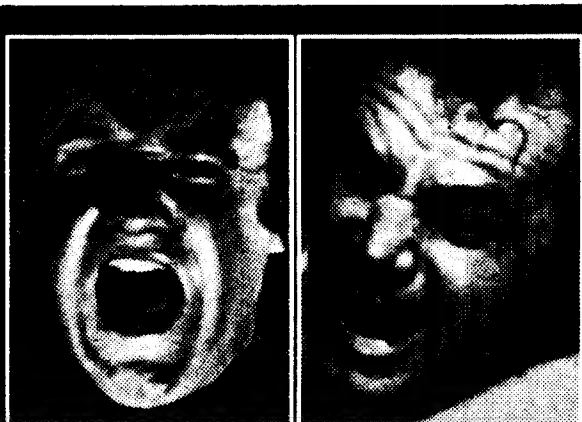
Livros editados por Publicações Europa-América

A venda em todas as livrarias ou enviando nos seguintes cupões de encomenda:

Enviei-me contra reembolso os livros assinalados com um (*)

- ☐ N.º 107173 — História da Pintura — 25\$
- ☐ N.º 102473 — A Inteligência — 25\$
- ☐ N.º 1070 — Soc. das Relações Sexuais — 25\$
- ☐ N.º 1068 — História do Teatro Português — 25\$
- ☐ N.º 1048 — Introdução à Arqueologia — 20\$
- ☐ N.º 40160 — Para Si, Futura Mãe — 35\$
- ☐ N.º 4017073 — A Menopausa — 37\$50
- ☐ N.º 40161 — O Amor depois dos 50 Anos — 35\$
- ☐ N.º 40168 — Guia dos Jovens — 35\$
- ☐ N.º 40169 — O Ioga no Amor Conjugal — 35\$
- ☐ N.º 1903073 — Um Calhambeque de Respeito — 45\$
- ☐ N.º 19028 — Descobertas no Vesúvio — 50\$
- ☐ N.º 19029 — Epopeia da Expedição Amarela — 50\$
- ☐ N.º 19027 — A Ilha dos Golfinhos — 50\$
- ☐ N.º 19025 — Aventura na Savana — 40\$

NOME: _____
MORADA: _____
PROFISSÃO: _____



Gene Hackman e Ernest Borgnine numa luta de vida ou de morte...



CANDIDATO A 7 "OSCAR" DA ACADEMIA
GRUPO B — 10 ANOS

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO NACIONAL
Secretaria de Estado da Instrução e Cultura
Direcção Geral dos Assuntos Culturais

TEATRO NACIONAL DE S. CARLOS
TEMPORADA DE ÓPERA E CONCERTO DE 1973
HOJE — às 21.15 Horas 1.ª RÉCITA
(Grupo C — 14 anos)

da ópera
CARMEN
(de BIZET)

com: Franco Corelli, Vitorica Cortez, Sesto Bruscantini, Zuleika Saque, Manuela Picarra, Nicoletta Ciliento, Alvaro Malta, Giorgio Giorgetti, Franco Ricciardi e Oliveira e Costa

Maestro Director: Oliviero de Fabritiis Regista: Dario Dalla Corte

DOMINGO — DIA 11 — às 16.30 Horas — Récita da Tarde da mesma ópera
QUARTA-REIRA — DIA 14 — às 21.15 Horas — Récita Popular no Coliseu dos Recreios

Cursos de Teologia

Principiou hoje o primeiro curso de extensão universitária, em regime de seminário, promovido durante o semestre Primavera-Verão, pelo Departamento de Filosofia da Faculdade de Teologia de Lisboa.

O curso que se prolongará até Junho, intitula-se «Introdução

ao pensamento de Hegel — algumas categorias fundamentais», dirigido pelo dr. José Barata Moura.

O segundo curso «Da forma artística à matéria estética-reflexão filosófica sobre a poesia da imaginação em Bachelard», a cargo do dr. Carlos Silva. Este começa no próximo dia 13 e finda também em Junho.

No mesmo período, a dr.ª Maria de Jesus Lorena orientará o curso «A comunicação em Gaspers».

A mesma faculdade promove durante o presente mês, mais dois cursos: «Pastoral Fundamental», pelo dr. Francisco Xavier Carvão e «Ecumenismo» pelo dr. José Sanchez Vasquero.

AMSTERDÃO

3 dias desde 2.380\$00
Partida em 1/4/73

Incluindo: Passagem aérea de ida e volta em avião a jacto * transferes à chegada e partida em autocarro, com guia falando português * alojamento em bons hotéis, classe turística, na base de quarto e pequeno almoço * meio dia de visita de Amsterdão, em autocarro e com guias portugueses * taxas de aeroportos.

FAÇA JÁ
a sua inscrição na

NORTUR/PM TURISMO

Rua Barata Salgueiro, 8
Telef. 58722

O governador no Grupo dos Nove

O dr. Afonso Marchueta, governador civil do distrito de Lisboa, visita no domingo, às 17 horas, a sede do Grupo dos Nove, da freguesia de S. Vicente de Fora, onde, correspondendo ao convite que lhe foi feito pelos dirigentes da agremiação, de que é sócio honorário, assistir a uma festa de confraternização que, integrada nas comemorações do seu 63.º aniversário, a popular colectividade dedica à sua massa associativa.

DL/OPINIÃO

Quando somar é multiplicar

O nosso comentário de hoje (embora escrito de um lado só do papel...) apresenta duas faces, algo como aqueles polípticos cujas abas mostram, de frente, a pintura colorida e brilhante, e nas costas uma outra pintura, em grisalha, toda em tons de cinza, bastando melancólica... Toda a satisfação tem o seu reverso, segundo o afirma a sabedoria das nações, pelos vistos costumadas a receber, no mesmo movimento, o gosto e a sua negação.

No nosso caso, grande gosto nos deu a notícia de que se encontra concluído o estudo prévio da via rápida que irá ligar Aveiro a Viseu, tanto mais que, conforme foi também tornado público, «a ligação ferroviária da linha do Vale do Vouga, suspensa no Verão passado, não se afigura de fácil e próxima resolução», o que, mesmo para espíritos pouco dados a reflexões sombrias, logo se apresentará como minorador da satisfação primeira. Enfim, se rapidamente se construir a via rápida, os efeitos da paralisação do caminho-de-ferro naquela queimada região acabarão por esquecer...

Tanto mais que maior gosto logo a seguir nos dá o ministro das Obras Públicas e Comunicações, ao anunciar «o propósito governamental de se retomar a construção de estradas, tão desencorajada na última década». As lamentações rodoviárias abriram finalmente caminho até às instâncias superiores, agora claras na confirmação da justiça dos protestos que por todo o lado se levantaram nos últimos anos contra o incrível estado de conservação da rede de estradas portuguesas e contra o alheamento que as mesmas instâncias mostravam perante a vital necessidade de estabelecer vias suficientes de comunicação entre os povos. Não é a primeira vez que desta maneira, através de uma implicação (talvez porque mais difícil se tornaria usar rectamente da explicitação), se reconhecem erros administrativos... Como todos nos prezamos de ser bons entendedores, a meia palavra dita é quanto basta.

Mas o ministro das Obras Públicas e Comunicações anunciou também (e é neste ponto que francamente entramos na penumbra) que alguns importantes projectos de estradas tiveram de ser confiados a especialistas franceses, por não dispormos em Portugal de projectistas em número indispensável às necessidades. Em tempo de tão activa cooperação internacional, não nos viria qualquer mal deste contributo francês se ele se provasse insubstituível ou resultasse de uma ocupação completa das disponibilidades nacionais, elas próprias suficientes para um regime normal de trabalho. Infelizmente, não é assim: o recurso aos técnicos estrangeiros resulta, afinal, de se ter perdido em Portugal o interesse pela carreira da engenharia rodoviária, consequência directa e fatal do desencorajamento da construção de estradas que o ministro reconheceu. Quer dizer: enquanto abandonávamos a rede rodoviária ao acaso e a um mau destino, preparávamos, por nossas próprias mãos, as dificuldades com que nos debateríamos no dia em que descobríssemos que tínhamos praticado uma política errada... Adicionámos males e encontrámo-nos perante uma multiplicação deles, aritmética que parece absurda, mas que é inevitável quando se intromete em questões de comunidade nacional. Outra prova? Deu-a o ministro quando declarou que o mais novo engenheiro daquela especialidade tem hoje 45 anos... Aonde chegaria o alarme do País se o mesmo se dissesse em relação aos médicos?

Chegámos a uma situação em que parece abrir-se uma nova carreira profissional às interrogações dos jovens que abordam o ensino superior. Concertem-se os Ministérios das Obras Públicas e da Educação num plano comum de estímulo e promoção, e teremos em breve (mas não tão breve quanto o importam as necessidades...) novos engenheiros rodoviários. Mas considere-se que não deverão ser esquecidas as garantias de que a construção de estradas não voltará a ser desencorajada tão cedo... E, se possível, nunca mais.

Acidentes domésticos

Um número muito mais elevado de pessoas fica ferido em acidentes que ocorrem no lar do que nas estradas, segundo revela o Organização Mundial de Saúde.

Nos Estados Unidos, num só ano, ficaram feridas 20 milhões de pessoas em acidentes domésticos — cinco vezes o total dos feridos nas estradas.

Delas 28.000 morreram dentro de um ano e 110.000 outras ficaram permanentemente incapacitadas.

As vítimas mais prováveis de desastres no lar são as crianças com menos de quatro anos e adultos com mais de 65, segundo revela o inquérito publicado na revista «Saúde Mundial».

Nos Estados Unidos, as causas mais vulgares de acidente são: quedas (40 por cento), queimaduras (24 por cento), intoxicação (6 por cento), armas de fogo (5 por cento), fugas de gás (4 por cento), asfixia (8 por cento) e outras como electrocução e queda de objectos (13 por cento).

O género de acidentes varia de país para país e depende do padrão de urbanização e das facilidades disponíveis.

Nos países em desenvolvimento, as quedas são devidas frequentemente a iluminação fraca ou a varandas pessimamente protegidas.

Nas nações desenvolvidas, as quedas são consequências de escadas escorregadias, soalhos muito encerados e corrimões pouco firmes.

Candeeiros de petróleo tomados são uma causa frequente de queimaduras em países em desenvolvimento, enquanto em todas as nações, ricas ou pobres, a culpa é frequentemente de instalações eléctricas defeituosas.

Cerca de 90 por cento dos casos de intoxicação nos Estados Unidos ocorreram com crianças com menos de cinco anos e com maior frequência com crianças entre os 18 meses e os dois anos.

As crianças com um ano costumam engolir vernizes, pesticidas, produtos petrolíferos e corantes. As de dois a quatro anos tomam medicamentos, como aspirina, sendo as vítimas mais frequentes de casos de envenenamento.

Brinquedos e outros artigos para crianças podem, também, ser uma causa importante de desastres.

Mais conhecimentos, mais auto-disciplina e melhor inspecção sanitária podiam ajudar a reduzir os acidentes no lar, prossegue o inquérito da OMS.

Os pais deveriam ter cuidado em não deixar artigos potencialmente perigosos, como agulhas de tricotar, facas afiadas e medicamentos, ao alcance de crianças.

Os progenitores deveriam, também, ensinar aos filhos a manejar objectos pontiagudos e materiais que se incendiam facilmente.

Para os velhos, ter um sítio para se agarrar na casa de banho e melhor iluminação podem frequentemente evitar desastres graves.

Por vezes uma epidemia de determinado tipo de acidente pode ser debelada com um melhor projecto industrial.

Nos Estados Unidos, por exemplo, 100.000 pessoas ficaram cortadas em portas de vidro em 1963. Os fabricantes de vidro produziram uma porta mais resistente do que as anteriores e o resultado foi um declínio acentuado desse tipo de acidente nos Estados Unidos.

No Ceilão, o candeeiro a petróleo tem sido a causa de inúmeras queimaduras. Uma campanha para o fabrico de candeeiros mais seguros e mais baratos ajudou a reduzir o número de desastres dessa natureza.

QUADRATIM

ISABEL DA NÓBREGA

TRES POSTAIS DE PARIS

Germaine. Desci em Orly já de noite. O primeiro táxi da fila era guiado por uma mulher. Indiquei-lhe a direcção, S. Michel, e seguimos. Começou imediatamente a cantar, canções que ligava umas às outras, numa toada de fazer inveja à «cantora» Jeanne Moreau, ou à «cantora» Marie Laforêt, cujos fios de voz parecem sempre a ponto de quebrar.

Interrompi-a, pouco resignada a não lhe fazer perguntas... Percebi então esta coisa estranha: quando ela falava a voz saía-lhe cheia de defeitos, como se tivesse uma placa no palato ou na garganta. Não era a mesma. Seria por isso que cantava? Um modo de compensar?

— Tenho trinta e sete anos. Sim, o meu sonho desde criança era vir a ser cantora ligeira. Mas dantes não havia as facilidades de hoje... e eu não sou bonita. Gosto deste trabalho. Não, nunca tive problemas com passageiros, e decorreram sete anos! De resto canto todo o tempo, ninguém teria oportunidade para me dizer fosse o que fosse. O meu marido também é «chauffeur» de táxi. Não temos filhos. E arranjamo-nos com as folhas de serviço, porque os horários vão rodando, para termos ambos, de cada vez, o mesmo horário. (Triunfante!) Mas chego sempre a casa uns vinte minutos antes dele!

Logo encetou outra canção. Desconcertada, eu fitava a cabeça loira, o perfil agradável, o apuro da «toilette». Reuni coragem, debrucei-me de novo: «Desculpe...»

— Canto todo o dia, todo o tempo. Sim, em casa também, é como um tique. O meu marido ao princípio enervava-se, mas já se habituou. Não temos preocupações materiais. Quando estou triste? Oh, nessa altura canto canções mais tristes, é tudo...

Patrícia. No mesmo hotel do que eu. Para estudantes. Presença suave, fluida. Rosto quase apagado, quando em repouso. Expressão arrebatada se fala do que lhe importa — a dança, o estudo da dança primitiva. Patrícia é americana de Nova Iorque, e está há vários meses em Paris assistindo ao trabalho de diversos grupos, como seja o XXX, da Guiné.

Tem vinte e seis anos. Licenciou-se em Letras e Antropologia, não sei se na Universidade de Barkley, que frequentou. Sentiu-se tentada a pintar, chegou a expor, mas descobriu que não era uma real vocação e, não o sendo, mais valia aplicar-se a qualquer coisa que não a isolasse dos outros. Prática «ballet» desde os quatro anos. Propôs a um editor um longo estudo sobre a dança africana, suas implicações nas camadas profundas da cultura dos povos, e o caminho que a conduziu às raízes do próprio «ballet».

O editor aceitou, fez o contrato, mas não lhe adiantou o dinheiro, e o pai emprestou-lho. Irá provavelmente à África e ao Brasil.

O espírito tem estado desligado do corpo. Não nos era permitido encontrar a alegria através do corpo! Esqueçamos o corpo! Durante séculos. Agora essas experiências da droga, e da procura do espírito do Oriente talvez não sejam mais do que uma frustrada tentativa de fundir espírito-e-liberdade-do-corpo, digo corpo, importância do corpo, na sua nobreza. Não sei.

Tínhamos terminado o pequeno almoço na mesa grande, Consultou o relógio e saiu deslizando no seu passo de elfo. Em direcção às aulas. O professor desse dia era o chefe da «troupe» de danças Vodou, da Guiné, como julguei perceber.

Já no passeio, através da porta de vidro, acenou e sorriu com aquele clarão da alma toda, sinal de que faz o que quer, o que escolheu fazer, o que gosta de fazer.

Na véspera perguntara-lhe se tinha noivo. Só pensava casar daí a uns anos. «O casamento é continuação natural de uma vida adulta. Não é bom que venha antes de nós termos tomado a nossa vida nas nossas mãos». — Ela não chegou bem a dizer isto. Mas sei que era exactamente isto que queria dizer quando sorriu...

Mme Constant. É guardiã de um prédio na Rue des Grands-Augustins, meia dúzia de portas adiante do velho imóvel onde Picasso tem um andar. No prédio de Mme. Constant também vive um pintor, um grande pintor português; vive um dos maiores co-

leccionadores de pintura e dono de importante galeria, e outras nobres gentes.

Ela é o que comumente se usa, entre nós, chamar **porteira**. Mas essa palavra não lhe assenta nem com ela tem relação.

Direi porquê.

Da sua **loge de concierge** fez uma espécie de «living» enviaçado, a que não falta o confortável cadeirão onde o marido (empregado da Renault, empregado menor, mas chefe de pessoal) se instala à noite, lendo os jornais e fumando cachimbo. Não me lembro de ver «lustre» no tecto. Um candeeiro de pé, junto do cadeirão, outro, pequeno, sobre a secretária, um terceiro também bem colocado. Os quartos de dormir, não os conheço.

Sei que lhes casou uma filha, sei que têm, como tanta porteira cá, o seu automóvel, mas, como não têm as portei- ras cá, uma visão do mundo bastante curiosa.

Cada um deles vota num partido diferente, e em períodos de eleição lê cada um o seu jornal... Não obstante é um casal muito unido. Ambos impecáveis no vestir, e exprimindo-se com aquela facilidade e propriedade de termos das pessoas que lêem e que aprendem a criar opinião. O apuro de Mme Constant tem já qualquer coisa de... **rafiné**.

O seu natural à-vontade e presença de espírito explica que há anos haja sido convidada para algumas reuniões em casa do inquilino dono da galeria de arte, e tenha chegado a dançar com o pintor Max Ernst...

Parço estar a referir-me a um outro mundo, não pareço?

E estou.

Quando perguntei a Mme. Constant o que era que mais a interessava, respondeu-me: «A actualidade em geral. Não tenho muito tempo para me dedicar a outra actividade, e, não tendo conhecimentos profundos em nenhum ramo, estou sempre interessada na actualidade, no que vai pelo mundo, porque é o mundo em que vivo».

Uma vénia para Mme. Constant.

(Uma secreta-nésima-vénia para a França).

Um aceno da Europa.

Exclusivo "Le Monde"/DL

A "grande política chinesa" de Nixon

A «grande política chinesa» de Nixon, inaugurada vai para dois anos pela primeira viagem a Pequim do seu infatigável conselheiro, dá os seus frutos. No termo da sua quinta viagem à China popular, Kissinger conseguiu dar o que é de facto o último passo antes do estabelecimento de relações diplomáticas normais entre os países: a instalação de uma missão de ligação em Pequim, que, a não ser o estatuto, funcionará praticamente como uma embaixada, e a China fará o mesmo em Washington.

É certo que a situação se alterou profundamente no de-

curso dos últimos meses. O acordo de cessar-fogo no Vietname e no Laos modifica, com efeito, fundamentalmente a situação em todo o continente, fazendo desaparecer uma das principais acusações que a propaganda chinesa dirigia a Nixon. Dito isto Pequim tinha por norma não instalar uma missão em capitais onde se encontrem já embaixadas da Formosa: Washington constituirá uma excepção tanto mais notável quanto as ligações com os Estados Unidos poderiam sem demasiadas dificuldades ser asseguradas pela representação chinesa junto das

Nações Unidas em Nova Iorque. Da mesma maneira, verifica-se que o comunicado sino-americano não faz a menor alusão ao problema da Formosa. Kissinger anunciou mesmo que o seu governo não tinha «nenhum plano imediato de retirada» das tropas que aí mantém.

Seria sem dúvida prematuro concluir por essa razão que o conselheiro do Presidente Nixon não fez qualquer concessão aos seus interlocutores sobre este problema, que esteve muito provavelmente no centro dos seus problemas. Ao preci-

DL/NACIONAL

Comunicado do Sindicato doa Toureiros

A Direcção do Sindicato Nacional de Toureiros anulou as duas reuniões que tinha marcadas para hoje com o dr. Caetano de Carvalho, director-geral dos Espectáculos e com o dr. Silva Pinto do Ministério do Trabalho. Ainda a propósito da celeuma levantada pela canção «Tou-rada», recebemos o seguinte comunicado da Direcção do Sindicato:

«Só porque insistentemente lhe foi pedido é que a Direcção do Sindicato Nacional dos Toureiros Portugueses reuniu com alguns dos seus associados, com o único objectivo de através do diálogo, hoje na berra, decidir qual a atitude que deveria ser adoptada relativamente à «tourada» autoria da parêntese Tor-do-Ary dos Santos.

Porque esta conduta foi objecto de diversos comentários e de especulações que ultrapassaram os limites do razoável e do normal, entende a Direcção esclarecer a sua posição relativamente a este problema.

Dado que o poema é «satírico» e «desmistificador», — as excursões não são privativas das touradas, os cronistas também são mundanos e os marialvas e galifões de crista também fazem parte do mundo dos poetas — é por demais evidente que se pretendiam atingir outros

objectivos, que nada têm que ver com o espectáculo de touros: «Pegar o mundo pelos cornos da desgraça», na «Praça da Primavera».

Lamenta-se é que não tenha havido a suficiente coragem para pegar de «caras» o problema ou o «boi» e tenha procurado ridicularizar um espectáculo e seus intervenientes.

Por estas razões simples, o Sindicato Nacional dos Toureiros, nenhuma posição adopta neste caso e, muito embora não aplauda a escolha feita, espera que «tourada» esteja à altura das representações Nacionais, no Festival da Canção.

PRIMEIRA MISSA DO CARDEAL ANTÓNIO RIBEIRO

ROMA, 8 — (ANI) — O Cardeal Patriarca de Lisboa, senhor D. António Ribeiro, presidiu ontem à missa concelebrada por dezasseis sacerdotes portugueses na Igreja de Santo António, em Roma.

Estavam presentes o Cardeal D. José da Costa Nunes, os embaixadores de Portugal na Santa Sé, dr. Eduardo Brazão, e no Quirinal, dr. Armando Martins, diplomata de ambas as embaixadas e muitos portugueses, designadamente os que vieram de Lisboa para assistir à entrega das insígnias cardinalícias ao seu patriarca.

À homília, o senhor dom António Ribeiro — que celebrou acolitado pelo Rev. Padre Sesinando Rosa e pelo cônego Figueiredo — falou sobre o significado do período quaresmal, que ontem se iniciou e revelou o seu desejo de colocar sobre o altar as intenções de todos os presentes.

DESASTRE NA RUA CASTILHO

Esta manhã na rua Castilho, em Lisboa, de nome Margarida, que viajava de motorizada chocou com um carro quando este saíndo da sua mão, embora com cautela, pretendia estacionar no passeio de lado contrário ao da marcha. O carro é propriedade do dr. José Manuel Silva Albuquerque.

AFERIÇÃO DE PESOS E MEDIDAS

Por portaria do Ministério da Economia, foi designada a letra O para servir no afilamento de todos os pesos, medidas e mais instrumentos de pesar ou medir, entre 1 de Maio e 30 de Abril de 1974, excepto no concelho de Lisboa, onde aquela letra começa a ser empregada em 1 de Março, data do início da época de aferição.

CONTINUAM CANCELADOS OS VOOS DA TAP PARA FRANÇA

Continuam cancelados os voos da TAP para Paris, em consequência da greve dos controladores aéreos dos aeroportos franceses, que dura há dezasseis dias. Para os passageiros da linha Lisboa-Paris foi organizado por aquela companhia, de colaboração com a Air-France, um voo especial para Bruxelas, com ligação directa ao comboio que segue para a capital francesa.

Da TAP informaram-nos esta manhã que a situação se manterá enquanto não terminar a greve, dado que não existem garantias de segurança para os acções que sobrevoam a França. Do mesmo modo, continuam a ser desviadas para outros países europeus as carreiras da TAP que normalmente cruzam espaço aéreo francês. Enquanto se mantém o impasse nas negociações entre o Governo francês e os representantes dos controladores civis, para o estabelecimento de um acordo que permita pôr termo à greve, muitas companhias aéreas internacionais decidiram cancelar todos os voos para França ou com escala naquele país.

As últimas companhias a tomar esta decisão, até ao fim da manhã de hoje, foram a Air Canada e a Varig. Esta última suspendeu até segunda-feira os seus voos para Paris, passando a utilizar, também, o aeroporto de Bruxelas. Entretanto, a Sabena, companhia de bandeira belga, informou que assegurará normalmente os voos com destino a Paris, decorrendo de forma regular os serviços no aeroporto de Zaventem. Carros belgas e franceses, entre Bruxelas e Paris, foram postos à disposição dos passageiros.

174 MORTOS NO CARNAVAL DO RIO

RIO DE JANEIRO, 8 — Nos quatro dias de feriado do Carnaval, houve 174 mortes violentas na área do Rio de Janeiro, o que é «um número normal nesta altura» — no dizer de Nilson de Oliveira, presidente do Instituto de Medicina Legal do Rio de Janeiro.

No mesmo período 18 959 pessoas hospitalizadas, 5 113 das quais em resultado de acidentes e lutas.

Portugueses clandestinos a bordo

NOVA DELHI, 8 — No último fim de semana foram descobertos três passageiros clandestinos portugueses a bordo dum aparelho da companhia «Air-India», que fazia a carreira Bombaim-Londres.

Duas mulheres encontradas escondidas nos «toilettes» do avião, antes da escala em Bahréin. O terceiro, um homem, foi surpreendido quando a aterragem do aparelho no Cairo. Os três portugueses que se encontram em Londres devem ser mandados para Portugal pelas autoridades britânicas. (F. P.)

II Exposição de «design»

E inaugurada no sábado, às 11 horas, nos pavilhões da Feira Internacional de Lisboa, com a presença do secretário de Estado do Comércio, a II Exposição de «Design» Português, que estará patente ao público até ao dia 22.

O certame, que é organizado pelo Instituto Nacional de Investigação Industrial e tem o apoio do Fundo de Fomento de Exportação e da Associação Industrial Portuguesa, visa divulgar e promover o industrial de «design» junto dos industriais e do público.

SECÇÃO DO BARREIRO DA ASSOCIAÇÃO DE INQUILINOS

A secção do Barreiro da Associação dos Inquilinos Lisbonenses elegeu novos dirigentes em Assembleia-Geral, bastante concorrida que teve lugar no sábado passado. A nova direcção ficou assim constituída: efectivos: António Pires Pincas, Maria Manuela Lemos Salgueiro, Mário Batista Mendes Tojinha; suplentes: Joaquim Gameiro Lopes, Manuel Martins Felizardo e Torquato Laranjeira Rodrigues.

A "GRANDE POLÍTICA CHINESA" DE NIXON

Continuação da pag. 3

sar, como era aliás já indicado no comunicado de Xangai do ano passado, que o nível das forças americanas na Formosa será reduzido «à medida que diminuir a tensão na região». Kissinger deu a entender que a suspensão das operações no Vietname só poderá acelerar a

retirada dos americanos da ilha. É igualmente uma maneira de confirmar os dirigentes chineses no seu desejo de ver fielmente aplicados os acordos de Paris: um recomeço da guerra ao sul do 17.º paralelo, e mesmo no Laos, só poderia atrasar a realização daquilo que constitui agora, mais do que nunca, o seu objectivo nacional número um. Em todo o caso, é lícito admitir que tenham sido encarados em particular prazos para a evacuação da Formosa.

A discrição com a qual a viagem à China, de Kissinger, foi noticiada no U.R.S.S. é igualmente reveladora. Vistos de Moscovo, estes misteriosos conciliábulos têm algo de inquietante, e os dirigentes soviéticos não podem deixar de notar a convergência que se desenha entre a diplomacia americana e a chinesa em diversos sectores. Todavia, os efeitos benéficos que Nixon tinha tirado dos dois últimos

anos da sua política «triangular» deveriam fazer-se sentir também aí. O meio mais eficaz de que Brejnev dispõe para desviar o perigo de «colusão» entre os seus dois rivais é, com efeito, entrar por seu turno no diálogo e melhorar as suas relações com Washington.

Ora, precisamente, estas relações encontram-se um pouco paradas em diversos sectores: importantes acordos comerciais aguardam a luz verde de Nixon e do Congresso e as negociações de Viena sobre os armamentos estratégicos arastam-se, o mesmo acontecendo com as conversações sobre uma redução das forças na Europa.

Nenhuma destas dificuldades que actualmente se apresentam parece, porém, insuperável. Por isso, deveremos assistir a progressos, sobretudo se Brejnev decidir levar a efeito o seu projecto de viagem a Washington, prevista para este ano.

você vai ver!

JOSE FELICIANO

no **MONUMENTAL**

13 Março
"ao vivo"
2 espectáculos
18.30
e 00.30 h.

produção
nexus

restaurante 1900

uma cozinha de grand prix
(no autódromo do estoril)

Marcações: 241-559 • Encerrado à 2ª feira

MONUMENTAL DO MONTIJO M/6 anos

DOMINGO, 11 DE MARÇO, ÀS 16 HORAS

MONUMENTAL FESTIVAL DE LUXO
A FAVOR DO HOSPITAL DA MISERICÓRDIA

Eng. JOSÉ LÚPI
JOSÉ MESTRE BATISTA
FERNANDO A. SALGUEIRO — D. JOSÉ JOÃO ZOIO

PACO CAMINO
DAMAZO GONZALEZ
AMADEU DOS ANJOS
MANUEL ANTÓNIO

* FORCADOS AMADORES *

LISBOA — de NUNO SALVAÇÃO BARRETO
MONTIJO — de ANTÓNIO CECIO

8 Toiros da S. A. RIO FRIO

CARNAVAL

DRAMÁTICO DE CASCAIS

**SORTEIO DE 2 VIAGENS
AO BRASIL PELA VARIG**

NÚMEROS PREMIADOS: 14474

363

TV

HISTÓRIAS DA MÚSICA: UMA EMISSÃO QUE PRESTIGIA A INDÚSTRIA NACIONAL

Shirley, a jornalista irrequeita, partiu para Hong-Kong onde vai fazer uma reportagem sobre a vida dos soldados americanos naquela região. Fico perplexo. Que diabo farão os soldados americanos por sítios tais? Não é que o facto me preocupe muito, não sou pentágono, calha bem. Simples curiosidade, para tudo dizer. Com um bilião de ianques por segundo ao quadrado, se o director de Shirley lhe pede notícias urgentes da reportagem, é porque se trata de coisa com interesse universal.

Shirley lá vai mas, em lugar de nos dizer o que há com os «boys» defensores da América mete-se numa andanças perfeitamente fraudulentas a propósito de uns refugiados chineses que ainda têm parentes na Pátria. Sobre eles se faz chantagem, os desgraçados são obrigados a contribuir para o Fundo da Nova China, caso contrário...

Como se está a ver, ainda aqui não fugimos à regra.

Muito haveria por dizer sobre este assunto, mas hoje não vale a pena. Nem vale a pena fazer uma apreciação demorada à transmissão do desafio Vitória de Setúbal-Tottenham, feita por cadeia comercial uni-

camente para o nosso País.

Ignoro quanto terá a Televisão Portuguesa por este trabalho. Acredito, porém, que a RTP, dada a preferência que o nosso público manifesta pelas reportagens desportivas directas não tenha olhado a despesa para lhe oferecer esta prenda no dia de aniversário natalício.

Nisto de prendas, a importância vale pouco para os espíritos superiores. Há espectáculos, por exemplo, que custam rios de dinheiro e não fazem baixar a seu favor o prato da balança.

Para não irmos mais longe: a presença de Gilbert Bécaud custou, ao que se diz por aí, mais de 400 contos, enfim uma data de despesas sem contar com aquilo a que se chama valor intrínseco do rapaz, mesmo quando o rapaz, não canta o «l'important c'est la rose».

Começo a pensar em quantos programas como «Histórias da Música» se podiam fazer com os 400 quilos pagos ao Bécaud sem a rosa. Sei lá quantos, uma barbaridade, certamente. E no entanto, para ilustrar o aniversário da RTP melhor o fará António Victorino d'Almeida do que o tal Bécaud do Maria Matos.

Como se viu ontem.

AI ESTÁ:
UMA OBRA DE ARTE

Na realidade, «Histórias da Música» constituem hoje o programa de prestígio da Televisão Portuguesa.

Seria talvez injusto atribuir todas as vantagens e elogios a António Victorino d'Almeida. Não podemos esquecer o apoio e a compreensão que ele encontrou na RTP para a realização do seu trabalho. Esta compreensão manifestou-se, por exemplo, quando a RTP, indo ao encontro dos críticos e da opinião pública, transferiu «Histórias da Música» para hora de maior audiência. Manifestou-se ainda quando António Victorino d'Almeida, obrigado a deslocar-se de Viena



de Austria a Lisboa, viu postos à sua disposição os meios indispensáveis para não interromper o programa. Certamente, não se trata agora de discutir condições de trabalho e qualidade técnica. Há, nas histórias que nos vêm de Viena, maior segurança no relato feito pela câmara, maior recorte da imagem, melhor captação do som e tudo isso se reflecte, por sua vez, em maior segurança, confiança e auto-domínio de António Victorino d'Almeida. No entanto, devo dizer que surpreendeu a qualidade da emissão, no seu conjunto. Toda a sequência da visita à velha casa, uma espécie de descida aos infernos das ruínas, com a final libertação pela claraboia ao encontro das árvores e da luz, merece ficar como um dos mais belos trabalhos feitos na televisão portuguesa. Para já não falar de outras situações muito belas e significativas e para esquecer outras mais frouxas, como as recolhidas no jogo de futebol.

Em resumo: pode dizer-se que nesta sua versão portuguesa, «Histórias da Música» não atraíram o que nelas é fundamental: essa capacidade de organização e de comunicação que, na opinião de João de Freitas Branco, faz de cada emissão uma obra de arte.

Al está: uma obra de arte. Isso que não tem preço. Que não há dinheiro que pague. Ao jogar em António Victorino d'Almeida e nas suas «Histórias da Música», a Televisão Portuguesa está a jogar no número certo. Naquele de que pode retirar legitimamente algum orgulho.

ODIZER
E O CALAR

Ninguém ignora que um programa deste cariz dificilmente poderia fazer-se nos limites do nosso território. António Victorino d'Almeida pode fazer, entre nós, um número reduzido de programas, se quiser manter o figurino — sabendo como os génios da música não esco-



Por MARIO CASTRIM

lheram o ventre lusitano.

Em Portugal certamente para não se arriscar ao improviso de uma tarefa de maior responsabilidade e também para corresponder a uma compreensível exigência de ordem pessoal — António Victorino falou-nos de várias coisas (entre as quais a música) e de uma pessoa cuja influência lhe merece atenção: o professor Campos Coelho.

Felizmente, o responsável de «Histórias da Música» evitou todo o ar panegirista, assente em aspectos técnicos ou de valorização musical. De tudo, António Victorino d'Almeida salientou o grau de exigência a que o professor Campos Coelho o habituara e o amor pela música que, por essa via, acontecera. De facto, Campos Coelho quase não falou. Esteve ali como um símbolo do que pode fazer um homem quando entregue todo a uma determinada tarefa.

Também pensamos, como António Victorino d'Almeida, que um artista, um músico, não é um monstro, não é necessariamente alguém afastado da vida, longe dos outros homens, alheio às paixões e aos interesses mais comuns. Um artista, enquanto homem, não pode furtar-se aos gestos simples ou complicados que a sociedade ou a sua visão do mundo lhe impõem: ele vota (ou não vota) ele participa de um sindicato, ele interessa-se pela sorte e pela situação de outros homens.

Gostaríamos, certamente, de ver um músico actuar nesses diversos níveis para o imaginar em toda a sua humanidade, já que o futebol não chega. Já que o Benfica não basta. Às vezes poderá até acontecer que, o que se nos apresenta como um acto de convivência humana, se confunda com o desinteresse do verdadeiramente humano. Quando o prof. Campos Coelho nos fala do Benfica em termos de «o melhor do mundo» invade-nos — por que não dizer? — algum temor...

A gratidão de António Victorino d'Almeida não terá, creio bem, ficado justificada devidamente — e talvez isso nem interessasse muito ali. Talvez nem fosse o essencial. Talvez o essencial nem fosse mesmo o que ele disse de si próprio, de nós todos, deste mundo em que vivemos.

LEIA
motor



SAIU HOJE

VÁ AO TEATRO!!!

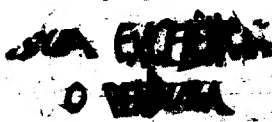
VASCO MORGADO recomenda os seus espectáculos

TEATRO Tel. 32 60 17

VARIEDADES

31.ª SEMANA

Grupo C M/ 14 anos
com JOSÉ VIANA
no protagonista



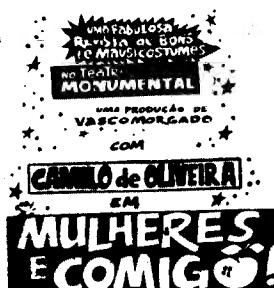
com DORA LEAL (revelação da temporada 72-73), Henrique Viana, Luís Santos, Manuela Casola, Maria Otília, Vítor de Sousa, Luís Pinhão, Cândido Mota, Carlos Rosa, Joaquim Miranda, António Semedo, Ana Le Matre, Jorge Nascimento e a colaboração de MARIA PAULA

2.ª e 4.ª feiras: 21.45 h.
3.ª feira: Descanso da C.
5.ª, 6.ª e Sábado: 2 sessões:
20.45 e 23 h.

Domingo: 16 e 21.45 h.

HOJE

2 Sessões: às 20.45 e às 23 h.
Telefone do teatro: 55 51 33



UM ÊXITO

com LINDA SILVA
CRISTINA CASSOLA
VITÓRIA MARIA



DOMINGO «matinée»
às 16 horas

TEATRO Tel. 32 74 93

CAPITÓLIO

11.ª SEMANA

Grupo D M/ 18 anos
Uma comédia inglesa com
FLORBELA QUEIRÓS

Sexo, nunca!
somos britânicos...

No elenco

IRENE ISIDRO
Carlos Duarte, Jorge de Sousa Costa, Norberto de Sousa, Fernanda Franco, Mariano, Fátima Miranda e, pela primeira vez em comédia OCTÁVIO DE MATOS

Encenação de
Maria Helena Matos

2.ª, 3.ª e 5.ª feiras: 21.45 h.
4.ª feira: Descanso da C.
6.ª, Sáb. e Domingo: 2 sessões,
20.45 e 23 h.

DOMINGO: «matinée» às 15 h.

gurmevit



o alimento mais saboroso
contra

"OS KILOS A MAIS"

gurmevit

permite emagrecer
sem "sacrifícios"



Porque foi criado o GURMEVIT? É um facto demonstrado em que estão de acordo tanto a classe Médica como os especialistas em nutrição de que o peso do corpo humano só pode ser diminuído mediante uma redução das calorias ingeridas. Ou seja: comer menos. O que infelizmente é mais fácil dizer do que fazer.

O que é o GURMEVIT?

GURMEVIT é uma refeição quente para preparação instan-

tânea, (não é necessário cozinhar) com diversos sabores que permitem escolher pratos variados e saborosos.

GURMEVIT é uma refeição completa satisfazendo o apetite como uma refeição normal mas não contendo mais de 100 calorias (uma refeição normal contém cerca de 1100 calorias) o que permite fazer uma dieta de emagrecimento, fácil, agradável e económica.

Os seus componentes são naturais (vegetais, cárnicos, etc.) e,

além disso, são enriquecidos com todas as vitaminas e oligoelementos indispensáveis ao organismo.

Qual o objectivo do GURMEVIT? Substituir integralmente uma refeição normal, 4 vezes por semana, de preferência ao jantar.

GURMEVIT proporciona uma economia de 4000 calorias por semana, ou seja, uma redução de peso equivalente a 400 g de gordura.

Representante exclusivo: INIBSA PORTUGUESA - Dep. Dietético - LISBOA

DL/ESPECTACULOS

CRÍTICA DE CINEMA

Lauro António

Os filmes de Carnaval

TÍTULO: O CANTICO DA NAVALHA (Er Più)

REALIZAÇÃO: Sérgio Corbucci, 1972 (Itália);

INTERPRETES: Adriano Celentano, Claudia Mori, Vittorio Capriolo, Lorenzo Fiorantini, Romolo Valli, etc...

DISTRIBUIÇÃO: Internacional Filmes

ESTREIA: Cinema Império (27.2.1973)

TÍTULO: OS NOIVOS DA MINHA MULHER (Los Novios de Mi Mujer)

REALIZAÇÃO: Ramon Fernandez, 1972 (Espanha)

INTERPRETES: Alfredo Landa, Esperanza Roy, Andres Pajares, etc.

DISTRIBUIÇÃO: Astoria Filmes

ESTREIA: Cinema Eden (27.2.1973)

TÍTULO: AS BALAS DO ÓDIO (These Damned Pounds of Gold)

REALIZAÇÃO: Rafael Marchent, 1972 (Itália)

INTERPRETES: Peter Lee Lawrence, Orchidea de Santis, etc.

DISTRIBUIÇÃO: Filmes Lusomundo

ESTREIA: Cinema Olympia (26.2.1973)

Na época de Carnaval, os programas de estreia de Lisboa prevêem-se de uma qualidade inqualificável. Para já,

referências a três novos filmes, todos eles abaixo de qualquer referência detalhada. As Balas do Ódio, Western italiano, novo relato de uma vingança, desta feita dirigido por Rafael Marchent e rodado (ao que se supõe) em Espanha. Uma lástima!

Os Noivos da Minha Mulher, de Ramon Fernandez: aqui se procura repetir a dose «delicadinho» de um «quinto» de triste memória. O «Delicadinho» é o mesmo, os processos semelhantes, o humor de carregar pela boca... Uma desgraça!

Um pouco mais complexo é o caso de O Cântico da Navalha, filme italiano, de Sérgio Corbucci, um homem que havia tido alguma felicidade ao colaborar com o célebre Tóto (recorda-nos um filme muito simples e linear, mas impagável: Tóto Carabiniere) e na rodagem de dois ou três Westerns made in Italy, cuja factura, inspiração e originalidade faziam supor um outro estilo e uma mentalidade bem diversa, daqueles que este Cântico da Navalha documenta lapidarmente.

Numa Roma de início de século, Adriano Celentano (que se estreara no cinema em Serafino, de Germi e que havia de actuar ao lado de Sophia Loren, em O Pecado,

de Latuada) é o «Super», de um bairro castiço, estilo Bairro Alto lá do sítio. Homem de grande culto pela honra pessoal, da família, do bairro, etc, etc, o «Super» quando tem alguma questão a resolver, resolve-a à navalhada. Com muita honra e ombridade. O filme é o elogio destes «belos velhos tempos» e, se alguém tivesse alguma dúvida, uma citação final tirá-las-ia por completo. Aí se afirma que, depois da morte do «Super», morte essa provocada, à tração, por um usuário a quem chamam «o chinês», e que é o representante da «nova Babilónia» (por isso mata com revólver), a navalha subiu ao céu e Roma transformou-se no caos que hoje é. Qualquer coisa neste estilo.

Num cenário de pacotilha, com os decors todos à mostra, Cântico da Navalha não consegue ser nunca uma comédia saborosa nem uma sátira inteligente. Elogio do marialvismo e da violência, esta película de Corbucci abre novas perspectivas (nada agradáveis) à sua obra anterior.

HOSPITAL DE SANTA MARIA

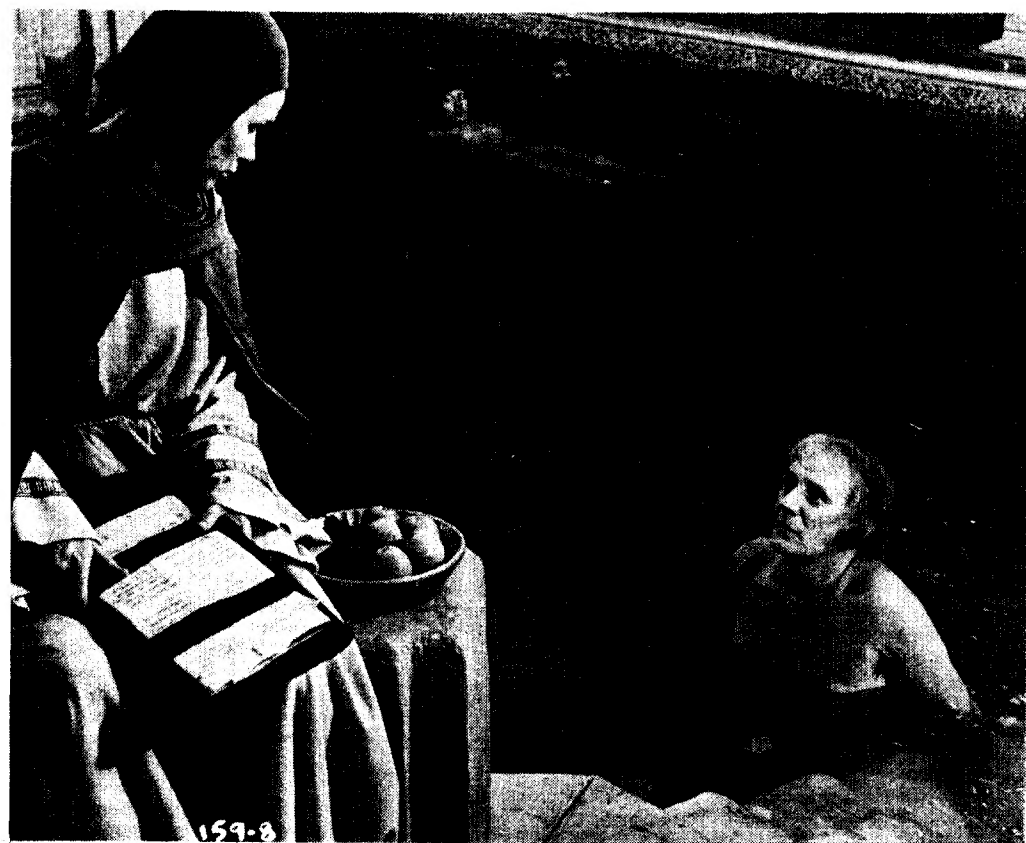
Foi designado vogal-administrador da comissão directora do Hospital de Santa Maria, o dr. Cristiano António Silva Barros de Freitas, em substituição do dr. Albano Enes Dias, que deixou as funções de provedor do mesmo estabelecimento hospitalar.

Teatro na URSS

MOSCOVO — 555 é o número de salas de teatro e de concerto que existem na URSS — segundo as estatísticas da UNESCO — prevendo-se para breve

No Alvalade à meia-noite

O Circulo de Cinema da Procuradoria dos Estudantes Ultramarinos promove, nos próximos sábado e domingo, a exibição dos filmes «Cidade Viscosa» (Fat City), de John Huston (antestreia absoluta em Portugal)



A "Papisa Joana" está em Lisboa

A «Papisa Joana» (Pope Joan), um filme de Michael Anderson que tem provocado polémicas acesas que transcendem, inclusivamente, a feitura do filme, tem a sua noite de estreia

marcada para hoje, em Lisboa, no cinema Império. «Lenda ou História»? A esta pergunta se não responde no filme: com ela foi rodada a película, o que é uma vantagem, à partida. Outra

garantia é a presença de Liv Ullmann, como protagonista, acompanhada de Olivia de Havilland, Lesley-Anne Down, Keir Dullea, Trevor Howard e Maximilian Schell.

Algueró (pai) à frente da Fidof

Augusto Algueró (pai) é o novo presidente da FIDOF (Federação Internacional para a Organização de Festivais de Canções), segundo se apurou, por votação, na última assembleia geral da organização, há dias realizada em Split. O vice-presidente eleito é Takis Cambas, conhecido organizador das Olimpíadas da Canção de Antenas.

Algueró (foto) substitui, assim, Augusto Marzagão, o homem que desempenhou, até agora, o cargo que o espanhol passa a ocupar.



"Com Jeito Vai"

«Com Jeito Vai... na Pandeega»: mais um filme da série «Carry On», está por cá, como não podia deixar de ser, já que ainda falta o próximo sábado para que se encerre o

Carnaval. Na foto, Kenneth Williams, um dos membros mais antigos da equipa, June Whitfield e Kenneth Connor numa das cenas do filme.

ABRE AMANHÃ O RESTAURANTE "DOM JAIME"

Calç. do Carriche, Lote 45



CINEMA NO MUNDO

USA

HOLLYWOOD — Jon Voight será o protagonista de «Conrack», um filme que Martin Ritt começa a rodar em Maio numa ilha ao largo da Georgia. A película será extraída da obra de Pat Conroy «The Water Is Wide».

HOLLYWOOD — Baseado no romance de Giles Tippet «The Bankrobber», Richard Fleischer vai realizar durante o Verão, na Espanha, o filme «Harry Spikes», com Lee Marvin no protagonista.

NOVA YORK — Richard Brooks rodará os exteriores do seu próximo filme na Tailândia e na Birmânia intitulado «Flowers of Evil». Não se trata, como poderia parecer à primeira vista de uma transposição para o cinema da obra de Baudelaire «Flores do Mal», mas da fixação na tela do livro de Alfred McCoy «The Politics of Heroin in South-East Asia».

INGLATERRA

LONDRES — Laurence Harvey é simultaneamente realizador e protagonista de um filme

Concerto de órgão

Prosseguem as comemorações do vigésimo aniversário da fundação do Centro de Estudos Gregorianos com um concerto de órgão, na Sé de Lisboa, que se realizará pelas 16 horas do próximo domingo. Será concertista o prof. Sibertin-Blanc, que interpretará obras de Bach e Haendel. A entrada é livre.



de «suspense» intitulado «Welcome To Arrow Beach», com Joanna Pettet na protagonista feminina. Stuart Whitman é, também, um dos intérpretes.

DINAMARCA

COPENHAGA — Alain Delon desempenha o principal papel num filme que está a ser rodado nesta cidade. Título: «Big Guns». Na foto, uma das cenas da película.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por João Silva, Vale-Serres-Ferreiras — ALBUFEIRA

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Vitor António Figueira, Rua do Penedo, 63-3º Esq.º — BRANDOÁ

DL/GERAL

Farmácias com semana inglesa

As farmácias da zona de Alvalade, Campo Grande e Lumiar, iniciam no sábado o regime de semana inglesa, com excepção daquelas que estiveram de serviço, de acordo com o respectivo turno.

Aderiram a esta medida as seguintes farmácias: Aeroporto,

Alameda, Alentejo, Alvalade, Avis, Belo, Brisália, Cartaxo, Celta, Central do Lumiar, Douro, Estados Unidos, Gasparinho, Líbia, Marbel, Matos Viegas, Neoterapia, Nova Iorque, Nova Lisboa, Paris, Patuleia, Rainha Santa, Rio de Janeiro, Sanex, S. João de Deus, S. Miguel, S. Tomé e Zil.

A "Grande Noite do Fado" abre hoje a bilheteira

Abre hoje, no Coliseu dos Recreios, a venda de bilhetes para a «Grande Noite do Fado» tradicional realização anual da Casa da Imprensa em que os fadistas amadores de idade compreendida entre os 15 e 30 anos põem à prova os seus talentos na luta pelo acesso ao profissionalismo.

Além de um belo cartaz de atracções e da presença das colectividades populares de Lisboa

e dos arredores, através das vozes dos melhores amadores fadistas, serão entregues ainda, na noite de 17 do corrente, no Coliseu dos Recreios os Prémios de Imprensa de Desporto e Tauro-maquia com que os jornalistas portugueses distinguiram, em referência ao ano de 1971, os nomes mais em evidência nos estádios e nos redondéis: Adélia Silvério, Carlos Lopes, José Henrique, Eng. Vasco Pinto de

Magalhães, Luisa Cavaleiro Madeira, Ricardo Chibanga, José Mestre Baptista, Grupo de Forcados Amadores de Lisboa.

A partir de amanhã divulga-

remos o magnífico elenco que vai emoldurar, nessa noite inesquecível, a primeira apresentação pública dos futuros continuadores de Herminia Silva e Alfredo Marceneiro.

Empresários espanhóis em Lisboa

Chega no domingo a Lisboa um grupo de empresários espanhóis, chefiados pelo presidente da Câmara Oficial de Comércio e Indústria de Madrid, que aqui se deslocam a fim de estabelecer contactos com empresários portugueses, através da Câmara de Comércio e Indústria Luso-Espanhola.

Permanecerão em Portugal durante uma semana, efectuando várias reuniões com industriais e exportadores, cujo programa está ainda a ser elaborado.

Professores portugueses visitam a N.A.T.O.

A convite dos Serviços de Informação da N.A.T.O., seguiram hoje para Bruxelas, a fim de visitarem a sede daquela organização e o S.H.A.P.E. os profs. Almeida Garrett e António Cruz, da Universidade do Porto; Guilherme Braga da Cruz, Alexandre de Oliveira Morujão e José Bavaldo Pacheco de Amorim, da Universidade de Coimbra, Fernando de Almeida, Paulo de Pitta e Cunha e Vasco Fortuna, da Universidade de Lisboa e José Mesquita Rodrigues e Pedro Teotónio Brauman, respectivamente, das Universidades de Lourenço Marques e de Luanda.

O grupo é acompanhado pelo dr. Pedro de Campos Tavares, secretário de educação da Comissão Portuguesa do Atlântico.



COMUNICADO
CINEMA

Não gostamos de prometer em vão.
Nem de garantir de ânimo leve.

MUNDIAL

Temos amanhã um filme a estrear,
que nos enche de legítimo orgulho.

É a última realização de Nanni Loy,
Aplaudida calorosamente pelo Público e Crítica.

Trata-se de uma comédia dramática
actual,
que põe em jogo a Justiça (Italiana).

À ESPERA DE JULGAMENTO

ALBERTO SORDI é o protagonista e obteve
o Prémio da melhor interpretação masculina
no Festival de Berlim de 1972.

SORDI vive a estranha situação de um
homem disposto a gozar umas involu-
dáveis férias, mas...

Uma pergunta se faz durante o filme:
—Têm ou não o inocente a possibilidade de se defender?

O problema é posto em causa como um
aguihão na consciência da Sociedade.

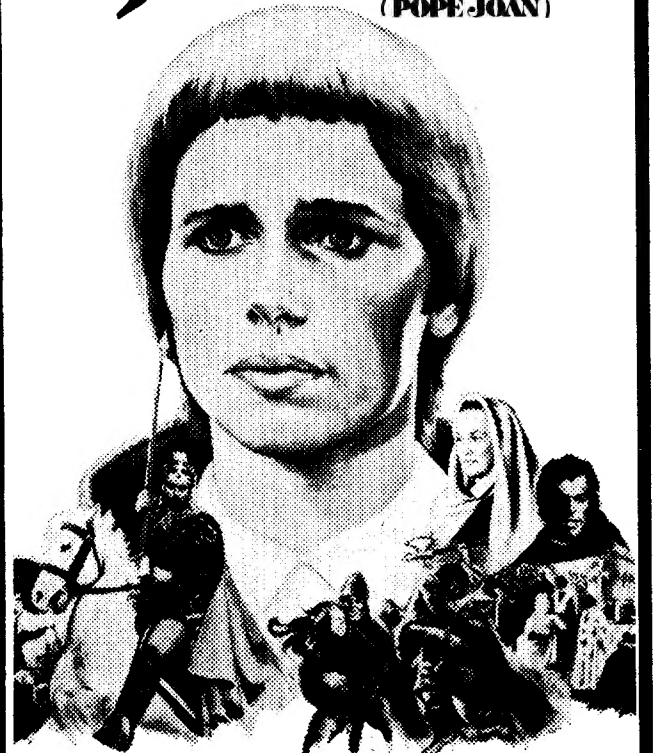
Repetimos: Não gostamos de prometer em vão.
Mas, abrimos agora um precedente...

Porque, na verdade, podemos garantir
a qualidade deste filme excepcional!

Um tema para maiores de 18 anos, já se vê...

HIPOTECAS
SOBRE PROPRIEDADES
FAZEM-SE COM RAPIDEZ
A CONFIDENTE
RUA DO OURO, 292, 1.º — Tel. 369384/5/6

**ELA
FOI
PAPA**
Heresia... ou Lenda?
**A PAPISA
JOANA**
(POPE JOAN)



UMA PRODUÇÃO DE KURT UNGER
com OLIVIA DE HAVILLAND · LESLEY-ANNE DOWN · KEIR DULLEA
TREVOR HOWARD · JEREMY KEMP · PATRICK MAGEE · FRANCO NERO
MAXIMILIAN SCHELL and LIV ULLMANN as POPE JOAN
Music. MAURICE JARRE JOHN BRILEY · LEONARD C. LANE · KURT UNGER
Realiz. MICHAEL ANDERSON Panavision®
Dist. por COLUMBIA & WARNER

HOJE
ESTREIA ÀS 21,30 NO **IMPERIO**

OS FAMOSOS E DIVERTIDOS "PÂNDEGOS" VÃO DE FÉRIAS...

E O **Carnaval**
CONTINUA
COM JEITO VAI...

**Na
Pândega!**

2ª SEMANA

NO **SÃO JORGE**



SIDNEY JAMES
KENNETH WILLIAMS
CHARLES HANTREY
JOAN CIMS
BERNARD BRESSLAU
BARBARA WINDSOR
KENNETH CONNOR
PETER BUTTERWORTH
JIMMY LOGAN
JUNE WHITFIELD
HATTIE JACQUES

COLORIDO

GRUPO D 18 ANOS

'carry on abroad



DL/NACIONAL

O CASO DE "O COMUNISTA"

Recursos para o Supremo e diligências militares

Apresentaram recurso para o Supremo Tribunal de Justiça os cinco ex-militares que o Plenário de Lisboa condenou a penas de prisão maior, por sentença de 27 de Fevereiro, em que eram dadas como provas a maioria das acusações que contra eles deduzira a D.G.S. e o Ministério Público: posse de armas e explosivos, auxílio e incitamento à de-

secação, propaganda política, ligações com a organização clandestina que publica os jornais «O Comunista» e «Cadernos de Luta Anti-Colonial».

Dois dos réus haviam sido condenados a seis anos de prisão, prorrogáveis por outros seis (nos termos da medida de segurança prevista no art.º 67.º do Código Penal): Licínio Pereira da Silva e José Vicente

de Sousa da Silva Dias, de 25 e 26 anos. No mesmo processo, António Cândido Coutinho Coelho e Luís Vilan Rodrigues tiveram penas de dois anos e meio de prisão. Rui Paulo da Cruz, publicista, foi condenado a três anos.

Condenados a pena maior, os réus têm de aguardar presos o resultado do recurso, que não pode agravar-lhes as condenações. No entanto, contra alguns deles está em curso uma diligência de instrução preparatória conduzida pelo Ministério do Exército.

EM JULGAMENTO

Proseguiu hoje, com sessões às 10 e às 14 e 30, o julgamento dos cinco acusados de ligações com os Comités Comunistas Revolucionários Marxistas-Leninistas e do licenciado em Direito que o Ministério Público diz ter pertencido ao Movimento Reorganizado do Partido do Proletariado. A audiência foi preenchida com depoimentos de testemunhas de defesa, entre outros passos processuais.

Festival Taurino no Montijo

MONTIJO, 8 — Na Praça de Touros desta vila, efectua-se no domingo um festival taurino, que visa a promoção do Montijo e cuja receita reverte para a Santa Casa da Misericórdia local.

Actuarão no festival: os cavaleiros Mestre Baptista, José Lupi, Fernando Salgueiro e D. João Zoio; os toureiros Paco Camino, Amadeu dos Anjos, Damazo Gonzalez e Manuel António; e os forcados amadores de Montijo e de Lisboa, sendo os touros lidados da Sociedade Agrícola de Rio Frio.



CASA DA COMÉDIA

R. S. Francisco Borja (às Janelas Verdes)

hoje e todos os dias às 22 horas, sábado e domingo às 16 horas

OH PAPA POBRE PAPA

a mamã pendurou-te no armário e eu estou tão triste...

De ARTHUR KOPIT.

Marc. T. 677299 — Maiores 18 anos — Subsidiado Fundo Teatro

3

PRODUTOS DE ALTA QUALIDADE

Arroz «TREVO»
Arroz «MOÇAMBIQUE»
Especiarias «TREVO»

AINDA A "TOURADA"

O cavaleiro tauromáquico D. Francisco Azarujinha responde a Torquato da Luz

Do cavaleiro tauromáquico D. Francisco Azarujinha, recebemos a seguinte carta:

Senhor Torquato

— Tenho muita pena que não seja D. Torquato. O Dom ficava muito bem ao nome de espadachim medieval, gritantemente aflagado, que por má sorte lhe coube em sorte.

Até julguei que fosse pseudónimo. Mas não: é de baptismo.

Se o seu padrinho lhe chamou mesmo assim, com q de cauda e tudo (a cauda pode também ter aparecido mais tarde, acontece muito...) — então o seu padrinho não tinha com certeza lido Freud e portanto não podia prever as implicações psicológicas e os azedumes que um nome assim pode causar.

Reconheço que não é justo um homem chamar-se Torquato e não ser D. Torquato... Por isso eu quero, dentro das minhas poucas possibilidades, corrigir o destino, e vou hoje, ao menos nesta carta, dar-lhe o Dom que tão bem ficaria ao seu nome, o que talvez o ajude a libertar-se de recalques agressivos.

A sua agressividade, D. Torquato, não me impressiona. Lembre-se de que estou habituado, na arena, a lidar com agressividade irracional e muito mais perigosa. Apenas lhe respondo porque, segundo me dizem, o meu silêncio não seria tomado por indiferença, mas como manifestação de covardia.

Há várias espécies de covardia, D. Torquato. E várias espécies de coragem. Nos duelos antigos, o ofendido tinha o direito de escolher a arma, o que decerto a si lhe parece uma incom-

preensível «trouxisse» da parte do ofensor... Mas a nobreza foi sempre assim, Senhor Torquato, cheia de trouxisses generosas e corajosas que os D. Torquatos não entendem. Se eu pudesse escolher a arma do nosso duelo, escolheria as bandarilhas — mas ferradas na arena, com risco de cornada a valer... Estará o D. Torquato disposto, como peão de brega que declara ser, a continuar na arena: o nosso diálogo? Receio bem que não. E até está no seu pleníssimo direito. A cada um o seu código.

Sou eu portanto, apesar de ofendido, que tenho ainda de levar a minha generosidade ao ponto de deixar o D. Torquato escolher a arma — e assim me vejo na necessidade de ter que me defender no seu próprio campo — o seu jornal, e com a arma que o Senhor diariamente maneja, a caneta! Ora veja lá o Senhor como a vida prega partidas à gente e como um pobre toureiro se pode ver em cornos de toiro para lidar uma inofensiva caneta!

Quanto ao meu comentário acerca dos poetas, é evidentemente que o Senhor o não entendeu. Não se pode ser bom em tudo e quem sabe tanto acerca de Sociologia e Literatura, não é obrigado a ter também um entendimento ligeiro.

Quanto se fala de «ser poeta» em oposição a ser «responsável», a expressão é usada, conforme claramente se depreende, em relação a uma atitude perante a vida e não à capacidade lírica de qualquer pequeno ou grande versificador. Camões, Pessoa e Lorca não são em nada chamados para este assunto. E mesmo Ary dos Santos não

foi por nós discutido na sua qualidade de poeta lírico pois todos nós nesse aspecto lhe reconhecemos o talento que tem. Apenas apreciamos a sua forma... poética, de encarar a vida e, no caso em debate, de encarar a Festa Brava. Consideramos de facto irresponsável a atitude de Ary dos Santos. Aliás ele próprio concorda connosco, pois em carta posteriormente publicada na Imprensa diária, tem o cuidado de afirmar que a letra dele não deve ser tomada à letra...

Nessa mesma carta, Ary dos Santos, disse também que a ganadaria dele «era outra». Mas não precisava de o dizer. Toda a gente sabe que a ganadaria desse talentoso poeta, e do seu círculo, é diferente da nossa.

Resta-me apenas lembrar ao D. Torquato, (que tanto sabe de História...) que a Festa Brava foi sempre, em Portugal, um dos fortes, um dos muitos, traços de união entre a nobreza e o povo.

O pó da arena e os vapores do tinto na adega, o chorar da guitarra e a voz rouca da fadista apaixonada e apaixonante, o fatalismo do fado, a galhardia dos cavaleiros e dos peões, a boémia vívida e cantada até ao romper do dia, tudo isso e muito mais são imagens e experiências que igualmente se enquadram na história comum e familiarmente vivida da aristocracia e do povo.

A Festa Brava não pertence só aos Marialvas, D. Torquato. Pertence também e sobretudo — ao povo português.

Francisco Azarujinha



Quando Mr. Sheraton se desloca, conta sempre com a sua base especial

A base onde o «relax» é conseguido em pleno — o Madeira-Sheraton! Alojamento confortável, rodeado do impecável serviço Sheraton, e uma escolha de diversões cosmopolitas que só o Sheraton proporciona: piscinas, bar inglês «The Pub», «O Farol», o night-club Sheraton e os requintes de mesa nos seus restaurantes «O Churrasco» e «Os Arcos» — o Sherafun...

Reservas: Lisboa 56 3911 • Funchal 31031



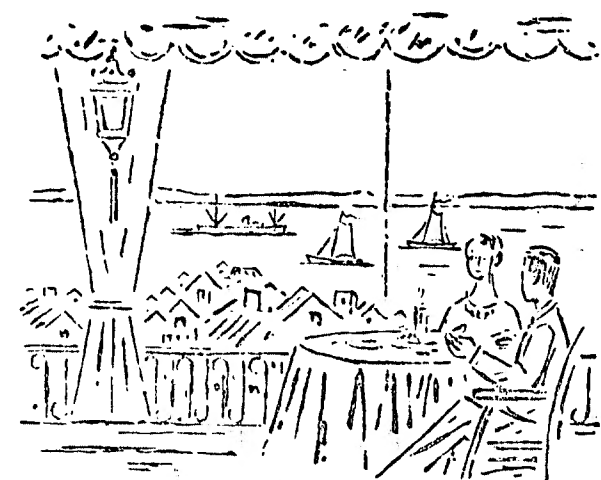
Madeira-Sheraton Hotel

SHERATON FUNCHAL Largo António Nobre - Telef. 31031

UM SERVIÇO MUNDIAL DA I.T.T.

restaurante

Varanda do Chanceler



A ABRIR BREVEMENTE TOTALMENTE REMODELADO

Largo do Chanceler, 7/A — ALFAMA LISBOA

ABRE AMANHÃ O RESTAURANTE

«DOM JOSÉ»

Calç. do Carriche, Lote 45



em 3 linhas

Foram nomeados orientadores de estágio dos alunos das Escolas do Magistério Primário de diversos distritos os professores incluídos na lista constante da folha oficial (2.ª série, n.º 55).

///

Está aberto concurso para preenchimento de vagas de desenho-chefe da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, que venham a dar-se no decurso de dois anos.

///

Foi nomeado, por dois anos, regente agrícola-chefe de culturas do quadro técnico da Universidade de Luanda o regente João Gilberto Vicente Alexandre.

///

O dr. António do Nascimento Gomes foi reconduzido, por novo período de três anos, no lugar de agente do Ministério Público do quadro da Magistratura do Trabalho.

///

Foi prorrogada, por mais um ano, a nomeação em comissão de serviço, da dr.ª D. Isabel Maria Antónia dos Santos Ferro, como técnico do quadro do pessoal da Secretaria-Geral da Presidência do Conselho.

///

Foram aprovados os estatutos do Centro Paroquial de Bem-Estar Social de Vira Cruz (Aveiro).

///

Foi declarada de utilidade pública urgente a expropriação das parcelas de terreno necessárias para a construção do edifício escolar de quatro salas dos núcleos de Rebordões e Picoto, na freguesia de Cucujães (Oliveira de Azeméis).

///

Foram fixados os documentos que devem acompanhar os pedidos de licenciamento de empresas para a realização de transportes internacionais, que serão dirigidos ao ministro das Comunicações. («Diário do Governo», 3.ª série, n.º 56).

///

As festas de Serpa, que todos os anos se realizam pela Páscoa, em honra da Senhora de Guadalupe, de Senhores de 21 a 24 de Abril, com um programa muito variado, que oportunamente será tornado público.

///

O Clube de Caçadores da Figueira da Foz efectua no domingo, dia 18, uma batida às raposas nas dunas de Quiaios, estando a concentração marcada para as 8 e 30, junto da casa florestal do mestre Figueiredo. A caçada será seguida de almoço no campo de tiro do clube.

As inscrições podem ser feitas na sede do clube ou pelos telefones 24567 e 23240.

O RECENSEAMENTO E A JUNTA DE FREGUESIA DE ODIVELAS

Enquanto a Junta de Freguesia da Ajuda nos envia um ofício a solicitar que recordemos aos seus paroquianos que os seus serviços se encontram abertos «nomeadamente para fins de recenseamento eleitoral» todas as segundas e sextas das 15 às 23 horas

e que no próximo dia 15 (último dia) estarão abertos até às 0 horas, informa-nos um leitor que a Junta de Freguesia de Odivelas não só não fixou horários noturnos para «fins de recenseamento eleitoral», como tem um horário aos sábados (das 9 às 12 e 30, segundo

está afixado no exteerior) que, pelo menos no passado dia 24 de Fevereiro, não foi cumprido, com prejuízo para algumas pessoas que se dispuseram a perder a manhã com o objectivo de se recensearem. Mais: na mesma Junta de Freguesia, informa-nos ainda aquele leitor,

uma senhora entregou um requerimento dactilografado, disposta a fazer prova que sabia ler e escrever, na presença dos funcionários, tendo-lhe sido dito que só poderiam receber requerimento se a assinatura fosse reconhecida pelo notário, dado que estava dactilografada.

do. Tanto quanto sabemos tal decisão não está baseada em qualquer texto legal e, portanto, constitui uma arbitrariedade da parte do funcionário ou da própria Junta.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Sofia Duarte — PAMPILHOSA DO BOTÃO

Vendido por Licar Assistido por Licar



2 vantagens extra para o seu Opel!



Comprar um Opel é muito mais do que comprar um automóvel. É comprar também vantagens extra. A qualidade Opel e a garantia de uma assistência eficiente, completa e total. Assistência Licar.

Porque a Licar criou um centro de assistência realmente à altura da Opel. Desde a dimensão das instalações, passando pelos modernos equipamentos electrónicos de medida e controle até à organização de mão de obra.

Um centro em que tudo foi pensado para sua maior comodidade, economia e rapidez de serviço. Para que o seu Opel tenha uma vida mais longa e saudável. O que também é uma forma de lucro, quando o quiser trocar por um novo Opel. E a Licar tem o maior interesse em mostrar-lhe os novos modelos Opel-Kadett, Rekord II, Manta, 1604 S e 1904 SR.

Por tudo isto, a Licar é uma

dupla vantagem para o seu Opel!

LICAR

CONCESSIONÁRIA PARA A LINHA OPEL

ASSISTÊNCIA: RUA DR. JOSÉ ESPÍRITO SANTO • CABO RUIVO • STAND: Av. CASAL RIBEIRO, 48A

DI/NACIONAL

MAIS UMA POSSIBILIDADE DE CURA EM 1975

Um acelerador linear no Instituto de Oncologia

O Instituto Português de Oncologia «Dr. Francisco Gentil», está a estudar as propostas de cinco firmas para o fornecimento de um acelerador linear, com base de licitação de 16 mil contos.

Quando se efectivar a sua instalação, o que apenas deve acontecer em 1975, Portugal passará a contar com dois aceleradores lineares.

O primeiro foi inaugurado em 15 de Dezembro e pertence a uma entidade particular; nestas condições, apenas existem em todo o mundo mais um ou dois aparelhos, pois o seu custo é muito elevado e a sua manuten-

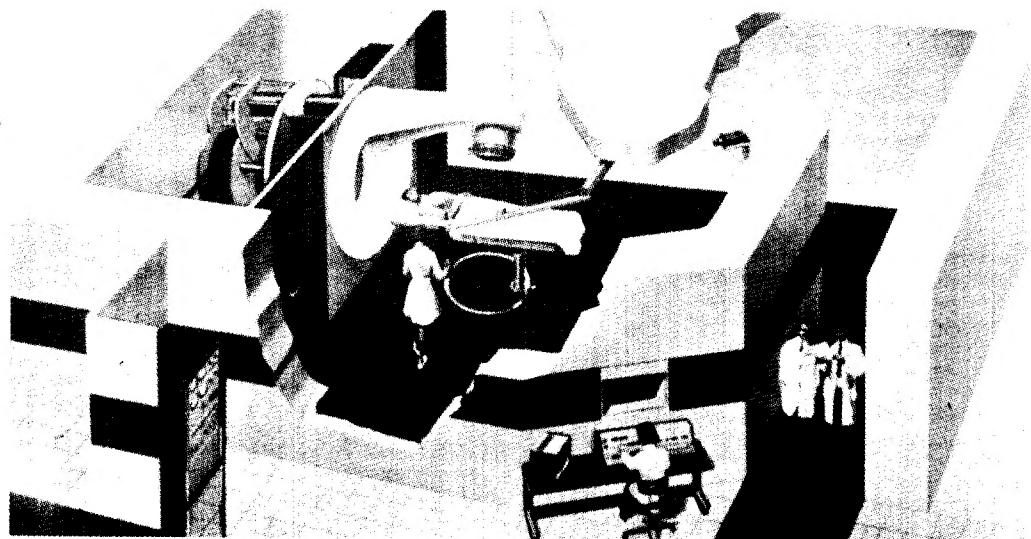
ção bastante dispendiosa. Mas o que é um acelerador linear? pergunta-se. O acelerador linear é uma das últimas inovações da tecnologia na luta contra o cancro.

O primeiro foi construído há cerca de vinte anos em Inglaterra. Com a guerra, os cientistas britânicos tinham desenvolvido extraordinariamente o sistema de radares. Então, o Governo trabalhista pediu a uma equipa de médicos para estudar a possibilidade de o aplicar à medicina. E desse trabalho de investigação surgiu o acelerador linear.

A sua radiação é muito

mais potente que o raio X ou o cobalto. A parte mais importante deste aparelho, segundo nos disse um técnico, é um tubo de cerca de 1,80 de comprimento. Aqui os electrões partem da velocidade zero e atingem a velocidade da propagação da luz, o que significa dizer 300 000 quilómetros por segundo. Com a evolução da técnica, este tubo que era fixo, tornou-se móvel, o que permite uma terapia rotativa para o paciente, em caso de necessidade.

O acelerador linear é telecomandado. Deste modo, evita que enfermeiros ou médicos fiquem sujeitos a ra-



Um doente em tratamento

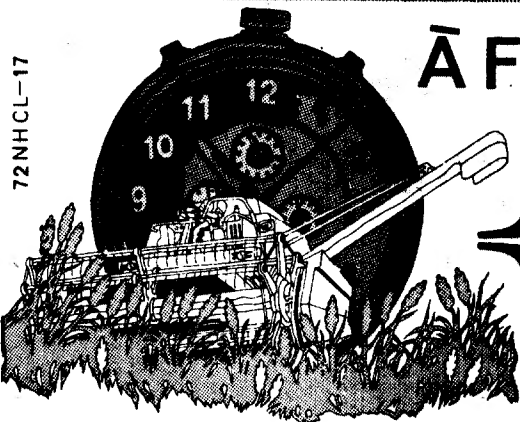
diacões. No momento do tratamento (à volta de 300 escudos por sessão), apenas o doente se encontra na sala, isto é, ele e a máquina. Lutando contra o cancro. Lutando contra a morte!

O acelerador linear só será instalado no Instituto por volta de 1975. Porquê esta demora? Por-

que só agora foram apresentadas as propostas; depois vão ser estudadas, apresentados projectos, etc. A própria fábrica levará bastante tempo a enviá-lo, pois estes aparelhos são feitos em pequenas quantidades e segundo a ordem dos pedidos. O acelerador linear existente em Portugal levou cerca de dois anos até entrar em

funcionamento. A montagem leva cerca de 3 meses e para o efeito deslocam-se a Portugal, expressamente, técnicos da fábrica construtora.

Portanto, a partir de 1975, o Instituto de Oncologia terá à sua disposição um acelerador linear. Mais uma possibilidade de cura para os doentes (cancerosos) que lá (e lhe) chegarem.



À FRENTE DO TEMPO COM
CEIFEIRAS

**NEW HOLLAND
CLAYSON**

EXISTE SEMPRE UM MODELO CLAYSON
ADEQUADO ÀS SUAS NECESSIDADES

SOLICITE-NOS INFORMAÇÃO COMPLETA

J. J. GONÇALVES, SUCRS. C. I. S. A. R. L. ao serviço da lavoura

AZINHAGA DOS LAMEIROS — (ESTRADA DO PAÇO DO LUMIAR) — LISBOA-4 — TEL. 794095/8



O imposto repetido

O que tínhamos previsto aconteceu e não demorou muito tempo. O proprietário deste veículo teve um acidente. Apesar de tudo não aconteceu o pior: carro virou-se, o tejadilho amolgou-se, o pára-brisas estalou, embora tenha ficado no lugar. Dos cinco ocupantes todos saíram ilesos. Só o proprietário é que ficou pouco contente: já tinha pago o seu imposto de automóvel e colado o selo respectivo no pára-brisas, como manda a lei. Agora que este tem de ser removido a prova de que tudo estava em ordem desaparecerá, já que não se torna viável descolá-la. Por isso, o dono do carro terá de voltar à respectiva Secção de Finanças, comprar outra estampilha e, se protestar, ouvir o que um automobilista já ouvira quando protestou: «Não se preocupe. Quem tem dinheiro para comprar um automóvel tem também para comprar muitos selos...»

Rotary Clube de Almada

Na última reunião do Rotary Clube de Almada, a que presidiu o arquitecto Castro Lobo, usou da palavra o eng.º Telmo Maria dos Santos, que abordou o tema «Construção, Urbanização e problemas afins». Na próxima reunião continuará a ser tratado o mesmo assunto, por outros rotários almadenses.

O homem africano

«O Homem africano» é o tema da conferência que o investigador guineense dr. António Batistá Ferreira realizará esta tarde, às 18 e 30, na Sociedade de Língua Portuguesa, rua de S. José, 41-2.º.

A entrada é livre, assim como o debate que se seguirá à exposição do conferenciante.

Os ladrões não tiveram Carnaval

Durante a quadra do Carnaval, os assaltantes estiveram particularmente activos na região do Porto. Assim, foram «visita-

CABEZA DE VACA ERA BÍGAMO

PARIS. — O Tribunal de Paris anulou o casamento do actor e escritor José Luis de Villalonga Cabeza de Vaca e Ursule Ditrach. Tinham casado em 29 de Janeiro do ano passado em Cuernavaca, no México, mas o actor na altura não estava ainda divorciado nem separado de corpo da sua primeira mulher, Priscilla Scott Ellis, com quem casou em 1945. Luis de Villalonga argumentara que a sua nova mulher estava ao corrente. Mas o Tribunal entendeu que não estava feita prova do facto e concedeu a Ursule Ditrach uma indemnização de 30 000 francos (165 contos). Ursule tinha pedido 500 000 francos (2750 contos).

Subiram os preços das rações para animais

MAFRA, 8 — Em circulares e novas tabelas distribuídas por empresas ligadas ao fabrico de rações, nomeadamente C. U. F. — Vitameal — Provimi — Acal, foi dado a conhecer que em consequência da alta de matérias primas destinadas à incorporação das mesmas rações — galináceas, bovinos, suínos, ovinos, etc. — foi autorizada a subida de preços que, em algumas

qualidades, comporta um aumento de 10 por cento a 15 por cento.

Mais se acrescenta nas circulares — das quais destacamos a da Vitameal Portuguesa, S. A. R. L. — que, «no entanto, com o intuito de colaborar no programa lançado pelo Governo contra a inflação, continuaremos a manter, os produtos da marca ao nível de eficácia»...

qualidades, comporta um aumento de 10 por cento a 15 por cento.

Mais se acrescenta nas circulares — das quais destacamos a da Vitameal Portuguesa, S. A. R. L. — que, «no entanto, com o intuito de colaborar no programa lançado pelo Governo contra a inflação, continuaremos a manter, os produtos da marca ao nível de eficácia»...

Mais se acrescenta nas circulares — das quais destacamos a da Vitameal Portuguesa, S. A. R. L. — que, «no entanto, com o intuito de colaborar no programa lançado pelo Governo contra a inflação, continuaremos a manter, os produtos da marca ao nível de eficácia»...

e furtaram diversos objectos em ouro, óculos, mil e duzentos escudos de duas caixas registadas que arrombaram a ainda outros artigos, tudo no valor superior a dez contos.

Também por arrombamento penetraram na tabacaria da sra. Maria Helena dos Anjos Gomes, na Rua do dr. Oliveira Salazar, em Santo Tirso. Furtaram de um cofre portátil a quantia de 8 mil escudos, duas caixas com livros de cheques e documentos. Estes foram, no entanto, abandonados no quintal da tabacaria.

Assaltaram também a residência da sra. Ilza Maria Ferreira Araújo, da rua das Margaridas, 29. Entraram por uma janela e furtaram três mil e quinhentos escudos e uma carteira com documentos vários.

Por meio de chave falsa entraram na residência do sr. Alfredo Ferreira, do bairro eng. Arantes e Oliveira, bloco 26, entrada, 447 casa 11 e de um cofre portátil furtaram uma carteira com mil escudos, um par de botões de punho em ouro, um anel e um rádio portátil.

Servindo-se também de uma chave falsa, os gatuños entraram na residência do sr. Amadeu Jesus Oliveira, no bairro dr. Nuno Pinheiro Torres, bloco 6, entrada 447, casa 21, de onde furtaram mil e quinhentos escudos e vários objectos em ouro.

Finalmente e ainda por meio de chave falsa, penetraram na residência do sr. Alfredo Ferreira da Silva, do Bairro das Campinas, bloco 13, casa 12 e furtaram apenas alguns objectos cujo valor não foi apurado.

Corpos gerentes dos metalúrgicos de Bragança

Foram eleitos os corpos gerentes do Sindicato Nacional dos Metalúrgicos do Distrito de Bragança para o triénio 1973-75.

Após a eleição dos dirigentes, o delegado do INTP naquela cidade dirigiu aos novos corpos gerentes «palavras de orientação e estímulo», segundo in-

forma o nosso correspondente, «com vista — disse — a conseguir-se uma melhoria na gestão dos serviços e engrandecimento do mesmo sindicato, que só com dirigentes dinâmicos e zelosos poderá ir ao encontro dos objectivos dos seus associados e justificar a finalidade para que foi criado».

Cinco placas de estacionamento para "Boeing 747"

Principiou há dias no aeroporto da Portela de Sacavém, a construção das cinco novas placas de estacionamento para «Boeing 747», obra avaliada em cerca de 70 mil contos e cuja utilização está prevista para os primeiros dias de Agosto.

As placas, com 400 metros de comprimento por 200 de largura, constituem a primeira fase de uma série de 37, destinadas àqueles aviões. Dentro de semanas, começará a construção de mais cinco placas, esperando-se que até ao final deste ano, o aeroporto possa contar com 15 placas.

Entretanto vai ser adjudicada a empreitada para a abertura de um túnel, que ligará o local de estacionamento das grandes aeronaves com a parte exterior do aeroporto. Este empreendi-

mento está avaliado em cerca de 50 mil contos. O túnel terá à volta de mil metros de comprimento e servirá apenas para os passageiros dos «Boeing». O percurso não deverá ser feito a pé, mas sim em pequenos carrinhos ou sobre uma grande passareira.

O Congresso de Projectistas e Consultores

Estão abertas as inscrições, até ao dia 15, para o I Congresso Nacional de Projectistas e Consultores, que decorrerá na Feira Internacional de 7 a 10 de Maio.

O Congresso tem como principal objectivo obter o reconhecimento oficial desta actividade e a sua promulgação.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Manuel Vinhas, Suc., Rua Sacadura Cabral, 3 — GUARDA

Repartição de Finanças de Grândola

Foi elevada a 2.ª classe a Repartição de Finanças do concelho de Grândola por Portaria do Ministério das Finanças publicada hoje no Diário do Governo.

O quadro ficará constituído por um secretário de Finanças de 2.ª classe, quatro aspirantes e três oficiais ou escrivães-dactilógrafos.

BRILHANTES
Do qual quer tamanho
preço a qualidade. Para
mim, muito bem.
GRANDE OUVESARIA
DA MODA
RUA DA PRATA, 257

Os trens de Sintra não irão para França

Uma participação da SEIT, no valor de dez mil escudos por cada um dos quatro trens que ainda existem em Sintra, vem resolver, pelo menos temporariamente, a situação em que eles se encontravam, devido à crescente preferência que os seus antigos utilizantes vinham manifestando pelos autocarros que embora menos poéticos transportam muito mais rapidamente a todos os locais da vila.

Diz-nos um dos donos de dois desses coches: — O negócio foi piorando. E então há dois anos a gente já não podia aguentar. Está tudo muito mais caro e um cavalo que a gente comprava por meia dúzia de contos custa agora vinte ou mais. Olhe só para o senhor perceber, sempre lhe digo que no ano passado tive trinta e dois contos de prejuízo.

Entretanto os donos dos tradicionais meios de transporte começaram a ser seduzidos por um negociante de cavalos que se interessou pela compra de todo o material, aí incluídos os animais. Mas o senhor José Gonçalves pensou que não seria conveniente vender sem que primeiro consultasse o presidente da Comissão de Turismo local e o presidente da Câmara. Assim o fez no começo deste Inverno. E o subsídio agora chegou.

AS DIFICULDADES

Quando para aqui vim começar neste negócio, há cerca de 19 anos — conta-nos José Gonçalves — comprei o trem

já com o cavalo engatado por treze contos. Havia nessa altura 17 proprietários. Mas eles foram-se abando, um agora, outro amanhã, e só ficaram quatro.

Mas, apesar do decréscimo da concorrência, o rendimento não subiu. Os cocheiros ficavam dias e dias, desde há cerca de cinco anos, parados na praça, olhando os excursionistas que passavam nos seus confortáveis autocarros, já de caminho traçado, almoço marcado, sem paciência nem tempo para devaneios «ultrapassados».

— E os cavalos não param de comer. Ora, se não trabalharmos não pode ser. Um cocheiro que eu aí tenho ganha seiscentos escudos por semana. E é preciso que a gente se lembre de que muitos anos começa a chover em Agosto e nem no Verão nos safamos.

Lembra-nos depois o preço das razões. Criar, ou alimentar, um cavalo em Portugal fica por uma fortuna.

— O que nos vale é o que temos por fora. E, por exemplo, de vez em quando faço uma viagem a levar cavalos a Paris e ganho uma média de trinta contos. Meto-me aí num vagão e lá vou eu. Só isso é que permitiu a gente aguentar-se durante tanto tempo. Agora o que é preciso é que o subsídio se mantenha. Ou que o turismo nos compre os coches que eu não me importo nada de ser empregado...

A terminar só um pormenor: a oferta pelo melhor dos coches subiu a vinte e cinco contos. Mas já tinha havido «compradores» até do Brasil.

Faltaram os travões morreu o motorista

PORTO, 8 — Foi autopsiado esta manhã, o corpo do motorista Manuel Guedes Vieira, de 60 anos, do lugar de Carvalhal, Pedroso (Gaia), cujo funeral se efectua amanhã para o cemitério de Pedroso.

Aquele motorista guiava uma camioneta, pertencente à Companhia Agrícola Comercial dos Vinhos do Porto (Ferreirinha) carregada com pipas de aguardente e, quando descia a Rua

Serpa Pinto, em Gaia, os travões do veículo não obedeceram. O motorista esforçou-se ainda por desviar a camioneta para uma parede, a fim de que batesse de lado para perder o ímpeto. Não o conseguiu, porém, e o pesado veículo foi embater violentamente num camião que seguia à frente.

O motorista ficou esmagado na cabina do veículo. Transportado ao Hospital de Santo António, ali chegou já sem vida. O ajudante, sr. Manuel da Cruz Pereira, que viajava ao lado do condutor saiu ileso do acidente.

Estratégia das Organizações

Num hotel do Estoril, iniciou-se hoje e prolonga-se até depois de amanhã, em regime residencial, o programa TOP, do Instituto Nacional de Investigação Industrial sobre «Estratégia e estrutura das organizações» — problemas de alta direcção. Participam numerosas entidades, nomeadamente administradores e directores gerais de empresas.

Porto de Setúbal

As tarifas provisórias da Junta Autónoma do Porto de Setúbal, aprovadas por Portaria de 3 de Janeiro de 1955, mantêm-se em vigor, por determinação do secretário de Estado das Comunicações e Transportes.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido no Café Havanese do Montijo, Rua Miguel Pais, 8 — MONTIJO

UM ESTILO NOVO

TAPETES PERSAS*

A PREÇOS REVOLUCIONÁRIOS

*COM CERTIFICADOS DE ORIGEM

A PERSIA ANTIGA

R. da Imprensa Nacional
116 B (à Esc. Politécnica)
Lisboa 2 — Telef. 674493

DI/ESTRANGEIRO

Relatório sobre a Zâmbia vai ser debatido no Conselho de Segurança

NAÇÕES UNIDAS (NOVA YORK). 8 (R) — O Conselho de Segurança inicia hoje, às 21 e 30 horas, um debate sobre um relatório de uma missão de quatro membros, que acaba de terminar um estudo da disputa fronteiriça entre Zâmbia e a Rodésia.

Uma das conclusões principais do documento é a de que Zâmbia necessitará de grande auxílio para levar por nova rota importações e exportações, transportadas antes através da Rodésia, e remetê-las e trazê-las em vez disso via Zaire, Malawi ou Tanzânia.

O relatório, que deverá ser hoje publicado oficialmente, afirma que os requisitos para tal incluem camiões, material rodante para os caminhos de ferro Zâmbia e do Malawi e vários tipos de facilidades, tudo no valor de cerca de 124 milhões de dólares (aproximadamente 3.100.000 contos), assim como condutores, mecânicos e outro pessoal.

As rotas de alternativa envolverão, também, maiores despesas de transporte, equivalente entre 31 e 39 milhões de kwachas (entre 1.250.000 e 1.562.500 contos) por ano.

Mais quatro milhões de Kwachas (cerca de 162.500 contos) por mês terão de ser dispensa-

dos para enviar alguns dos fretes por via aérea — assevera o documento.

Nota que, «para auxiliar a Zâmbia nesta grande tarefa de transportar por novas rotas importações e exportações, volume significativo de assistência técnica, incluindo pessoal operacional, precisará de ser fornecido».

Preparando o palco para um possível grande esforço de auxílio internacional, a secção económica do relatório conclui: «apenas assistência adequada e oportuna tornarão possível que a economia da Zâmbia se continue a desenvolver de uma forma normal».

O embaixador Chaidir Anwar Sani da Indonésia, presidente da missão para apuramento de factos que no mês passado percorreu a área, deve, segundo se espera, apresentar o relatório, redigido conjuntamente com os representantes principais da Áustria, Perú e Sudão junto da ONU.

Aguarda-se que os membros africanos do conselho de 15 países — Guiné, Quênia e Sudão — apresentem mais tarde uma resolução incluindo propostas para auxiliar a Zâmbia.

Observadores julgam provável que o conselho terminará o seu debate antes de partir no princípio da próxima semana

para a cidade do Panamá, a fim de efectuar uma série de sessões sobre problemas latino-americanos de 15 a 21 de Março.

A missão de estudo, que avaliou, também, os aspectos políticos da situação entre a Zâmbia e a Rodésia, foi criada pelo Conselho em 2 de Fevereiro, cerca de um mês depois da Rodésia fechar a fronteira com o seu vizinho do norte para acabar com a alegada infiltração de guerrilheiros africanos.

Quando a colónia dissidente britânica levantou mais tarde o bloqueio, a Zâmbia decidiu conservar fechado o seu lado da fronteira e levar por outras vias os seus comércio, incluindo as vitais exportações de cobre.

No seu estudo político, a missão de inquérito afirma que a chave para a solução do problema «está na aplicação de Governo maioritário no território da Rodésia do Sul, na concretização estrita das sanções mandatórias contra o regime ilegal da Rodésia do Sul e na materialização de resoluções relevantes do Conselho de Segurança com respeito a toda a área».

Moscovo dentro de 15 anos: Parcialmente subterrânea

MOSCÓVO, 8 (UPI-ANI) — Arquitectos russos estão a trabalhar num plano segundo o qual Moscovo será, no futuro, uma cidade parcialmente subterrânea.

Dezoito instituições moscovitas contribuíram já para a elaboração do plano, que levará para o subsolo da capital soviética restaurantes, teatros, cinemas, armazéns de venda ao público e salões de exposição — por meio de uma rede de túneis e de garagens de estacionamento.

O principal objectivo do plano é deixar a superfície mais espaços livres para parques e instalações de recreio e desporto segundo informação divulgada pela TASS.

Não foi ainda marcado o prazo em que o estudo deve estar concluído. Mas o plano enquadra-se estreitamente no grande esquema de desenvolvimento e alargamento de Moscovo, com vista aos próximos quinze ou vinte anos.

Ninguém sabe, por enquanto, calcular sequer a quanto montará o orçamento do grande empreendimento. Mas sabe-se que, além de

restaurantes, teatros e armazéns, os autores do plano preveem instalação subterrânea de piscinas, mercados, grandes depósitos de mercadorias, oficinas de reparações cabeleireiros e outros serviços públicos.

Os arquitectos urbanísticos que estão a trabalhar no projecto prevêem que o plano, uma vez concluído, terá libertado mais de 7200 hectares de área de superfície, o que equivale ao espaço que ocuparia uma avenida com cem de largo e 720 quilómetros de comprimento.

Os arquitectos sugerem que sejam construídos dois grandes túneis cruzados, cada um deles com quatro a cinco quilómetros de comprimento, por baixo da área central da cidade, aliviando assim, consideravelmente o trânsito no centro e a superfície, onde deixariam de verificar-se engarrafamentos.

No sistema de transportes com parques de estacionamento, capazes de abrigarem seis mil a dez mil automóveis, além de autocarros.

As paragens dos autocarros serão servidas por escadas rolantes, que levam os passageiros até ao local onde o autocarro para.

Por seu turno, o metropolitano de Moscovo, que é já o de maior movimento em todo o mundo, com os seus cinco milhões de passageiros em cada dia, será aumentado — no conjunto da Moscovo subterrânea — dos seus actuais 146 quilómetros, para 320 quilómetros.

Finalmente, o plano prevê uma nova instalação de abastecimento de água para servir a capital do subsolo, bem como novas canalizações de gás e de electricidade.

Condutas especiais levarão gasolina e óleos combustíveis às estações de serviço subterrâneas.

Mas há mais: uma rede completa de tubos pneumáticos será instalada na Moscovo do subsolo para transportarem as mercadorias desde os depósitos respectivos até aos locais de venda ao público, praticamente sem necessidade de mão de obra, a não ser nos pontos de partida e de recepção das mercadorias.

Dia Internacional da Mulher

MOSCÓVO, 8 (F.P.) — Leonid Brejnev, secretário-geral do Partido Comunista Soviético participou numa reunião solene organizada ontem no teatro Bolshoi de Moscovo, na véspera do Dia Internacional da Mulher que hoje se celebra. Durante a reunião, a Comissão das Mulheres Soviéticas foi condecorada com a ordem da amizade dos povos.

Valentina Tereshova, primeira mulher-astronauta e presidente da Comissão das Mulheres Soviéticas sublinhou numa alocução que, na URSS, as mulheres constituem metade do operariado empregado na produção, dirigem empresas e institutos de investigação, Kolkhozes e Sovkhozes.

O dia 8 de Março é feriado na União Soviética. Quantidades consideráveis de flores estão à venda, nomeadamen-

te mimosas, que os homens oferecem, tradicionalmente, ao «sexo fraco».

Na China celebra-se hoje também o Dia da Mulher. O «Diário do Povo», num artigo consagrado ao dia de hoje, afirma: «Continua a haver na China uma tendência para subestimar as mulheres a despeito da sua emancipação e da política seguida pelo Governo a fim de lhes dar igualdade com os homens em todos os domínios». As mulheres constituem uma grande força, diz, para deplorar que assim não sejam aceites por certas camadas da população. Persiste o hábito de não dar importância às mulheres não só no seu trabalho, mas também na sua vida doméstica.

A Agência Nova China cita outros artigos dedicados ao Dia Internacional da Mulher.

“Dezembro Negro” ameaça Indira

NOVA DELHI, 8 (FP) — O movimento pro-paquistanês «Dezembro Negro» teria enviado uma carta a Indira Gandhi indicando que seria «executada» se os 90 000 prisioneiros paquistaneses detidos na Índia não fossem libertados dentro de duas semanas, anuncia hoje o jornal «Patriot» (pró-soviético) de Nova Delhi.

O nascimento da «Dezembro Negro» provocou a criação na Índia, em Lucknow, capital do

Uttar Pradesh, de um grupo que tomou o nome de «Dezembro Branco» e que se propõe apoiar pela força a qualquer acção dos extremistas paquistaneses ou pró-paquistaneses.

Embora relativamente secundário, o caso provoca uma certa inquietação nos meios informados de indianos, onde se receia que a actividade e as declarações dos extremistas provoque um renascimento das querelas religiosas entre muçulmanos e indus.

GOLDA MEIR NOS EUA Tentativa de sabotagem de instalações israelitas

NOVA IORQUE, 8 (R.) — Três automóveis cheios de explosivos foram descobertos nas últimas 24 horas perto do terminal das linhas aéreas israelitas El Al, no aeroporto Kennedy, e de dois bancos israelitas na Quinta Avenida, segundo revelaram a noite passada fontes bem informadas.

A todos os três carros foi retirada com segurança a sua carga letal.

A Polícia e agentes do FBI estavam a investigar o caso — prosseguiram as mesmas fontes.

Elementos da brigada de bombas da Polícia de Nova Iorque encontraram os veículos perto do terminal de carga da El Al e fora do First Israel Bank e do Israel Discount Bank.

Detectives recusaram-se a comentar a anunciada descoberta de três automóveis com bombas e um deles observou: «É tudo muito confuso... O caso é tão confidencial que nada sabemos aqui».

Um informador do FBI, ao ser interrogado acerca dos três incidentes limitou-se a dizer: «Estamos a realizar uma investigação».

A descoberta das viaturas regista-se numa altura quando o dispositivo de segurança tem sido especialmente severo à volta de instituições judaicas e israelitas durante a visita da sr.^a Golda Meir, primeiro-ministro de Israel, aos Estados Unidos, que se acha presentemente em Nova Iorque.

Os explosivos descobertos no aeroporto Kennedy consistiam de três recipientes de plástico com 19 litros de gasolina, três garrafas com nove quilos de gás propano e dois sacos de plástico com explosivos. Estavam todos ligados a detonadores e escondidos na mala de um carro alugado.

Poucos pormenores se conhe-

ciam acerca dos automóveis estacionados fora dos bancos, mas uma fonte revelou que se julgava que os explosivos eram semelhantes.

Ambos os bancos envolvidos nos anunciados incidentes estão situados na área comercial mais elegante do centro de Nova Iorque.

ARAFAT ACUSA

CAIRO, 8 (UPI/ANI) — O chefe da Organização da Libertação da Palestina, Yasser Arafat, que o discurso feito na terça-feira pelo presidente do Sudão, Gaafar Numeiry, foi inspirado pelos Estados Unidos e teve por objectivo liquidar a resistência palestina.

Trata-se da primeira reacção da Organização de Libertação da Palestina ao discurso em que Numeiry acusou a Fatah de haver planeado o ataque à embaixada saudita em Cartum.

No seu telegrama, Arafat solicita ao presidente Sadat que apoie os palestinos contra as conspirações de que estão a ser alvo.

Troca de prisioneiros no Vietname

SAIGÃO, 8 (R) — Outro obstáculo no caminho da materialização do cessar-fogo, cheio de problemas, foi ultrapassado hoje com o início da segunda fase das trocas de prisioneiros de guerra vietnamitas.

Nessa segunda fase, que devia principiar originalmente há dez dias, um total de 6300 prisioneiros de guerra do Vietcong e norte-vietnamitas será trocado por 1250 soldados de Saigão durante os próximos quatro ou cinco dias.

Os primeiros 500 prisioneiros comunistas estavam a ser libertados em Quang Tri, perto da

zona desmilitarizada.

Ontem, pareceu que a entrega de prisioneiros poderia correr risco devido a ter-se anunciado travar-se renhida luta na área de Quang Tri. Anunciou-se que artilheiros comunistas dispararam 1900 granadas de artilharia e de morteiro contra posições de forças governamentais aéreo-transportadas. Contudo, oficiais americanos em Saigão comunicaram que não tinham ocorrido hoje combates perto dos locais das trocas de prisioneiros e que não havia razão por que a entrega de cativos comunistas não devesse realizar.

CALEIDOSCÓPIO

AUMENTO DE SALÁRIO MÍNIMO

— O Governo espanhol aumenta a partir de 1 de Abril o salário mínimo diário dos trabalhadores espanhóis, para 180 pesetas — revelaram ontem círculos financeiros. O mínimo diário actual cifra-se em 152 pesetas e a verba costuma ser ajustada anualmente. Nos círculos financeiros anunciaram que o aumento substancial é derivado da subida crescente do nível de vida na Espanha: a inflação no ano passado foi calculada em mais de 12 por cento. Os mesmos círculos informaram também que a organização sindical tinha exigido um mínimo de 200 pesetas. Os valores não puderam ainda ser confirmados oficialmente (UPI e ANI).

PROBLEMAS

— Três generais gregos reformados de tendência realista, foram chamados ontem pela Polícia militar: Andreas Vardoulakis, Sofocles Tzanetis e Andreas Erselman. Presos em tempos por actividades pro-monarquia, estes três generais tinham assinado com mais seis colegas um comunicado em que se afirmavam inquietos e indignados perante a atitude do

Governo em relação aos problemas educacionais. (FP).

INTIMIDAÇÃO: 15 MORTOS

— O incêndio registado esta madrugada num clube nocturno de Brisbane em que morreram 15 pessoas foi provocado deliberadamente, segundo anunciou a Polícia. O incêndio foi precedido pela explosão de dois tambores de gasolina deixados à entrada do clube «Whisky à Go Go» e a Polícia pensa que os tambores foram ali colocados por «gangsters» que pretendiam intimidar os proprietários e extorquir-lhes dinheiro. (R).

A «MISS» DEVOLVEU A COROA

— A rainha de beleza negra do Utah devolveu a coroa, acusando o concurso para a eleição de «Miss Negra Americana» de ser outra forma de explorar os mulheres da sua raça. Denise Capel, de 19 anos, estudante da Universidade de Utah, afirmou que o concurso explorava as mulheres negras para conseguir «influência, publicidade e lucros». Numa carta aberta aos organizadores do concurso em Los Angeles, Denise renunciou ao seu título e acrescentou: «Com a vossa ganância, tendes-vos afastado do vosso objectivo original — louvar a mulher negra e não explorá-la». (R).

INCÊNDIO NUM HOSPITAL

— Perderam a vida 13 mulheres, internadas num hospital, de quatro andares em Kitakyushu (Japão) quando um incêndio devorou hoje o centro médico. Bombeiros comunicaram que 11 das vítimas, a maior parte mulheres idosas, morreram sufocadas logo que principiou o fogo e duas outras vieram a falecer mais tarde noutro hospital. Todas dormiam no último andar do edifício quando as chamas alastraram rapidamente por todo o hospital, após o incêndio ter começado numa sala de jantar no primeiro piso. Cerca de mais 100 pessoas ficaram feridas, 30 delas gravemente. (R).

DL/ESTRANGEIRO

ELEIÇÕES FRANCESAS

Apelo dramático de Messmer para o segundo escrutínio

PARIS, 8 (FP) — O primeiro-ministro Pierre Messmer fez ontem um dramático apelo aos franceses para que oponham uma «barreira ao marxismo totalitário», no segundo escrutínio do próximo domingo. O apelo vem no momento mais crítico, naquele em que o Governo se vê apenas com 38 por cento dos votos da primeira volta, quando a esquerda unida obteve 47 por cento e os centristas do movimento reformador, 12,5 por cento. Segundo os observadores, a divisão das circunscrições e esses resultados indecisos deixam a porta aberta a todas as possibilidades. Por isso, o ministro do interior, Raymond Marcellin disse ontem que «a esquerda pode ganhar».

O apelo de Messmer dirigia-se sobretudo aos eleitores e aos candidatos centristas que, embora sejam contra o Governo, receiam uma aliança com a coligação da esquerda. Assim, os centristas passaram a ser os «árbitros», mas a sua ajuda tem um preço: uma política mais social e mais favorável a uma Europa unida do que aquela que os gaullistas no poder tem vindo a praticar há 15 anos.

Sabe-se que no primeiro escrutínio só foram eleitos definitivamente 58 deputados dos 490 da nova Assembleia. O resto vai ao segundo escrutínio. Em 325 circunscrições, vai travar-se, assim, um duelo entre os candida-

tos dos partidos governamentais e os da esquerda unida, comunistas ou socialistas. Em 127 circunscrições, os eleitores do centro são os árbitros. Se os seus candidatos se mantiverem, dividem a direita e o centro perante o candidato único da esquerda.

Jean Lecanuet, chefe dos centristas — reformadores, pediu aos homens do seu partido para não manterem as suas candidaturas, quando assim possam favorecer o candidato da esquerda. Negou, no entanto, que, entre ele e o Governo, houvesse negociações sobre esse assunto. Porém, os comunistas dizem que foi concluído um verdadeiro «pacto». Jean Lecanuet disse ontem na rádio que entraria no futuro Governo, se o presidente Pompidou desse à sua política um «estilo novo, com homens novos e uma política social ousada, susceptível de fazer recuar a esquerda».

Lecanuet, um senador de 53 anos, antigo presidente do Partido Democrata-Cristão francês, hoje desaparecido, e ex-candidato à presidência contra De Gaulle, tornou-se, nas últimas 48 horas o político mais evidência no país. Se a sua operação vingasse e se, efectivamente, os centristas pudessem ter uma influência, a política de Pompidou tomaria os rumos seguintes:

Seria mais social e as despesas militares reduzir-se-iam 25

por cento.

Seria mais «europeia», pois Lecanuet pretende acelerar a integração política e económica da Europa.

Seria mais «atlântica».

Essa política seria mais um passo para afastar o Governo das grandes opções do gaullismo ortodoxo, que desejava alcançar uma rigorosa independência da Europa perante os Estados Unidos e se opunha à integração política europeia.

Em política interna, Lecanuet acha que as forças autênticas do centro devem ser reagrupadas. Mas, na altura em que a coligação de esquerda parece solidamente unida, os observadores interrogam-se quando e como Lecanuet poderá efectivamente alargar a «federação dos centristas» que deseja.

Para evitar a dispersão dos votos da direita, do Governo e do centro, os centristas-reformadores retiraram do escrutínio do próximo domingo um deter-

minado número dos seus candidatos e, em troca, alguns partidários do Governo aceitaram desistir onde o centrista pareça em melhor posição. Foi esse o caso na própria circunscrição de Lecanuet, que agora parece ter a certeza de ser eleito. Mas há ainda 98 circunscrições onde, no domingo se defrontarão um candidato governamental, um centrista e um da esquerda unida. Mas, nas próximas horas — diz-se nas esferas políticas — pode-se assistir a mais combinações.

O órgão oficial do Partido Comunista apelava ontem para os seus eleitores. «Cada voto conta» — dizia. Evitava, no entanto, prever a vitória. O jornal limitava-se a considerar que os comunistas têm uma posição favorável em 92 circunscrições e os socialistas em 88, o que prefaz um total de 180 lugares, quando a composição da Assembleia terá 490 membros.

Altmann considera a sua detenção um "erro jurídico"

LA PAZ, 8 (R.) — O comerciante, naturalizado boliviano, Klaus Altmann, declarou numa entrevista a um jornal publicada ontem que a sua detenção pelas autoridades bolivianas era «um erro jurídico».

O jornal da tarde «última hora» que publica a entrevista, cita também Altmann como tendo dito: «O meu nome e a minha identidade verdadeira é Klaus Altmann. Usei o nome de Klaus Barbier somente durante a guerra».

Altmann foi preso em La Paz na passada sexta-feira após o acusador público ter dito que Klaus admitira ser Barbie — antigo chefe da Gestapo na Segunda Guerra Mundial em Lyon e condenado à morte à revelia

por acusações de tortura e assassínio de combatentes da resistência.

O acusador público declarou que ordenara a prisão de Altmann devido a um rumor de que ele poderia fugir do país para escapar à extradição pedida pela França no princípio do ano passado.

Na entrevista, concedida na sua cela prisional, Altmann desmentiu a intenção de fugir.

Altmann declarou ao jornalista entrevistador ter ficado surpreendido com a sua prisão «por uma história de guerra que já tem 30 anos», e acrescentou: «Tenho a impressão de estar a ser interrogado por um juiz francês e não por um acusador boliviano».

Feijões em vez de ouro

WASHINGTON, 8 (UPI/ANI) — O secretário norte-americano do Tesouro, George Schultz, afirmou que os feijões poderão substituir o ouro como padrão de riqueza internacional se os preços dos produtos agrícolas continuarem a subir.

A observação de Schultz provocou fortes gargalhadas dos industriais norte-americanos que

participaram na conferência efectuada em Washington.

«Quando o preço dos feijões chegar ao nível do ouro poderemos estabelecer o padrão-feijão» — declarou Schultz.

O preço dos feijões duplicou este ano em relação ao ano transacto, em grande parte devido às quantidades exportadas para a URSS.

Votos de reformadores para os socialistas

PARIS, 8 (R.) — Os candidatos de gaullistas podem esperar sólido apoio do eleitorado reformista no segundo escrutínio das eleições gerais francesas, embora uma parte prefira votar num candidato socialista, segundo um inquérito hoje publicado.

Esse inquérito, divulgado pelo jornal «Aurore», mostra que cerca de 25 por cento dos eleitores que no primeiro escrutínio votaram reformista preferem no segundo escrutínio dar o seu voto a um socialista e, portanto, à frente unida da esquerda em vez de apoiarem a maioria gaullista, conforme lhes foi solicitado pelo chefe reformista Lecanuet.

Por outro lado, a sondagem mostrou que muitos eleitores socialistas estão reticentes quanto a darem o seu voto ao candidato comunista que no segundo escrutínio beneficiará da resistência de um socialista.

Apesar do acordo entre os chefes socialistas e comunistas sobre um programa eleitoral comum, apenas 55 por cento dos eleitores socialistas declararam estar dispostos a votar comunista no próximo domingo se a eliminação por entre um comunista e um reformista. Tratando-se de um confronto a disputar com um candidato gaullista eleva-se a 58 por cento o número de socialistas dispostos a dar o seu voto ao candidato comunista, mas, de qualquer forma, 7 por cento dos eleitores socialistas preferem votar no candidato gaullista e 20 por cento no reformista a contribuírem para a eleição de um comunista.

Três conferências monetárias internacionais

PARIS, 8 (F. P.) — Três conferências monetárias internacionais em quatro dias: hoje em Bruxelas, os «Nove», amanhã, sexta-feira, em Paris os «Nove» com os Estados Unidos, o Canadá, o Japão, a Suécia e a Suíça, e no domingo, em Bruxelas, outra vez os «Nove».

Hoje em Bruxelas os «Nove» têm como objectivo principal «harmonizar» as suas posições perante os Estados Unidos — tarefa difícil pois têm de chegar a acordo quanto ao que pensam pedir aos Estados Unidos e também quanto ao que estão dispostos a aceitar dos pedidos que estes lhes façam em troca.

Os «europeus» gostariam que Washington aceitasse assumir de novo a responsabilidade da sua moeda cujo valor está agora a nível «realista». Porém, os Estados Unidos recusam-se precisamente a assumir este género de responsabilidade porque as suas reservas não estão nada proporcionadas aos 80 biliões de dólares que andam em giro pelo mundo e também porque estes 80 biliões de dólares são um meio de pressão sobre os outros países do mundo.

Por outro lado, os Estados Unidos que há dois anos rejeitam o papel de réus passam a acusadores e colocam-se no pla-

no comercial e no plano de defesa da Europa quando são atacados no plano monetário.

De qualquer forma, se os Estados Unidos aceitarem fazer um gesto para apoiarem o dólar, o que não é nada certo, seria preciso que os outros países os ajudassem, ao menos emprestando-lhes divisas (Swaps) segundo modalidades a definir.

Paralelamente, a reunião de hoje em Bruxelas deve prosseguir no estudo de uma solução europeia da crise, como foi definido no domingo passado pela comissão das comunidades. A solução deveria ser uma flutuação combinada das moedas dos «Nove». Mas não se vê bem como poderá haver acordo a este respeito. A Grã-Bretanha põe condições draconianas (em particular a de um auxílio limitado europeu de apoio à libra esterlina), a Itália, por seu turno, prefere deixar a lira flutuar ao nível mínimo. A França não quer perder nenhuma vantagem comercial com a flutuação combinada e a Alemanha fala em pôr o marco a flutuar sózinha.

Só depois da última reunião dos «Nove», no domingo, será possível tirar conclusões. Até lá todas as possibilidades estão abertas, incluindo a de um sucesso.

72 CONTOS POR MÊS CUSTA O DIVÓRCIO DE BÉCAUD

PARIS — Gilbert Bécaud está divorciado. Um tribunal de Paris pronunciou hoje o seu divórcio de Monique Nicolas, a quem deverá pagar uma pensão alimentar de 13 000 francos (cerca de 72 contos) por mês, mais 4000 francos (22 contos) para a manutenção da residência em que Monique vive.

Foi a mulher de Bécaud que pediu o divórcio.

A guarda dos filhos — Gilbert, 20 anos, Philippe, 16 anos, e Ana, 7 anos — ficou confiada ao pai. A mãe tem o direito da visita e convivência com os filhos em sua própria casa, por períodos.



**DR. LUÍS TEIXEIRA
DE QUEIROZ DE BARROS**

PARTICIPAÇÃO E MISSA DO 7.º DIA

A SOCIEDADE DE INICIATIVA E APROVEITAMENTOS FLORESTAIS, S. A. R. L. (SIAF), tem o desgosto de participar o falecimento do seu Presidente do Conselho de Administração, Ex.^{mo} Sr. Dr. Luís Teixeira de Queiroz de Barros, por cuja alma será celebrada missa do sétimo dia, amanhã, sexta-feira, às 18.45 horas, na Igreja de Santa Isabel.



**DR. LUÍS TEIXEIRA
DE QUEIROZ DE BARROS**

PARTICIPAÇÃO E MISSA DO 7.º DIA

A SOCIEDADE NACIONAL DE FÓSFOROS, S. A. R. L., tem o desgosto de participar o falecimento do seu Presidente da Mesa da Assembleia Geral, Ex.^{mo} Sr. Dr. Luís Teixeira de Queiroz de Barros, por cuja alma será celebrada missa do sétimo dia, amanhã, sexta-feira, às 18.45 horas, na Igreja de Santa Isabel.



DR. LUÍS TEIXEIRA DE QUEIROZ DE BARROS

Os Corpos Gerentes da Companhia das Águas de Lisboa cumprem o doloroso dever de participar o falecimento do seu saudoso Presidente da Mesa da Assembleia Geral ocorrido em 3 do corrente e que amanhã, dia 9, será celebrada a missa do 7.º dia na Igreja de Santa Isabel às 18.45 horas.

Mercês honoríficas

Foram agraciados com os graus referidos das ordens indicadas as seguintes individualidades: embaixador Ridgway B. Knight, de nacionalidade americana, grã-cruz da Ordem Militar de Cristo e general Orlando Geisel, de nacionalidade brasileira, grã-cruz da Ordem do Infante D. Henrique.

BANCO DE PORTUGAL

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

Capital realizado: Esc. 193 560 000\$00

Sede — Rua do Comércio, 148 — Lisboa

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

A sessão periódica da Assembleia Geral Ordinária deverá realizar-se no dia 30 do corrente mês, pelas 15 horas, no edifício do Banco, com a seguinte ordem do dia:

I — discutir e deliberar acerca:

a) do balanço, relatório e contas, da proposta para a distribuição dos lucros líquidos e dos demais documentos apresentados pelo Conselho de Administração

b) do parecer do Conselho Fiscal.

II — proceder às eleições nos termos dos artigos 46.º, § 2.º, e 47.º dos Estatutos.

Os livros gerais estarão patentes aos Srs. Accionistas nos quinze dias da lei.

Lisboa, Secretaria da Assembleia Geral do Banco de Portugal, em 5 de Março de 1973.

O SECRETÁRIO

a) José Luís de Abreu Valente

SINUSITES

Vias respiratórias obstruídas

GOTAS NASAIS BRONE

A VENDA NAS FARMÁCIAS

Pedidos de Literatura:

PESTANA & FERNANDES, LDA.

LISBOA — Rua da Praça, 153, 2.º

CIDLA

COMBUSTÍVEIS INDUSTRIAIS E DOMÉSTICOS

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

Sede: Praça Marquês de Pombal, n.º 12

LISBOA

CAPITAL: 250 000 000\$00

São convidados os Srs. Accionistas para reunirem em Assembleia Geral Ordinária na sede da Sociedade, no dia 27 de Março de 1973, pelas 11 horas, a fim de:

- 1/. — Discutirem, aprovarem ou modificarem o Relatório e Contas do Conselho de Administração e o Parecer do Conselho Fiscal relativos ao exercício de 1972;
- 2/. — Deliberarem sobre a alteração do artigo 23.º do pacto social;
- 3/. — Procederem às eleições para os cargos vagos na Mesa da Assembleia Geral, no Conselho de Administração e no Conselho Fiscal;
- 4/. — Elegerem a Comissão prevista no art.º 18.º dos Estatutos.

O depósito das acções deverá ser efectuado até ao dia 16 de Março de 1973 nos cofres da sociedade ou num dos seguintes Bancos: Borges & Irmão, Crédito Franco-Português, Crédito Predial Português, Espírito Santo e Comercial de Lisboa, Fonecas & Burnay, Nacional Ultramarino, Pinto & Sotto Mayor, Português do Atlântico e Totta & Açores.

Lisboa, 2 de Março de 1973

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
(Manuel Ricardo Pinheiro Espírito Santo Silva)

DL/NACIONAL

Portugal repudia acusações da ONU

O Ministério dos Negócios Estrangeiros enviou à ONU, através do representante permanente de Portugal junto daquela organização, uma carta em que repudia uma vez mais as acusações que têm sido feitas ao Governo, no que se refere à política ultramarina. Depois de negar que Portugal pratique actos de colonialismo, a nota acusa o exercício do terrorismo por grupos minoritários treinados e assistidos no estrangeiro, afirmando que os territórios africanos se encontram perante uma manifestação de «verdadeiro neo-colonialismo» estrangeiro. E termina com a descrição do auxílio prestado pelo Governo português às «vítimas do neo-colonialismo» nas diversas províncias ultramarinas:

«A) Província da Guiné

— O Governo da Província dispendeu até ao fim de 1972: em programas de construção de habitações para as populações deslocadas e refugiados em virtude do terrorismo neo-colonialista, 70 contos; em auxílios a populações deslocadas e refugiados, (alimentação com alojamento) 20 mil contos; em apoio sanitário (incluindo assistência prestada nos nossos postos fronteiriços a populações dos territórios vizinhos do Senegal e da República da Guiné), 60 mil contos.

Estão em curso na Província programas de construção de novos centros habitacionais e ampliação dos existentes para substituição dos destruídos por acção estrangeira, num valor de 23 mil contos.

B) Província de Angola —

O Governo da Província dispendeu, desde 1961: em programas de habitações para populações deslocadas e refugiados e auxílio a essas populações, 230 mil contos; em apoio anual sanitário às populações dos territórios vizinhos, cerca de 2 mil contos em medicamentos e 30 mil consultas; em auxílio a refugiados ou expulsos dos países limítrofes de onde partem as acções terroristas neo-colonialistas, cerca de 5 mil contos.

C) Província de Moçambique — O Governo da Província dispendeu até fins de 1972 em habitações para populações deslocadas e refugiados, manutenção e defesa dos mesmos, cerca de 100 mil contos; em auxílio a refugiados, cerca de 20 mil contos e às populações deslocadas, cerca de 15 mil contos.

O Dia da Enfermagem em Coimbra

COIMBRA, 8 — O Sindicato Nacional dos Profissionais de Enfermagem do distrito de Coimbra, os Hospitais da Universidade e ainda a sua Escola de Enfermagem, aproveitando a data em que o agiologio cristão celebra São João de Deus, o caridoso santo português tomaram a iniciativa de comemorar hoje o «Dia da Enfermagem».

Assim, todos os hospitais e escolas de enfermagem da área do Sindicato, a Enfermagem da Previdência, e ainda a Enfermagem das Casas de Saúde e particular, promoveram hoje, em conjunto algumas actividades festivas, incluindo missa de manhã, na Sé Nova, celebrada pelo prelado da diocese, D. João Saraiva e à noite, na Delegação da F.N.A.T., espectáculo dedicado a todos os enfermeiros.

LUSTRES

de brilho inextinguível, modelos diferentes, ambiente acolhedor. Fábrica, Av. 5 de Outubro, 203, r/c., Esq. (ao Campo Pequeno). Telefone 77 16 39..

VENDA AO PÚBLICO

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Maria Florência C. Dias, Rua Elias Garcia, 126 — CACÉM

LONDRES

Viagem aérea, estadia em hotel de 1.ª, transfers, visita da cidade desde 1.980\$00

APARTAMENTOS SOFICO Costa del Sol

Faça já a marcação das suas férias!

Informações e reservas

INTERTUR

Av. da República, 22 A

Tel. 566615 / 556647 / 52713 — Lisboa 1

ANDARES

Vendem-se em prédio novo com 4 e 5 casas assoalh., coz.,^{as} Suzanas de Sanimar, madeiras em cor, lava-louças inox., garagem comum, salão de reuniões, etc. Com linda vista de Tejo, em muito bom local de Lisboa, com eléctricos e autocarros à porta. Mostram-se todos os dias no local. Av. Afonso III, Lote 17, Lisboa. Trata F. Fernandes & Costa, Lda. Telef. 823231/2/3.

TECNICAMPO

EXPOSIÇÃO

TUDO PARA CAMPISMO AR LIVRE

Av. Almirante Reis, 44-A (Metro Anjos)

ROSEIRAS

(Belgas e Nacionais)

HASTE BAIXA TREPadeiras HASTE ALTA

Antigo Jardim de S. Filipe Néri

Execução de jardins, parques e pomares

Rua de Campolide, 270-A-295-A — Tel. 68 06 25-68 86 58 — LISBOA



DR. LUÍS TEIXEIRA DE QUEIROZ DE BARROS

PARTICIPAÇÃO E MISSA

Maria Tereza Torres Queiroz de Barros, seus filhos Maria Antónia, Francisco, Maria Tereza e Maria Luíza, irmãos, cunhados e mais família participam o falecimento do seu querido marido, pai, irmão, cunhado e parente e que será rezada missa pelo seu eterno descanso no dia 9 às 18.45 na Igreja de Santa Isabel, desde já agradecendo a todos os que queiram acompanhá-los.

AGÊNCIA MAGNO — Telef. 53 41 67



Dr. Luís Teixeira Queiroz de Barros

A MESA DA ASSEMBLEIA GERAL, O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO E O CONSELHO FISCAL DAS COMPANHIAS REUNIDAS GÁS E ELECTRICIDADE, cumprem o doloroso dever de participar o falecimento, no passado dia 3, do ilustre Administrador Excelentíssimo Senhor Dr. Luís Teixeira, Queiroz de Barros, e que será celebrada missa por sua alma, amanhã, dia 9, pelas 18 e 45 horas, na Igreja de Santa Isabel.

DL/SERIAL

O DESASTRE DO "ZÉ DA EUROPA"

Travassos já se levanta

«Temos tido montes de telegramas, telefonemas, visitas de pessoas amigas ou de simples desconhecidos que nos desejaram melhoras. Só o causador do acidente ainda não teve o cuidado de nos procurar e dizer alguma coisa», afirmou a esposa de José Travassos quando lhe perguntámos como iam as melhoras do casal, gravemente ferido num acidente de viação, faz agora oito dias.

Travassos e a esposa estão bastante melhor, sobretudo o antigo futebolista do Sporting, que já se levanta e tem feito tratamentos fora do seu domicílio. A esposa do jogador é que ainda está de cama, com costelas frac-

turadas, desconfiando-se (inclusive) que uma vértebra tenha sido atingida. Quanto ao «Zé da Europa», os problemas maiores são a luxação num ombro (ainda imobilizado) e dores intensas nos rins. Felizmente que a fase pior está ultrapassada e o casal recupera. Mais rapidamente o ex-futebolista, com bastante lentidão a esposa.

A margem, diga-se que os negócios de instalações frigoríficas que Travassos mantém com outro antigo «Violino» (Manuel Vasques) ficaram igualmente afectados, pois na altura do acidente o «Zé da Europa» dirigia-se ao Algarve para fechar dois contratos em hotéis.

ATLETISMO

FEITA A SELECÇÃO PORTUGUESA PARA O "CROSS DAS NAÇÕES"

Estão formadas as selecções nacionais de seniores e juniores que representarão o atletismo português no «Cross das Nações» a disputar este ano no hipódromo de Waragem, na

Bélgica. Em seniores, a nossa selecção será assim formada: Carlos Lopes, Fernando Mamede, Morujo Júlio, Manuel de Oliveira e Armando Aldegalega, todos do Sporting; Aniceto Si-

mões, Cidílio Caetano e Francisco Assis, do Benfica; e Anacleto Pinto, do Sporting de Luanda. Em juniores: Carlos Cabral do Sporting; José Muambunge, do Flexas de Angola; José Simões, do Santa Clara, de Coimbra; Tavares da Silva e Helder de Jesus, do Benfica.

Serão «capitães» Armando Aldegalega e Carlos Cabral. O chefe da comitiva será Abel Vieira, da Direcção da Federação. A direcção técnica estará a cargo do professor Moniz Pereira.

O «Cross das Nações», dispu-

tar-se-á no próximo dia 17, estando já inscritos 22 países.

ADÍLIA AMANHÃ NA HOLANDA

Adília Silvério, que no próximo sábado tomará parte nos Campeonatos Europeus de Pista Coberta, partirá amanhã para a Holanda, na companhia do professor Eduardo Cunha, seleccionador nacional. Adília Silvério, disputará uma única prova: a do lançamento do peso.

Recorda-se que Adília Silvério é «Prémio de Imprensa» de 1971, pelo que estará presente para receber essa distinção no próximo dia 17, no Coliseu dos Recreios, durante a tradicional «Grande Noite do Fado».

"Pantera Negra" estreia em Maio

Terminaram já as filmagens da película «Pantera Negra», produção espanhola que conta a história de Eusébio: de momento, procede-se à montagem definitiva da celulóide, pelo que se poderá anunciar a estreia no próximo mês de Maio.

Eusébio foi convidado para assistir à primeira exi-

bição pública da história da sua vida, pelo que se deslocará à capital espanhola, em data a anunciar oportunamente. A estreia de «Pantera Negra» terá lugar numa das mais importantes salas de espectáculo de Madrid, só depois se exibindo no nosso país.

Voleibol em rotação

A Federação Portuguesa de Voleibol continua a tentar sacudir o marasmo que nos últimos anos colocou a modalidade em situação marginal, fora (portanto) das preocupações das entidades que têm por dever fomentar o desporto no nosso país. A reconquista da juventude para a prática do voleibol, parece ser a finalidade dominante de todo o movimento que parte da federação instalada na Rua António Pinto Machado, 60, na cidade do Porto, lá para os lados do Bessa.

Uma das medidas mais acertadas, por parte dos dirigentes federativos, foi a de fazer disputar os jogos do próximo Campeonato Nacional em recintos cobertos. Vão (finalmente!) acabar os «campeões nacionais» com títulos conquistados à custa de melhor adaptação ao vento, às poças, à lama e ao saibro. Este ano será campeão de Portugal o conjunto que praticar o melhor voleibol ou aquele que encontrar, a céu fechado, as soluções táticas mais convenientes para surpreender o adversário. Aplauda-se, por conseguinte, a resolução tomada.

Acontece, no entanto, que não temos condições para pôr em prática tudo quanto teoricamente se nos afigura certo. Pavilhões ou ginásios, quantos temos? Chegarão para todas as equipas? Os que existem terão, por exemplo, as medidas exigidas pelas regras do jogo? Estas mesmas interrogações são, afinal, admitidas pelo Conselho Técnico da Federação que enviou à Direcção da mesma o seguinte comunicado:

«Tomou este Conselho Técnico conhecimento, em sua última reunião da decisão dessa Exm.ª Federação, segundo a qual, todos os jogos do Campeonato Nacional se deverão realizar em recintos cobertos.

E do entendimento, porém, deste C. Técnico que esses recintos, sendo embora cobertos, deverão, no entanto, obedecer às medidas e normas previstas pelos regulamentos em vigor.

Nesta conformidade, resolveu este C. Técnico dar conhecimento a V. Ex.ªs que não terá outra alternativa que não seja dar procedência a todos os protestos apresentados pelos Clubes que disputem jogos em recintos considerados não capazes.

Com o intuito de evitar protestos sobre condições de campo, e no sentido de não criar situações que não agradarão, nem aos Clubes nem a este C.

Técnico — nem a ninguém afinal —, permitimo-nos sugerir a V. Ex.ªs que seja dado conhecimento aos Clubes da posição tomada por este C. Técnico, ou então o que seria melhor, que os Clubes pudessem, com a devida antecedência, indicar os recintos utilizados, possibilitando este C. Técnico de fazer a indispensável vistoria aos mesmos.»

Aqui fica o exposto à atenção dos clubes, muito especialmente à daqueles que, antes de procurarem vencer os adversários em campo, se preocupam em descobrir a maneira de lhes «trocar as voltas» em joguinhos de secretaria...

OUTRAS NOTÍCIAS

A inscrição para a «Taça de Portugal», entre equipas femininas, terminará em 15 de Março.

O primeiro colóquio sobre a modalidade a realizar na Casa do Desporto (da capital norte-nha) sob a orientação do prof. Manuel Puga, realizar-se-á na próxima sexta-feira pelas 22 horas.

Os Clubes apurados para o Campeonato Nacional da I Divisão são obrigados ao pagamento de uma taxa de 200 escudos. Essa verba é reduzida a metade, para os clubes que disputem o «Nacional» da II Divisão.

As desistências e faltas de

comparência ficarão sujeitas ao pagamento de pesadas multas. Os clubes que desistirem das competições (neste caso os campeonatos nacionais) depois do seu início, serão punidos com multa de 1.000 escudos (para o escalão superior) e de 200 escudos para os restantes escalões e categorias). Quando se registar falta de comparência sem aviso prévio, ou esta seja aplicada pelo árbitro, o clube prevaricante será castigado com multa de 2.000\$00 ou 400\$00, consoante se tratar dum jogo da divisão principal ou de qualquer outro.

A Federação vai promover «encontros de treinadores» que funcionarão no Porto e em Lisboa debaixo da direcção do prof. Manuel Puga. O primeiro «encontro» realizar-se-á na cidade do Porto de 26 a 31 de Março (das 21 às 23 horas) em local a designar oportunamente. Estes «encontros» destinam-se especialmente a treinadores dos Clubes da 1.ª Divisão, Juvenis e Femininos (esta categoria sujeita a vaga). As inscrições que são gratuitas terminarão a 10 de Março e serão limitadas a 20 participantes. O «encontro» de treinadores a realizar em Lisboa efectuar-se-á de 2 a 7 de Abril com horário e local a designar.

E por hoje é tudo, no que diz respeito ao voleibol.

NO INEF

Torneio de Andebol Feminino

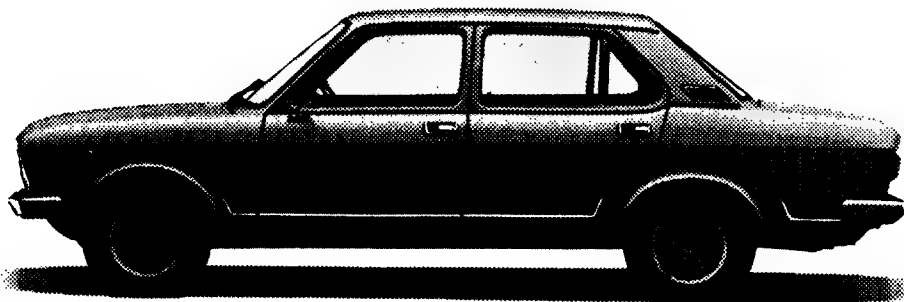
Oito equipas de Andebol feminino vão participar no «Torneio de Sete», organizado pela Escola de Educação Física de Lisboa, como principal actividade do programa de estudos da disciplina «Andebol».

Prevê-se a participação de conjuntos representativos da Escola de Educação Física, do INEF, Liceu de Oeiras, Liceu de Cascais, Benfica, Almada, Escola Ferreira Borges e Académica da Amadora. O torneio compõe-se de duas eliminatórias e uma final. Na primeira eliminatória, com quatro jogos (a realizar nos dias 17 e 18 do corrente, apuram-se quatro formações. As equipas vencedoras participam na segunda eliminatória, com os seus jogos marcados para as 11 e 12 horas do dia 25. A final realiza-se a 1 de Abril: às 11 horas o encontro para os terceiro e quarto lugares (portanto entre os vencidos) e às 12 horas o jogo entre vencedores para atribuição do primeiro lugar.

A organização do torneio, direcção e arbitragem dos jogos é da responsabilidade dos alunos e professores da disciplina de andebol, no curso de Instrutores. Local dos jogos: pavilhão do INEF.



Este carro não tem nada de novo



mas é um carro de grande classe que tem:

Uma linha clássica, sempre actual, em poucas palavras, uma «linha italiana»;

5 luxuosos e cómodos lugares e uma ampla capacidade de transporte de bagagens;

um motor de 1800 c.c. com dupla árvore de cames à cabeça e 105 CV (DIN);

uma velocidade de 170 km/h e uma aceleração de 0 a 100 km/h em 11" 2/10;

4 travões de disco assistidos por servo-freio, com duplo circuito de travagem independente;

caixa mecânica de 5 velocidades, ou caixa automática;

construção de acordo com as mais modernas técnicas de segurança;

motor estudado de forma a satisfazer as mais recentes normas europeias e americanas antipoluição;

um sofisticado equipamento de série;

e sobretudo é um Fiat



em exposição e venda na:



ELECTRO CENTRAL VULCANIZADORA, Lda.
Av. 24 de Julho, 60 • Telf. 66 80 72 • Lisboa

DL/DESPORTOS

NOTÍCIAS E FACTOS

PUGILISMO: em Fukuoka (Japão) o pugilista mexicano Ricardo Arredondo conseguiu pela quarta vez defender o título mundial dos «leves juniores», frente ao japonês Apolo Yoxio, perante 4 000 espectadores. Não chegou a haver qualquer derrube e a vitória foi por decisão unânime dos juizes do combate. Arredondo conta 23 anos e o seu adversário 22.

POLÍCIA: em Mar da Prata (Argentina) a Polícia passou um mandato de captura ao «pesado» argentino Oscar Bonavena, que é acusado de ter atacado um turista na refrega ocorrido no bar de um hotel do Mar da Prata. O turista (Norberto Bombicino) sofreu fractura do queixo e outros ferimentos.

TÉNIS DE MESA: em Aylesburg, a Inglaterra derrotou a França por 5-2 na final da Liga Europeia de ténis de mesa, disputada ontem à noite.

INGLATERRA: resultados na liga inglesa de futebol, da primeira divisão: Chelsea-Wolverhampton, 0-2; Crystal Palace-Birmingham, 0-0; Southampton-Manchester City, 1-1.

DÓLARES: O norte-americano Jimmy Connors ganhou 10.000 dólares ao vencer Ilie Nastase, da Roménia, por 4-6, 6-3, 7-5 e 6-3, na final de singulares do torneio de ténis «coliseum mall».

Connors já ganhou este ano 48.200 dólares — a maior verba dos profissionais.

Também a australiana Margaret Court já arrecadou, em seis semanas de torneios deste ano, um total de 36.000 dólares.

«O VENERÁVEL»: Jacques Planet, um dos mais famosos guarda-redes de hóquei no gelo, confirmou as suas qualidades, que permanecem intactas.

«O Venerável» — como lhe chamam os cronistas, por ter 44 anos fora contratado no sábado por 137.000 dólares e juntou-se à nova equipa, os Boston Bruins, 35 minutos antes do jogo de ontem à tarde.

Durante esse período apenas falou com os defesas. Depois, entrou no campo, e mais uma vez manteve inviolável a baliza.

com algumas defesas aplaudidas, de pé, pelos 15.000 espectadores.

Os Bruins derrotaram, por 4-0, os Chicago Black Hawks, com o jogo transmitido em directo pela televisão.

ARGENTINA: O River Plate venceu o Boca Juniors por 2-1, no clássico «Derby» integrado na primeira jornada do Campeonato Metropolitano de Futebol.

HÓQUEI: A Associação de Patinagem de Lisboa nomeou Henriques Silva, José Abreu Loureiro e José Eduardo Jacinto para constituírem o comité de selecção que terá a seu cargo a indicação dos patinadores para as selecções distritais de seniores e juniores.

JUIZES DE ATLETISMO: O Departamento Central de Juizes de Atletismo da Federação Portuguesa de Atletismo vai organizar o IV Curso Nacional de Juizes de Atletismo. As inscrições dos interessados poderão ser feitas até ao dia 10 de Março por escrito para a Federação, ou directamente, nos seus Serviços, de 2.^a a 6.^a feira, das 16,30 às 21.00 horas. Podem participar indivíduos de ambos os sexos maiores de 18 anos, com a escolaridade obrigatória. A duração do Curso será de 5 dias, de 12 a 16 de Março próximo, realizando-se as aulas teóricas na Federação a partir das 21,30 horas. As provas de exame terão lugar nos próximos dias 20 de Março (prova escrita) e 21 de Março (prova oral).

BASQUETEBOL EM ANGOLA: Ao vencerem o Benfica,

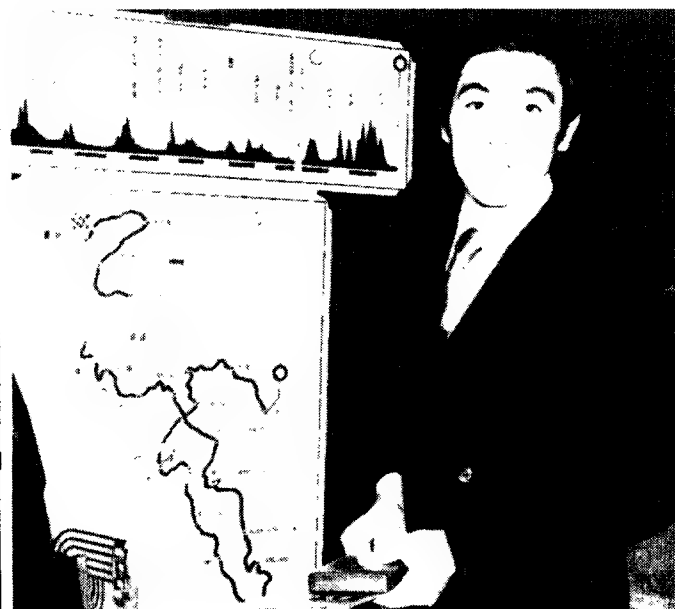
por 70-68, e o Sporting, por 76-69, o F. C. Luanda e o Vila Clotilde deram notas de sensação na primeira jornada do Campeonato Provincial de Angola de Basquetebol (fase final), que está a disputar-se em Luanda.

Enquanto «águias» e «leões» — mais aqueles do que estes — eram apontados como grandes favoritos, especialmente por contarem, nas suas equipas, com um jogador norte-americano cada, os «vilistas» apresentaram uma equipa totalmente portuguesa em que predomina a juventude. Na segunda jornada o Vila Clotilde bateu o F. C. de Luanda, por 82-59 e o Benfica de Luanda superou o Sporting por 72-54. Os «leões» apresentaram declaração de protesto que foi julgada improcedente. O Vila Clotilde comanda a classificação com o máximo de pontos.

TÉNIS: Na final da Taça Isabel Fontes, Sérgio Cruz venceu Francisco Coelho por 5-7, 6-3 e 6-1.

ÁFRICA DO SUL: O Lusitano de Joanesburgo eliminou o Port Elizabeth City, ao vencê-lo por 2-0. Jogando fora de casa, o clube português voltou a vencer com plena justiça o difícil adversário, acrescentando à vantagem de três golos sem resposta que transportava do primeiro encontro, outros dois tentos, mantendo inviolável a sua baliza.

Interrompida a «Taça» e a aguardar novo sorteio para encontrar adversário, o Lusitano vai defrontar no campo de Germânica Callis o primeiro jogo do Campeonato Nacional da República da África do Sul.



Merckx e o mapa do «giro»

Merckx: Não ao «tour»

Eddy Merckx anunciou aos jornalistas, durante a apresentação da «Volta à Itália» de 1973, que este ano não alinhará na «Volta à França» salientando que tomará parte no «Giro» da Itália e na «Vuelta» espanhola. Merckx disse: «Não me é possível disputar três grandes provas de etapas durante o mesmo ano, e devo, portanto, abster-me da Volta à França com pesar».

Merckx confirmou, que do seu programa de 1973, figurarão também as grandes provas clássicas, nomeadamente, Milão-São Remo, Paris-Roubaix e a Volta à Flandres.

O «Giro de Itália», uma clássica do ciclismo mundial, talvez a de maior prestígio depois do Tour, terá este ano, pela primeira vez na história da prova, o seu começo na Bélgica e

os ciclistas que chegarem ao fim terão pedalado 3777 quilómetros, divididos em 20 etapas. O «Giro» decorrerá de 18 de Maio a 9 de Junho.

Anteriormente, a prova limitava-se à Itália e pequena parte da Suíça, mas este ano passará pela Bélgica, pela República Federal da Alemanha, Luxemburgo e pela França.

A primeira etapa será entre Verviers, na Bélgica, e Colónia, na Alemanha, com um percurso de 180 quilómetros.

No dia 18 de Maio, antes do «Giro» ir verdadeiramente para as estradas, disputar-se-á um contra-relógio. Em 23 de Maio e em 5 de Junho os ciclistas descansarão.

O percurso tem o mesmo número de etapas que no ano passado, mas menos 17 quilómetros na totalidade.

RECEBA

1900\$00

Pelo seu TELEVISOR usado na troca do novo PHILIPS a pronto ou em 24 mensalidades.

CASA M. L. FERREIRA — Rua de D. Estefânia, 48-A

ASSIM VAI O TOTOBOLA

PROGNÓSTICO DOS ORGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.º 27 DA 12.ª ÉPOCA 11 DE MARÇO DE 1973

Beira Baixa — 121 21x 112
xx11; Boa Nova — 121 212 112
2211; Cardeal Saraiva — 1x1
211 112 1211; Comércio de Portimão — 121 21x 1xx 11x1;

Correio dos Açores — 121 x1x
111 121x; Correio de Coimbra —
12x 21x 1x2 2211; A Defesa —
121 x1x 1xx 221x; Desportivo
das Beiras — 1x1 x1x 112

121x; Ecos de Estremoz — 1xx
21x xx2 12x1; Folha de Domingo —
121 x1x 111 1211; Jornal
das Aves — 211 211 x12 11x1;
Jornal do Barreiro — 1x1 211

1x1 1x11; Jornal de Santo Tirso —
x11 212 11x 1111; Jornal
de Viseu — 122 211 x21 121x;
Linhas de Elvas — 121 21x
112 2211; Notícias de Felgueiras —
1x1 x1x 1xx x21x; Renovação —
12x 11x 1x2 x21x; República —
12x 212 11x x21x; O Telégrafo —
1xx x1x 122 x211; Bondiazinho — 122 212
1x2 1212; Cidade 73 — 1x1 212
1x2 1212; Brado Africano Desporto —
1x1 x12 1xx 121x; Brado Africano Ronga —
1xx 11x 12x 121x; Domingo Alegre —
1x1 21x 1x1 1x12; Jornal Desportivo —
121 x12 111 1x11; Revista Desportiva —
12x x11; Roteiro Sonoro — 12x 211
11x 112; Passatempo — 12x 21x 111
1212; Terceiro Programa — 121 211
112 1212; 20 Ponto D — 122 211 1x1
1212; O Algarve — 121 21x 11x 1x11;
Cavalcada do Ritmo — 1x1 211 122
x21x; O Comércio do Porto — 1xx 21x
1xx x212; Correio do Vouga — 121 21x
111 1211; O Distrito de Setúbal — 121
222 x2x 2x1x; Ecos de Cacia — 1x1
212 112 2x11;

Ecos do Desporto — 121 212
12x 2211; Estrela da Manhã — 121
21x 11x x21x; Eu Sei Tudo — 12x 212
11x 121x; Gazeta das Caldas — 12x 21x
111 x21x; Imagens Piedenses — 11x 21x
1x2 12x1; Jornal do Fundão — x22
xx2 112 11x1; Jornal de Sintra — 12x
2xx 1x2 12x1; O Mensageiro — 121 x1x
111 x21x; Litoral — x21 212 11x 221x;
Mosaico — 1x1 212 112 221x; Notícias de
Chaves — 1x1 212 11x 12xx; Notícias de
Gouveia — 121 211 212 2221; Povo
Algarvio — 121 21x 12x 1111; A Rabeca —
1x1 211 11x 111; Rádio Altitude — 11x
x211; Rádio Sonoro — 12x x12 11x 1111;
Reconquista — 111 x11 1x2 2212; Revista
de Som — 121 x11 11x 2x12; Terra Alta —
121 212 1212; A Voz Desportiva — x21
212 1xx 22x1; A Voz do Domingo — 121
21x 11x x1x1; Voz de Lamego — 121 21x
112 2211; Epoca — 12x 212 112 xx11;
Notícias de Évora — 121 x1x 121 x21x;
Voz do Casa Pia — 12x 2xx 11x 1211;
Diário de Lisboa — 2x1 x11 111 21xx;

Auto Rádio — 121 21x 111 1x12; Estúdio 64 — 111 212 111 121x; Jornal de Notícias — 1xx x12
1xx x21x; Manchete Desportiva — 1x1 x12
x22 xx11; Penalti — 111 212 x11 11x1;
Placard Desportivo — 1x1 21x 111 1x12;
O Primeiro de Janeiro — 12x x1x 1x2 221x;
Programa Sem Nome — 11x 111 x11 11x2;
Quadrante Desportivo — 121 212 1x2 2211;
Quadrante Norte — x21 x1x x11 2x1x;
Rádio Placard — 111 111 111 1111;
Rádio Sports — 1x1 211 112 x211;
Resenha Desportiva — 1x1 21x 1x2 211x;
Clube do Ar — 1x1 212 11x 2x11; Diário do
Porto — 12x x12 xxx 221x; Ritmo e Amizade —
121 x12 112 221x; Placard Desportivo Açores —
121 x12 111 121x; Rádio Desporto — 1x1 111
2x2 1211; O Apostolado — 121 x11 1x2
x211; A Nossa Chave — 121 x1x 1x2 1211;
Notícias do Totobola — 121 2xx 1xx 1211;
Ultimo Palpite — 1x1 111 2xx 1211;
Peça Que Não Maça — 1x1 212 11x 221x;
A Ilha — x2x x11 x1x 222x; Açores — 12x
x1x 112 22x1.

	RESUMO			BOLAS		
	1	X	2	1	X	2
1. CUF-BEIRA MAR	78	6	2	10	1	1
2. LEIXOES-SPORTING	9	25	52	1	4	7
3. MONTIJO-BARREIRENSE	59	23	4	8	3	1
4. ATLÉTICO-BELENENSES	5	28	53	1	4	7
5. BENFICA-SETÚBAL	80	5	1	10	1	1
6. GUIMARAES-PORTO	20	36	30	3	5	4
7. FARENSE-UNIAO DE TOMAR	73	10	3	10	1	1
8. FAMILICAO-PAFE	49	27	10	7	4	1
9. PENAFIEL-BRAGA	21	32	33	3	4	5
10. OLIVEIRENSE-VARZIM	41	20	25	6	3	3
11. NAZARENOS-OLHANENSE	11	10	59	2	2	8
12. ORIENTAL-PORTIMONENSE	71	12	3	10	1	1
13. COVA PIEDADE-UNIAO DE LEIRIA	41	31	14	5	4	2

*) Nos termos do Art.º 102, do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades indicadas no presente mapa.

A chave lógica será:
121 21x 112 1211

FUTEBOL

DL/DESPORTOS

VITÓRIA DE SETÚBAL: RESISTÊNCIA HERÓICA À PRESSÃO DO TOTTENHAM

Após um sensacional duelo com todo o Tottenham ao ataque, o Vitória regressa a Setúbal, para a segunda «mão» dos quartos de final da Taça UEFA, com uma só cretiza: todas as hipóteses são de admitir no estádio do Bonfim, té a vitória dos ingleses, que provaram em White Hart Line a razão de serem considerados entre os melhores «teams» europeus e os motivos que os levaram a vencer, na época passada, a competição agora em causa.

Foi uma tarefa árdua para os pupilos de Pedroto, esta de conter a pressão de «internacionais» britânicos comandados por Peters e bem secundado por Chivers, Wngland, Gilzean e muitos outros. Jogadores fortes, físicos e tecnicamente, com uma dinâmica de jogo que destrói até o mais avisado, os homens do Tottenham não deram tempo nem folgas para o Vitória completar o seu brilhante trabalho defensivo. Daí que a única solução utilizável fosse a praticada pelos setubalenses: defender a todo o transe e guardar a bola o máximo de tempo possível, para que o relógio fosse cumprindo o seu destino e o estéril entrasse na rede de Torres o mínimo de vezes possível. Sofreu-se um gol e outros poderiam ter conquistado os homens de Bill Nicholson. Mas, bem vistas as

coisas, não tiveram tentos anulados, não enviaram remates à madeira, nem o árbitro os prejudicou. Pelo contrário. E, quando assim é, mais do que de infelicidade terão de queixar-se de imperícia rematadora.

E para cúmulo de todo o processo bem montado por Pedroto, o Vitória ainda teve nos pés o golo do empate, a três minutos do final, por Conceição, após brilhante trabalho individual do brasileiro Vicente.

Pode dizer-se que o Vitória foi a Londres para destruir? Quanto a nós não foi bem assim. O Vitória foi a Londres para defender, sim, mas não apenas na sua área. Os jogadores dispersaram-se por todo o seu meio campo, deixando livres, apenas, as faixas laterais até à entrada da grande área e isso possibilitou uma resistência relativamente bem organizada o que só em determinadas ocasiões de maior aflicção deu lugar ao pontapé para o ar e para fora, numa defesa ao modo de «salve-se quem puder». Aconteceu isto, sobretudo, na fase final, em que a força britânica veio ao de cima e nas pernas dos portugueses já não havia resistência suficiente para a conter.

Com isso o Vitória perdeu. Terá, talvez, atacado menos do que o seu prestígio e a sua fama justificariam, mas nas

competições europeias e para os jogos de primeira mão, tem mesmo que ser assim, sem devaneios e sem pruridos de jogar bonito. Em Setúbal, então, será altura de mostrar como se ataca. Em força e em jeito, como fez contra outros igualmente famosos, por exemplo o Inter nesta temporada e o Liverpool há mais tempo. E o que for soar, na certeza de que será diferente. Pelo menos com o Vitória ao ataque, à procura do golo, bem apoiado pela sua claqué.

Uma certeza temos: desta vez, pelo menos, o Bonfim vai encher. É que clubes como o Tottenham e resultados tão propícios a solicitar o apoio da bancada não aparecem em Setúbal todos os dias.

Destaques do Vitória: Rebelo, José Mendes (qualquer deles a grande altura) Jacinto João e o guarda-redes Joaquim Torres, verdadeiramente impecável. Mas o Vitória valeu como equipa. Palmas portanto e votos de golos para o segundo jogo.

Arbitrou o húngaro Gusztav Biresak, tendo as duas equipas apresentado inicialmente:

TOTTENHAM: Jennings; Kinnear, England, Beal e Knowles; Coates, Perryman e Peters («cap.»); Gilzean, Chivers e Pearce.

VITÓRIA DE SETÚBAL: Joaquim Torres; Rebelo, Carlos

Cardoso («cap.»), José Mendes e Carriço; Octávio, José Maria e Câmpora; José Torres, Arcanjo e Jacinto João.

O golo foi marcado por Evans, de cabeça, à saída de um lançamento lateral de Chivers, quando iam decorridos 80 minutos. Evans tinha entrado, momentos antes, para o lugar de Gilzean. No Vitória de Setúbal também houve substituições: José Maria foi rendido por Conceição (aos 27 minutos, por lesão) e a sete minutos do final Jacinto João saiu para entrar Vicente.

Outros resultados da jornada europeia:

TAÇA DOS CAMPEÕES: Spartak Trnava-Derby County: 1-0; Dynamo Kiev-Real Madrid: 0-0; Ajax-Bayern: 4-0 e Juventus-Ujpest: 0-0.

TAÇA DAS TAÇAS: Milan-Spartak (Moscou): 1-0; Schalke-Sparta (Praga): 2-1; Leeds-Rapid de Bucareste: 5-0 e Hibernians (Escócia)-Hajduk Split (Jugoslávia): 4-2.

TAÇA DA UEFA: Ofk de Belgrado-Twente-Enschede (Holanda): 3-2; Borussia-Kaiserslautern: 2-1 e Liverpool-Dynamo de Dresden: 2-0.



O retrato fiel do golo: Gilzean carrega o homem e mete o pé à bola. José Mendes aguenta o peso do corpo do adversário e alivia com força e decisão, de dentes cerrados

RESERVAS

Continua hoje a disputar-se o inexpressivo Campeonato Lisboa de Reservas. Encontros marcados para as 21 e 30 nos campos dos clubes indicados em primeiro lugar: Sporting-Sacavenense, Alverca-Talide e Pero Pinheiro-Torriense.

«DERBY»

Para o Campeonato da Ar-

gentina, o River Plate venceu por 2-1 o Boca Juniors.

PERES

Peres já embolsou os três mil dólares do seu contrato de dois jogos em Toronto (Canadá). Para fazer mais uma exibição (no sábado) o «internacional» português pretende metade daquela verba, o que não é aceite pelo empresário que o recrutou.

"ESPERANÇAS":

Goleada ao Barreirense

Uma hora chegou para a selecção de «esperanças» vencer a turma do Barreirense por 8-0. Isto, não obstante os convocados do Benfica e do Sporting terem treinado de manhã nos seus clubes, e não estar presente nenhum jogador do Vitória de Setúbal.

Durante a primeira meia hora os seleccionados empregaram-se a fundo, tendo

alcançado nada mais nada menos do que sete tentos: por Fraguito (2), Vitor Manuel, Matine, Chico (2) e Vitor Martins. Na segunda parte, jogando muito mais à vontade, alcançou apenas um tento, por intermédio de Chico.

Dirigiu o treino Carlos Silva, técnico da turma do Barreirense.

As equipas alinharam:

«ESPERANÇAS» — Co-nhé (Tibi); Romão (Barreirense), Laranjeira, Barbosa e Vitor Pereira; V. Martins, Matine e Fraguito; Oliveira Chico e Vitor Manuel.

BARREIRENSE — Abrantes (José Armando); João Carlos, Carlos Mira, Luís Mira e Patrício; Nelson Faria Valter (José Vicente) e José João (Piloto); Nelson Reis, Serafim e Rogério.



Antes do jogo-treino contra o Barreirense.

OS

Fecidos Almirante, Lda



— AV. ALMIRANTE REIS, 23-A

CONTINUAM

A VENDER POR MAIS UNS DIAS

CAMISAS PARA HOMEM

67 % POLYESTER (NÃO PASSA A FERRO)

UMA POR 75\$00 — DUAS 130\$00

E TRÊS POR 175\$00 (O QUE É INCRÍVEL)

— E TAMBÉM AINDA —

VESTIDOS PARA SENHORA

EM MALHA DE ALGODÃO 75\$00

EM TERYLENE 95\$00

CALÇAS PARA SENHORA

EM MALHA 75\$00

EM CRIMPLENE 100\$00

— VISITE-NOS E CONFRONTE —

POIS O SEU DINHEIRO TEM O DOBRO DO SEU VALOR

LISBOA

TURNO H-1
(ATE AS 22 HORAS)

- AJUDA**
Lopes, R. do Cruzeiro, 117 (T. 633288)
- ALFAMA**
Arnali, R. das Escolas Gerais, 56-C (T. 863940)
- ALTO DE S. JOÃO**
Nova Luz, R. Domingos Jardim, 28-A (à Praça D. Afonso III) (T. 843439)
- ALVALADE**
Alvalade, Av. da Igreja, 18-A (T. 712070); Gasparinho, R. dr. Gama Barros 54-A (T. 710465); Olinda, Av. João XXI, 13-A (T. 726848)
- AVENIDAS NOVAS**
Cosmos, Av. João Crisóstomo, 44-C (T. 40592); Miranda, C. Pequeno, 36-B (T. 770776); Universal, R. Actor Taborda, 5 (T. 44158)
- BAIRRO ACTORES**
Nobel, R. Actor Vale, 53 (à Foste Monumental) (T. 842152)
- BAIRRO DAS COLÓNIAS**
Colonial, R. Forno do Tijolo, 40 (T. 841122)
- BAIXA**
Centro Farmacêutico, R. das Portas de S. Antão, 86 (T. 321211)
- BENFICA**
Souza, E. de Benfca, 429-A (T. 780027/789985)
- CAMPO PEQUENO**
Miranda, C. Pequeno, 36-B (à Av. Sacadura Cabral) (T. 770776)
- CAMPO DE OURIQUE**
Ivone, R. Silva Carvalho, 232-C (T. 650760)
- ESTRELA**
Paiva e Parente, R. de S. António, 98 (T. 665196)
- LAPA**
Silva, R. S. João da Mala, 72 (T. 661010)
- LUMIAR**
Alameda, Al. das Linhas de Torres, 201-B (T. 790942)
- MARVILA**
Maevila, R. Direita de Marvila, 25 (T. 381612)
- OLIVAIS**
Higiene, R. Cidade Vila Cabral, Lote 43 (Olivaissul) (T. 310026)
- PICHELEIRA**
Mariuz, C. da Picheleira, 140-B/C (T. 720703/728395)
- REGO**
Pratas e Mota, R. da Beneficência, 91 (T. 773728)
- RESTELO**
Tanara, R. Rodrigo Teinel, 3-A (à encosta do Restelo) (T. 611814)
- SANTO AMARO**
Lisbonense, R. Leão de Oliveira, 2-B (T. 637020)
- S. MAMEDE**
S. Mamede, R. da Escola Politécnica, 82-B (T. 660280)
- SOCORRO**
Tavares, R. da Palma, 194 (T. 863350)
- TURNO H-2
(TODA A NOITE)
- AJUDA**
Boa Hora, R. dos Quarteis, 25 (T. 637777)
- ALTO DO PINA**
Zionai, R. Morais Soares, 56-C (T. 847708)
- ALVALADE**
Neotópia, C. Grande, 138 (T. 774682); Ideal, Av. Alm. Gago Coutinho, 49-A (T. 712803)
- ANJOS**
S. José, R. dos Anjos, 41 (T. 50730)
- AREIRO**
Vera Cruz, P. Afrânio Peixoto, 2-B (A. Av. João de Deus) (T. 724941)
- ARROIOS**
Oriental de Lisboa, R. de Arroios, 215 (T. 45079)
- AVENIDAS NOVAS**
Cordeiro, Av. Duque d'Ávila, 32-C (esquina da Av. da República) (T. 43495)

BAIRRO AMERICA

- Martins, R. Fernão de Magalhães, 33 (T. 849448)
- BAIRRO DA ENCARNACÃO**
Zira, P. das Casas Novas, Lote 66 (T. 310172)
- BAIXA**
Unifia, R. da Vitória, 21 (T. 323793)
- BENFICA**
Benfica, E. de Benfca, 678-E (T. 702532)
- CAMPO DE OURIQUE**
Portirio, R. Francisco Metrass, 59 (T. 663349)
- CAMPOLIDE**
Central, R. General Taborada, 17 (T. 680304)
- CARNIDE**
Leal de Matos, R. Neves Costa, 33 (T. 780181)
- CONDE REDONDO**
Salutar, R. Conde Redondo, 9-A (a Gomes Freire) (T. 533411)
- LUMIAR**
S. Tomé, E. do Desvio, Lote 12-C (T. 790704)
- OLIVAIS**
S. Paulo, R. José Campos, Lote 823 (à E. de Moscavide), Olivaissul (T. 310711)
- RESTELO**
Occidental, R. D. Jerónimo Osório, J.P.M., 3 (T. 610256)
- S. BENTO**
S. Bento, R. dos Poiais de S. Bento, 73 (T. 679673)
- S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA**
Sagres, Av. Luís Bivar, 69 (T. 97213)
- XABREGAS**
Romana, R. Actor Augusto de Melo, 7-A (T. 383800)
- LINHA DE CASCAIS**
- ALGÉS**
Almeida Nito, Av. Comb. G. Guerra 64 (T. 212070)
- CAXIAS**
Nova, Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (T. 242839)
- PAÇO DE ARCOS**
Trindade Brás, R. Costa Pinto, 186 (T. 2432034)
- OEIRAS**
Godinho, R. Cândido dos Reis, 98 (T. 2430090)
- PAREDE**
Aisir, Av. Gago Coutinho, Bº das Caixas de Previdência (T. 2472948)
- S. PEDRO DO ESTORIL**
S. Pedro, (T. 263052)
- ESTORIL**
Parque, Arcadas do Parque 3 (T. 260191)
- CASCAIS**
Misericórdia, R. Regimento 19, 41 (T. 280141); Cascais, R. Conde de Monte Real, Bº Caixas (T. 282407)

Linha de Sintra

- AMADORIA**
Dias, Av. Marquês de Pombal, Lote 9 (T. 934589); Campos, R. Elias Garcia, 185 (T. 930072); Clabell, R. António Sardinha, 23-D (T. 938551)
- DAMAIA**
Confiança, Est. Militar, Lote D (T. 9710231)
- VENDA NOVA**
Girassol, R. Elias Garcia, 17-C (T. 974161)
- QUELUZ**
André, Av. Elias Garcia, 151 (T. 950043); Queluz, Av. Miguel Bombarda, 123-A (T. 951841)
- CACÉM**
Central, R. Elias Garcia, 55 (T. 2940034)
- MEM MARTINS**
Químia, Est. de Mem Martins, 285 (T. 2910012)
- S. PEDRO DE SINTRA**
Valentim (T. 980456)
- SINTRA**
Misericórdia, L. Dr. Gregório de Almeida, 2 (T. 980391)
- COLARES**
Abreja (T. 299088)
- OUTRA BANDA**
- ALCOCHETE**
Cameiro, L. António dos Santos Jorge, 15 (T. 2341000)

ALHOS VEDROS

- Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 224250)
- ALMADA**
Castro Rodrigues, R. Capilão, Lertão 21-A (T. 270076)
- BAIXA DA BANHEIRA**
Nova Fátima, Est. Nacional, 221-B (T. 224141)
- BARREIRO**
Avenida, Av. Alfredo da Silva, 88 (T. 2273212)
- COVA DA PIEDADE**
Castro Rodrigues, L. 5 de Outubro, 62 (T. 270121)
- MOITA**
União Moitense, Av. Teófilo Braga (T. 239025)
- MONTIJO**
Montepio, R. Almirante Reis, 93 (T. 230008)
- SESIMBRA**
Lopes, R. Cândido dos Reis (T. 229471)
- SETÚBAL**
Costa, L. da Misericórdia (T. 22760); Brasil, P. do Brasil (T. 24788)
- SEIXAL**
Soromenho, R. Paiva Coelho (T. 22185606)

PORTO

3º TURNO

SUB-TURNO A

- Alves Moreira, Av. Rodrigues de Freitas, 167. Clerigos (dos), Rua dos Clerigos, 36. Cruz (da), Rua Costa Cabral, 1082. Maia, Rua do Campo Alegre, 192. Monte dos Burgos, Rua do Monte Burgos, 802

SUB-TURNO B

- Aliança, Rua da Conceição, 2. Botelho, Rua da Alegria, 863. Estácio, Rua Sá de Bandeira, 120. Guarani, Rua Pedro Hispano, 367. Menezes de Lima, Pr. Dr. Pad. Teo Pared 227. Vilarinha (da), Rua da Vilarinha, 161

COIMBRA

TURNO A

- Silva Soares, R. M. de Albuquerque, 26-28 (T. 71454); Vilaça, Ld., R. Ferreira Borges, 132 (T. 22043); Cruz e Costa, R. A. Vasconcelos, 71-A (T. 22715)

cinemas

CINEMA CASTIL (Tel. 530194)

- 15.00 - 17.00 - 19.00 e 21.45
Grupo B (10 anos)
5ª Semana
Technicolor Barba Streisand e Ryan O'Neal em «QUE SE PASSA DOUTOR»
Rua Castilho Metro Rotunda Estacionamento Parque Castil

MONUMENTAL (Tel. 553131)

- 15.15 e 21.45
Grupo D (18 anos)
4ª Semana
«EM NOME DO POVO ITALIANO» de Dino Risni com Vittorio Gassman e Ugo Tognazzi Eastmancolor

SATÉLITE (Tel. 555131)

- 15.30 - 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
4ª Semana
«O ÚLTIMO A RIR» um filme de Alain Tanner

IMPÉRIO (Tel. 555134/5)

- Estreia às 21.30
Grupo D (18 anos)
«A PAPIÇA JOANA» - Panavision Com Liv Ullmann, Franco Nero e M. Schell
As 15.15 «O CANTICO DA NAVALHA» (Grupo D - 18 anos)
(Metropolitano - Alameda)

ESTÚDIO (Tel. 555134/5)

- 15.30 - 18.30 - 21.45
(Grupo D - 18 anos) 2ª Semana
A obra completa de JEAN VIGO. A Propósito de Nice (c. m.) Taris (c. m.) Zero em comportamento Atlante. (Metro: Alameda)

AVIZ (Tel. 47163)

- 15.30 e 21.45
(Grupo B-10 anos)
58ª Semana. Record de exibição em Portugal! «TRINITY COW-BOY INSOLENTE» com Terence Hill e Bud Spencer Color-Scope.

ESTÚDIO 444 (Tel. 779095)

- 15.30 - 18.30 e 21.45
(Grupo D - 18 anos)
3ª Semana
«ENCONTRO COM UMA MULHER DE 30 ANOS» Massimo Ranieri, Florinda Bolkan Eastmancolor Amanhã e sábado às 00.30 «Cinema fora de horas» «OS ALEGRES DIAS DE POMPEIA» (Grupo D - 18 anos)

MUNDIAL (Tel. 538743)

- 18.30 e 21.45
(Grupo D - 18 anos)
Jacqueline Bisset e Stella Stevens Continuum vivas na mortal guerra entre homens e mulheres! «QUANDO AS MULHERES QUEREM» Technicolor Agora em últimas exibições (Metro: Picas)

ODEON (Tel. 326283)

- 15.15, 18.15 e 21.30
(Grupo C-14 anos) 2ª Semana
Um festival de gargalhada como nunca se viu, com Franco Franchi e Cicco Ingrassia «AS GRANDES MANOBRAS» um desfile de garotas de estalo

ROMA (Tel. 727778)

- 15.30 e 21.45
(Grupo D-18 anos)
Technicolor Frankie Howerd e Julie Ege «OS ALEGRES DIAS DE POMPEIA»

ALVALADE (Tel. 717480)

- 15.15 e 21.45
(Grupo B-10 anos) 2ª Semana
Jean Gabin num filme de Michel Audard «OS SONHOS DE UM VELHO MARINHEIRO»

BERNA (Tel. 776098)

- 15.15 - 18.30 - 21.45
Grupo B (10 anos)
4ª Semana. Technicolor. Jerry Lewis «AS NOITES LOUCAS DO DR. JERRYLL»

APOLO 70

- 15.15-18.30 e 21.45
(Grupo D-18 anos)
12ª Semana
Technicolor. Genial! «O GRANDE CONQUISTADOR» com Wood Allen Hoje às 24.00 - Clássicos da Meia-Noite (Grupo D - 18 anos) «PIQUE-NIQUE» de Joshua Logan com Kim Novak

IMPERIAL (Tel. 821933)

- 15.00 e 21.00
(Grupo D-18 anos)
«AVENTURA É AVENTURA» em complemento «JESS JAMES CONTRA A FILHA DE FRANKENSTEIN» (Metropolitano: P. Chrls-Arroios)

CASINO (Tel. 2642/264949)

- 17.00 e 21.30
(Grupo D-18 anos)
«ACONTECEU A NOITE PASSADA»

POLITEAMA (Tel. 326305)

- 15.15-18.15 e 21.45
(Grupo A - 6 anos) 2ª Semana
Novo grande êxito de Franco Franchi e Cicco Ingrassia «CONTINUAM A CHAMAR-LHES OS 2 PILOTOS MAIS MALUCOS DO MUNDO» Uma paródia à pirataria aérea

LONDRES (Tel. 731313)

- 14.00 - 16.30-19.00 e 21.45
Grupo D - 18 anos
16ª Semana Colorido A estrela do ano Liza Minelli «CABARET» (adeus Berlin)
Snack-Bar «Pub The Flag» o melhor encontro gastronómico

EUROPA (Tel. 661016)

- 15.15 e 21.30
(Grupo B-10 anos)
O inimitável Cantinflas em OS 3 MOSQUETEIROS

S. JORGE (Tel. 54151)

- 15.15-18.15 e 21.30
(Grupo D - 18 anos) 2ª Semana
O Carnaval continua! «COM JEITO VAI NA PANDEGA» o Festival do riso

LYS (Tel. 48560)

- 15.30-18.30 e 21.45
(Grupo D-18 anos)
«A ESTATUA» em complemento MORAL PRIVADA

TIVOLI (Tel. 50595)

- 15.15 - 18.30 - 21.45
(Grupo D - 18 anos) Eastmancolor
Annie Girardot em «DESENCONTRO» Um filme de Serge Korber

EDEN (Tel. 320768)

- 14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
2ª Semana
(Grupo D-18 anos)
«OS NOIVOS DE MINHA MULHER» Alfredo Landa (o delicadinho) Esperanza Roy Technicolor-Color

CONDES (Tel. 322523/326710)

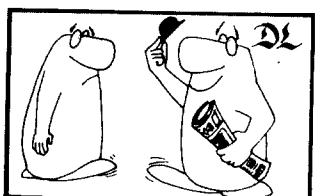
- 14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
(Grupo C-14 anos)
O «Western» mais divertido do ano! «LIMONADA JOE» A qualidade e o humor do cinema checo (Colorido - Real de Dldrich Lipsky)

VOX (Tel. 720808)

- 15.15-18.30 e 21.45
(Grupo D-18 anos)
3ª Semana
O mais usado filme de Otto Preminger «AMANTES DESCONHECIDOS» Technicolor

ROYAL (Tel. 865037)

- 15.00 e 21.00
(Grupo C - 14 anos)
«O GRANDE NEGÓCIO» e em complemento «COLTS PARA OS 7 MAGNÍFICOS»



outros espetáculos

LISBOA/Teatros

- VILLARET**
21.45 (10 anos)
«A manilha de Beatriz»
- CASA DA COMÉDIA**
22.00 (18 anos)
«Oh Papa, pobre papa»
- MARIA VITÓRIA**
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Ca vamos pagando e rindo»
- MONUMENTAL**
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Mulheres é comigo»
- A.B.C.**
20.45 e 23.00 (18 anos)
«É o fim da macacada»
- CAPITÓLIO**
21.45 (18 anos)
«Sexo, nunca! Somos britânicos»
- VARIEDADES**
20.45 e 23.00 (14 anos)
«Sua Excelência o Pendura»

LISBOA/Cinemas

- OLÍMPIA**
19.00 (14 anos)
«A metralhadora»
- PARIS**
21.00 (18 anos)
«O Túmulo do terror»
- CINEARTE**
21.00 (14 anos)
«As Brancas Montanhas da Morte»
- JARDIM CINEMA**
21.30 (18 anos)
«A Rapariga dos olhos verdes» e o «Samba da Morte»
- MAYER**
21.30 (10 anos)
«Aventura na cidade»
- MOSCAVIDE**
21.00 (18 anos)
«Uma mistura de amor»
- PROMOTORA**
21.00 (18 anos)
«Meu marido esse desconhecido»

LINHA DE CASCAIS

- OEIRAS**
Oeiras cine
21. (18 anos)
«Aconteceu a noite passada»
- ESTORIL**
Casino
17 e 21.30 (18 anos)
«Aconteceu a noite passada»
- Palácio**
21.30 (18 anos)
«Quatro moscas de veludo»

- CASCAIS**
S. José
21.30 (18 anos)
«César et Rosalie»

LINHA DE SINTRA

- DAMAIA**
D. João V
21.30 (18 anos)
«O que se pode fazer com 7 mulheres»
- QUELUZ**
Que luz Cinema
21.15 (18 anos)
«Flor amarga» e «A Pé até Pa-ris»

MEM MARTINS

- Cine-Chaby
21.30 (18 anos)
«Com a minha mulher não»

OUTRA BANDA

COVA DA PIEDADE

- União Artística
21.15 (18 anos)
«Essa mulher»

ALMADA

- Incrível
21.15 (14 anos)
«A última cruzada»

TRAFARIA

- Pavilhão Jardim
21.15 (14 anos)
«Blach Jackie»

PORTO/Teatros

SÁ DA BANDEIRA

- 21.45 (14 anos)
«A cama dos comuns»

COLISEU

- 21.30 (14 anos)
«Companhia Internacional de Circo»

PORTO/Cinemas

TRINDADE

- 21.30 (18 anos)
«A guerra entre homens e mulheres»

OLÍMPIA

- 21.30 (10 anos)
«Os dois pilotos mais malucos do Mundo»

CARLOS ALBERTO

- 21.30 (18 anos)
«A casa que escorria sangue» e «O grande ajuste de contas»

BATALHA

- 21.30 (10 anos)
«O menino selvagem»

S. JOÃO

- 21.30 (18 anos)
«Meu marido esse desconhecido»

ÁGUIA D'OURO

- 21.30 (18 anos)
«Vamos ter sarilho»

BARS

BOITES

FANTASMA-Dancing Caveau com variedades. Maria Helena Odete Maria, Domingos Ramos e o fabuloso Tony Sandro e Garcia e o seu conjunto R. Gomes Freire, 145-B Aberto das 18h às 21h e das 22.30h às 05.00h.

TAMILA - Marao e s/conjuntio «Matinees» todos os dias Encerra aos domingos Avenida Duque de Loule 69. Telef. 534117.

LUSO - Grande elenco de folclore fado de Lisboa por Augusta Erminda e Jose Luis Tomar, fado de Coimbra por Americo Silva. Em fado castiço Cristina Maria Travesa da Queimada, 10 Telef. 362889. Aberto todos os dias.

SAN-PAYO - Bar-boite c/musica constante. Aberto até às 5h da madrugada Rua Rodrigues Sampaio, 34 Telef. 561422. (Ar condicional)

HIPOPOCAMO - Com Helder Reis. Encerra aos domingos Av. Antonio Augusto de Aguiar, 5-A Telef. 48384

PRINCEPE NEGRO - Dancing com variedades Calçada da Glória, 2 Telef. 368987.

EL CIDE - Dancing com s/conjuntio «X 4. Rua Bernardo Lima, 18-A (Ao conde Redondo) Telef. 560538 Com variedades

CASEBRE - Rua da Barroca 133 Telef. 369760. Encerrado aos domingos Cantam Carlos Barra Drolinda Rodrigues e Nazare A 1.00h convidado special em Tempo-Show Folclore pelos cinco tipicos de Vila Franca de Xira. Tocam Carvalhinho e Jul o Gomes

JACO - Dancing c/musica ambiente com singular quarteto Rua Camilo Castelo Branco, 23-A.

FRAGATA REAL - Maria Varejo Maria João Nelo e Joaquim Campos em Fado Lisboa. João Queiroz em Fado de Coimbra. Acompanhamento de António Parreira. Francisco Gonçalves. Artistas convidados Ana Rosmanninho, Natalia Desreyes e João Cabral. Trav. S. Miguel, 22. Alfama-Telef. 868552

SOLAR DA HERMÍNIA - Hermínia Silva, hoje e sempre Largo Trindade de Coelho n.º 10 e 11 Encerra aos domingos Telef. 320164

CASINO ESTORIL - Jogo autorizado Variedades internacionais Telefones 26461, 264526, 264596, 264621 e 264946

NINA - Dancing com atrações Rua Paiva de Andrade, 7-13 Telef. 34859/365167

LEIA
motor



DL / ÚLTIMAS



RENASCENÇA GRAFICA S. A. R. L.
PROPRIETARIA DO
DIÁRIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185-1 2.º, 4.º
TELÉF. 654531/234
SERVIÇOS TÉCNICOS
RUA LUZ SORIANO, 44
RUA DA ROSA, 57
END. TEL. DIBOA, TELEX 1363
LISBOA PORTUGAL

POLEMICA EM FRANÇA

Continuação da pag. 1

Madrid e pela SPENTAX, como pelo pessoal aéreo civil, pilotos e controleiros. Se bem que considerando exactas as declarações do ministro no que respeita ao relato dos acontecimentos, um porta-voz do Sindicato dos Pilotos de Linha afirma que um controlo civil nunca deixaria voar à mesma altitude dois aparelhos em corredores aéreos diferentes mas que se cruzam; que, por outro lado, pedir a um avião civil, de mais de cem toneladas, que reduza a sua velocidade, é uma noção de militar. Baseada numa experiência de aparelhos muito mais ligeiros e manejáveis. O mesmo representante dos pilotos conclui que «pedir a um Coronado para reduzir a velocidade mantendo-se à mesma altitude, quando voa a 900 km/h... é sonhar...»

De qualquer modo, as consequências do acidente põem desde já sérios problemas às autoridades francesas, com a decisão, não só das organizações dos pilotos de linha, como de várias companhias internacionais de não aterrar, ou mesmo sobrevoar, o espaço aéreo francês. Certos observadores consideram prematuras tais reacções, estando em curso um inquérito que deve determinar as responsabilidades exactas do acidente. Prematuras, de igual modo, seriam as reacções bastante vivas da imprensa espanhola, em geral comentadas com desagrado em Paris.

Do mesmo modo são criticadas as declarações do sr. Galley, atribuindo a inteira responsabilidade do acidente ao piloto espanhol. Não só porque a argumentação dos sindicatos da navegação aérea parece bastan-

te sólida, mas também porque na rapidez da sua intervenção se denota uma certa precipitação. E as dificuldades postas aos jornalistas (que pretendiam aproximar-se dos locais do acidente ou contactar os passageiros e a tripulação do Coronado) nada fazem para dissipar a impressão de mal-estar.

Fala-se também de um misterioso «objecto não identificado», que teria provocado o acidente. Versão avançada pela companhia espanhola e que começa a tomar consistência com a descoberta de marcas esverdeadas e negras numa das asas do aparelho. Para o jornal madrilenho «Pueblo» é possível que um avião militar francês, um «Mystère», tenha colidido com o DC-9, cujos destroços teriam por sua vez atingido o Coronado. Ao que as autoridades francesas respondem que não foi assinalado o desaparecimento de qualquer avião militar e que, além do mais, os aparelhos de combate são cobertos por uma pintura cinzenta e não verde, não podendo portanto deixar as marcas citadas.

Embora ainda não se tenha assistido a qualquer exploração política do acidente, a efervescência que provoca não só em França como nas diversas capitais europeias, põe um problema ao Governo francês, neste delicado período eleitoral. Desde já, sabe-se que foram retomados os contactos entre os técnicos de controlo em greve e o Ministério dos Transportes. Quer esteja relacionado com o controlo aéreo da França pelos militares, quer não, este acidente provocará um entendimento entre as partes em conflito.

BANANA DE ANGOLA: O MESMO DESTINO DO VINHO DA METRÓPOLE

Bananas provenientes de Angola totalizando 1 470 toneladas de peso e o valor de 12 mil contos apodrecem no porto de Lisboa por decisão da Junta Nacional das Frutas que as considerou à «margem das normas sanitárias legalmente estabelecidas».

As bananas estão armazenadas desde domingo passado numa das dependências do porto e só serão dali removidas e transformadas em lixo após decisão das autoridades da Circunscrição de Defesa Sanitária dos Portos Marítimos, considerando-as «perigo para a saúde pública».

CRITÉRIOS

Em contacto com o eng. Guida da Junta Nacional das Frutas, aquele responsável informou-nos de que «conforme a legislação em vigor constata-se que a mercadoria em estado de deterioração excedia largamente a percentagem de 10 por cento permitida. Pode afirmar-se aliás que entre 90 e 100 por cento da banana se encontra em condições impróprias e por isso a Junta a rejeitou na totalidade. Compete agora às autoridades alfandegárias dar-lhe o destino que entenderem».

O repórter do «DL» esteve no cais onde se encontram as bananas e embora não tenha, logicamente, verificado todas as caixas que contém a mercadoria (são 147 mil) pode todavia afirmar que a percentagem mesmo de 90 por cento é exagerada. Num primeiro cálculo pode dizer-se que pelo menos 50 por cento daquela fruta se encontrava em condições de consumo — que não é necessariamente sinónimo de valor ou condições comerciais.

Opinião de certo modo idêntica é a do comandante Gomes dos Santos, da Administração do Porto de Lisboa: «dentro do que é possível calcular-se julgo que entre 70 a



Doze mil contos de bananas cujo destino será o lixo, estão no porto de Lisboa à espera de apodrecimento total.

80 por cento da banana está em condições de consumo». E ainda «simplesmente como a JNF toma as decisões de acordo com as normas de comercialização poderá então aceitar-se outro tipo de percentagens. Aliás no despacho de rejeição da mercadoria isso está bem expresso».

De tudo isto se infere apenas que uma larga percentagem da fruta (muita dela ainda verde) vai ser pura e simplesmente

nete destruída tendo em conta critérios de defesa da Saúde Pública, aparentemente demasiado rígidos... e critérios comerciais muito elásticos.

Reflete-se entretanto que, ainda recentemente, uma elevada quantidade de vinho proveniente da Metrópole foi rejeitado pelas autoridades sanitárias de Angola e ainda que tanto esse Estado como o de Moçambique importam grandes quantidades de fruta da África do Sul.

Reunião de aposentados da antiga "Carris"

PORTO — A fim de tratarem de problemas que dizem respeito à reforma a que têm direito — desactualizada desde 1962 — reuniram-se reformados da antiga Companhia Carris de Ferro do Porto. Presidiu o sr. Joaquim Pereira Machado, presidente de uma comissão nomeada, que falou em representação dos 1 500 aposentados e apontou várias anomalias verificadas, referindo o facto de aos reformados até 1959 ser atribuído 70 por cento de aumento nos vencimentos enquanto que aos reformados de 1962, apenas 50 por cento.

No final da reunião, a que estiveram presentes os representantes dos órgãos da Informação, resolveram aqueles

aposentados: solicitar ao ministro das Corporações e Previdência Social e da Saúde e Assistência que lhes sejam actualizados os vencimentos da reforma em relação ao agravamento do custo de vida; procurar que sejam feitas correcções nas deturpações que a Caixa de Previdência do Pessoal do Serviço de Transportes Colectivos do Porto vem obrigando a efectuar por parte dos reformados da antiga Companhia Carris; e lamentar profundamente haver necessidade de se recorrer a pleitos do Tribunal do Trabalho por motivo das reclamações constantes dos reformados quanto às actualizações dos seus vencimentos.

Agrediu à paulada e ficou ferido na cabeça

De ontem para hoje reinou a paz na cidade de Lisboa, segundo as ocorrências registadas no Governo Civil. Apenas três homens detidos aguardam nos calabouços do G.C. a transferência para a Judiciária.

O primeiro, de 43 anos, encadernador, é acusado de ter agredido com um pau um guarda-nocturno da área da Graça. Causas: mau humor. Foram os dois receber tratamento no Hospital de S. José, o encadernador ferido na cabeça, o guarda com contusões no nariz. O segundo, de 53 anos, natural de Santarém e sem profissão determinada, foi apanhado a subtrair de uma garagem da

Rua da Palma, quatro volumes de roupa interior feminina pertencente a uma vendedeira de Alhandra, de valor calculado em sete mil escudos. O terceiro e último, de 29 anos, técnico de electrodomésticos, natural de Lisboa foi detido às 2 e 50 da madrugada na Rua João Pereira da Rosa, dentro de um automóvel que o seu proprietário, Bernardino Faria deixara estacionado duzentos metros atrás. Surpreendido, o presumível ladrão afirma que o automóvel se encontrava de luzes acesas e que era sua intenção avisar disso o proprietário.

No relatório do piquete da P.J. nada consta.

NOTAS POLÍTICAS

RUI PATRÍCIO NA SUAZILÂNDIA

JOANESBURGO, 8 (L.) — O ministro português dos Negócios Estrangeiros, dr. Rui Patrício, que termina hoje a sua visita oficial à África do Sul, contactou ontem com elementos da comunidade portuguesa e efectuou visitas de carácter turístico, tendo sido obsequiado, depois, com um banquete no luxuoso hotel Carlton, oferecidos pelos seus compatriotas residentes neste país e ao qual assistiram altas individualidades portuguesas e sul-africanas, nomeadamente o embaixador de Portugal em Pretória, dr. Meneses Rosa, o administrador da província do Transval e o presidente do município de Joanesburgo. O jantar foi organizado pela já afamada «academia do bacalhau» e decorreu em ambiente de franca confraternização luso-sul-africana.

O dr. Rui Patrício, que será hoje homenageado com um banquete oferecido pelo administrador da província do Transval, seguirá amanhã, com a sua comitiva, para Mbabane, em visita oficial à Suazilândia até sábado.

REFORMA DO ENSINO

Na Câmara Corporativa, voltou ontem a reunir a Subsecção de Ensino (integrada na Secção de Interesses de Ordem Cultural) que, sob a presidência do dr. Supico Pinto, prosseguiu na apreciação do projecto de parecer sobre a proposta de lei acerca da reforma do sistema educativo, de que é relator o dr. Justino Mendes de Almeida.

CAUSA MONÁRQUICA

Realizou-se em Lisboa uma reunião extraordinária da Junta Central da Causa Monárquica, na qual foram tratados assuntos de natureza política no âmbito da competência das juntas distritais. Aí se recomendou a todos os monárquicos a maior diligência no recenseamento para as eleições para a Assembleia Nacional.

A.N.P. EM SETÚBAL

Em cerimónia a realizar amanhã, às 21.30, na sede do Grémio do Comércio de Setúbal, tomam posse os membros da nova comissão distrital da A.N.P. local, que será composta pelos seguintes elementos: presidente, Fernando Batalha Pedrosa; vice-presidente, Rui Salgado Velez; vogais, dr. Eduardo Soveral Rodrigues, Fernando de Medeiros Frazão, D. Maria Ângela da Gama e Mário Pereira Dinis.

MOCIDADE PORTUGUESA

O comissário nacional da Mocidade Portuguesa anunciou que se encontra aprovado o Estatuto do Graduado, que define a sua missão e estabelece os diferentes graus hierárquicos. Revelou ainda que em breve serão apresentados os novos modelos de fardas para filiados e graduados.

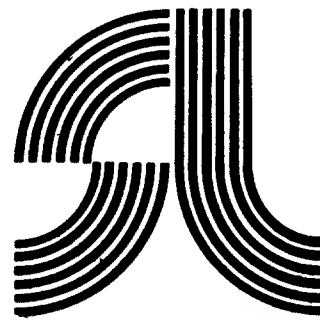
FIAT 132

A FIAT PORTUGUESA tem o prazer de informar que o seu novo modelo Fiat 132 se encontra hoje em exposição, até às 24 horas nos seus stands da

Av. Eng.º Duarte Pacheco, 15
e Alm. D. Afonso Henriques, 60

podendo os visitantes efectuar um ensaio da sua condução.

SUPLEMENTO LITERÁRIO



Transilindis
PRÉSENTE

Ode de conduite



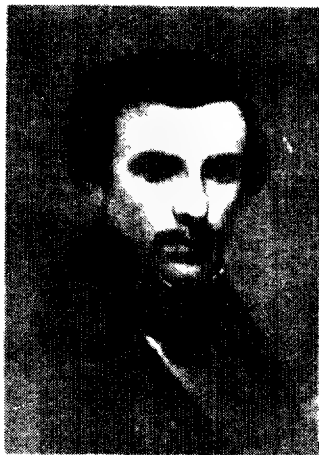
JEAN COLIN

*scénario et réalisation
de*

JEAN VIGO

avec **JEAN DASTÉ** et les cinquante gosses du collège

A POLÊMICA CAMILIANA



ALEXANDRE CABRAL

Um retrato pouco conhecido de Camilo

Reconhecendo embora a preponderância influenciadora dos fundibulários «carcundas» (padre José Agostinho de Macedo e frei Fortunato de São Boaventura), na polémica camiliana há que atender a outros factores, decorrentes ou não da ideologia que lhe fora inculcada por essa e outras vias: a carência de confiança no progresso moral do homem, aceite como dogma a imutabilidade na regência do Universo, onde desde sempre se encontraram instalados os princípios do Bem e do Mal (não existiu em Camilo, de maneira universalizada, a noção de transformação qualitativa desses princípios, de acordo com a conjuntura socio-política de cada momento histórico); a incredulidade na acção regeneradora da literatura, manifestada insistentemente ao longo da bibliografia camiliana; a espessa sedimentação proveniente do prolongado exercício da actividade jornalística, numa época em que predominava, em vez da serena atitude crítica isenta, a paixão da parcialidade; o pendor, enfim, de fazer derivar ou convergir os díspares movimentos do mundo ao epicentro umbilical do escritor.

Se pretendêssemos, em breves palavras, debuxar a índole combativa e o mecanismo do seu comportamento polémico, bastava-nos, em 1874, anteceder a polémica com Silva Pinto.

Aos primeiros prenúncios da contenda, Teixeira de Vasconcelos tomara a iniciativa de avisar Camilo de que o atrevimento fundibulário de **Combates e Críticas** (edição que viria a ser, em 1882, prefaciada pelo próprio romancista depois de estabelecida a paz entre os dois adversários) não merecia qualquer resposta porque era um garotinho sem educação que não guardava o decoro». A prudente advertência do avisado amigo, replicou Camilo já de mangas arregaçadas para a refrega: «Nem eu. Quem melhor as tiver, melhor as joga!»¹⁾

Efectivamente, foi esta a regra de base da polémica camiliana (salvo raríssimas excepções de polémica benigna): «não guardar o decoro» e esmagar o adversário de qualquer feitio. Em boa verdade — e as suas polémicas comprovam-no —, para Camilo nunca existiram terrenos desfos nas querelas literárias, nem jamais se submeteu a leis, fossem elas de ordem moral ou de ou-

tra natureza. Todos os expedientes lhe serviam e considerava legítimos (quando em sua defesa), desde o golpe reles ao esgaravatar na vida privada do antagonista, na quanto que lhe facultassem a almejada vitória ou, pelo menos, lhe granjeassem o aplauso das galerias, mais sensíveis aos aplausos arruaceiros da Sarrafusca do que aos primados da verdade. Afoito e lépido, penetrava sem escrúpulos nos recessos mais íntimos dos dramas individuais, não se esquecendo porém de verberar áperamente o contendor sempre que acontecia ser este a tomar a iniciativa do passo deplorável. E, contudo, neste particular, a vida de Camilo oferecia uma messe farta, como bem se pode imaginar!

A despeito da virulência da linguagem, chegamos à conclusão de que Camilo exercia a polémica com a «bonomia» de quem pratica um acto corriqueiro de higiene pessoal, natural e necessário, ou com a leveza de ânimo de quem participa numa contenda desportiva, finda a qual, desaparecem todos os ódios e rancores gerados no acalorado da competição. Já vamos ver porque.

Numa carta a Castilho, de 7/IX/1872, ao entrar com o inevitável Teófilo Braga, Cami-

lo formulava o princípio definidor da eficácia polémica:

«Neste país há uma só arma de dois gumes que abre nos coiros destes esquilidos sapos: é o escárneo, e sempre o escárneo por mais engaravados todos que eles venham ao certame, com o sobretudo sobre as fardas de lacaios». 2)

Com efeito, Camilo Castelo Branco adquirira no decorrer da sua prolongada e versátil actividade de polemista (servido pelas faculdades inactas da fabulosa imaginação) uma técnica sobremaneira requintada, em que a «marreta de ferro», que Castilho enfaticamente gabava, como argumento de fundo e de peso, nunca vinha desacompanhada; mais contundente que a pesada acha de armas era o escárneo impiedoso que retalhava a epiderme

redondel, com falinhas mansas e passadas suaves se fosse caso disso, despi-lo em seguida com vagares voluptuosos, perante a descomposta hilariedade da turba apinhada nas bancadas, até deixá-lo com as vergonhas à mostra 3). Enfim, quando o apanhava nu e ridículo, humilhado na postura grotesca, vibrava-lhe de chofre o golpe de misericórdia. Se lhe dava na gana, retardava o massacre, a usufruir o sádico prazer de prolongar a agonia do infeliz que pregara inerme no pelourinho da praça pública. Mas em regra não estava para desperdiçar tempo com os entre-actos: despedia o golpe decisivo nas primeiras arrochadas.

A evolução e os trâmites da polémica dependiam muito da disposição de espírito na oca-



Camilo desancando Madame Rattazzi ou uma das mais célebres polémicas camilianas, vista por Rafael Bordoal Pinheiro.

dos adversários como tagante implacável manobrado por mão hábil.

Com a regularidade do traquejo, chegara ao refinamento de conceber e aperfeiçoar um maquiavélico esquema de acção: atrair o adversário ao

sião, da premência de outras ocupações, do rendimento provável da folheteria (como aconteceu com a polémica com a princesa Rattazzi ou com o professor Calisto, transferida ao primeiro entrechoque das armas para o secundanista Jo-

sé Maria Rodrigues; até neste particular Camilo era profissional; não dava «espectáculo» sem cobrar **cachet**) e, como era inevitável, do vigor combativo do adversário. Por vezes, o tiro saía-lhe pela culatra: sendo por demais conhecidos os seus invulgares processos polémicos e a manha dos truques, o antagonista, navegando contrafeito ou deleitado nas suas águas, antecipava-se-lhe na jogada arruaceira e atirava logo a ofender, sem respeito nem consideração, escurado na sargeza do sempre actual provérbio: «Candeia que vai adiante alumia duas vezes». Foi o que aconteceu em 1881 com o engenheiro Alexandre da Conceição.

No entretanto, terminada a contenda (nem sempre Camilo recolheu a penates com os laureis da vitória na frente!), o vencedor regressava aos seus trabalhos romanescos, como se nada de extraordinário tivesse ocorrido. Depois de ter feito rir até à indecência a massa dos papalvos, dispunha-se a provocar o choro nas sensibilidades doentias. E essa transmutação, invariável no desfecho de todas as suas pugnas, que nos leva a identificar a actividade polémica de Camilo com um exercício desportivo, adequado ao seu temperamento e sem dúvida ardoroso, mas do qual não devia ficar sombra de ressentimento.

De facto, no mesmo instante, Camilo Castelo Branco esquecia a briga e o adversário. Sendo o romancista tão variável nos seus sentimentos, não era homem para conservar rancores logo que se extinguíssem os clamores polémicos ou se apagassem os reflectores e as luminárias do espectáculo circense. Podiam ter sido desaforadas e descortezes as fases da contenda, a verdade é que descarregada a bília e acalmada a exaltação emocional, o romancista voltava aos seus que-fazeres literários com exemplar bonomia e assiduidade. E bastava um tagaté do adversário da véspera (uma prova de deferência, um elogio, uma simples manifestação de simpatia ou de apreço, como se o irascível polemista estivesse sequioso de afeições) para estreitar perduráveis laços de amizade. Do truculento furor que durante a peleja fizera chispar afrontas terríveis, como se a indignação fora postiga ou superficial, não ficava sombra de espinho a magoar o novo **statu quo** com turvas lembranças. Assim aconteceu com Silva Pinto, e com todos os outros: Augusto Soromenho, Sérgio de Castro, Carlos Lobo d'Ávila, Gaspar da Silva, Silva Túlio, a quem prefaciou os **Estudinhos da Língua Pátria**, etc., etc. O desconcertante do conto é que também podia suceder o inverso.

Neste insólito encadeamento de animosidades e reconciliações, a alternarem-se com a frequência inexorável de uma lei física, regista-se uma única excepção: o caso de Teófilo Braga. A malquerença entre os dois homens de letras foi persistente e duradoura, atingindo em Camilo os paroxismos de obsessão patológica. Houve quem acreditasse que o ódio se desvanecera quando a Teófilo morreram os dois filhos, num curto intervalo de tempo, e Camilo lhe dedicou o soneto **A Maior Dor Humana**. Como que arrependido da fraqueza, apressou-se pouco depois a repudiar a origem do poema.

«O soneto que escrevi ao ideal da maior dor humana não tem nada com o Teófilo Braga: é com a dor de qualquer pai que seja capaz de a sentir. Ora o Teófilo Braga, pelos discursos que faz, mais me parece um poseur que um mártir». 4)

Nessa mesma carta, Camilo começara por dizer:

«Ouvir ler as frases laudatórias do dr. Teófilo Braga. Dou tanta importância aos louvores de hoje como às injúrias de outrora. Há 15 anos chamou-me **reles rimador**; hoje categoriza-me em **poeta exímio**. Nenhuma das definições me quadra perfeitamente».

Ao aproximar-se do final da sua carreira de escritor, amorticados os ímpetus rebarbatidos, lastimava-se de já não possuir a sensual jovialidade com que outrora se enfiava garrulamente nos atascadeiros da polémica.

Ao referir as zombarias cáusticas que a imprensa propalava a seu respeito a propósito das aspirações nobiliárquicas, que tinham todavia um outro significado do que aquele que lhe atribuíam (a nobilitação era nem mais nem menos que a «reforma» de uma existência inteiramente devotada à literatura, com as benesses inerentes à nova condição social, como de facto veio a acontecer), Camilo confessou a Tomás Ribeiro, em carta de 1884, procurando justificar a sua extravagante passividade:

«São couces que eu já não posso rebater com o meu partido chicote». 5)

A verdade é que a pertinácia empregada na conquista do título era de certo modo incompatível com o escândalo de uma polémica.

NOTAS

1) In **Portugueses Ilustres/Camilo e Silva Pinto**, por António Ferrão. Lisboa, 1936, p. 45.

2) In **Camilo e Castilho**, ed. de 1930, p. 37.

3) Foi peremptório, a quando da **Questão Faustiana**, na carta ao mestre Castilho:

«O intento é tirar o Vasconcelos (Joaquim de Vasconcelos) para terreiro onde os guisos de jogral lhe batam na cara.» (In **Camilo e Castilho**, ed. de 1930, p. 46; carta de 10/X/1872.

4) In **Camilo e Eça de queirós**, de António Cabral, pp. 158/9.

5) In **Cartas de Camilo Castelo Branco a Tomás Ribeiro**, p. 48.

O livro, agora

O homem vive hoje num mundo de sons e imagens. São estas as formas principais de receber informação do universo a que pertence. Ocorre perguntar qual o papel reservado ao livro, agora. Estará definitivamente condenado face aos meios de transmissão pelo som e imagem?!

Para a informação saboreada «à nossa vontade», o livro é o veículo ideal do conhecimento. A resposta verdadeira, se bem que apriorística, só pode ser portanto negativa. Como os descreve Fernando Namora, os livros são a própria vida condensada, acessível, fechada em volumes, que se transporta para um recanto solitário, que se palpa entre as mãos. (Por vezes, infelizmente, o livro torna-se, também, a «droga» usada para esquecer, pobre porta-de-escape da realidade dura do quotidiano. Coisas de um mundo de consumo alienante, onde saborear é, cada vez mais, um requinte inacessível).

Entre nós não está ainda bem arraigado o hábito de ler o livro. A montra da livraria faz por vezes parar o passante que fica a olhar. Mas entrar, procurar o convívio íntimo do livro, requer uma «audácia» que não é muito comum. Causas diversas, e talvez a menor delas não seja a desproporção entre os magros escudos da bolsa do comprador possível e o preço de capa, rico.

Mas, dilema entre o livro e a rádio ou a televisão, é

coisa que não existe. Pelo contrário, estes meios de comunicação podem «vivificar» o livro, levá-lo ao leitor potencial, preenchendo o hiato entre o estatismo do livro jacente na geometria dos escaparates e o dinamismo da vida que se vive.

A estes meios de comunicação cabe o papel de manter vivo o gosto pela leitura e de o fazer adquirir desde o primeiro escolar da alfabetização. Onde não deve só ensinar-se a ler, mas, na verdade, criar leitores com o gosto por ler, caminho para a liberdade, o êxito, a vitória sobre o quotidiano massificante.

Na escola e para além dela, o livro constitui um veículo por excelência do conhecimento, entre os que o criam e os que o procuram. É óbvio, porém, que o livro tem de integrar-se harmoniosamente no condicionalismo do momento social em que existe. Quer na forma de apresentação, quer no conteúdo. Adaptando-se a uma técnica figurativa solicitada especialmente pelos leitores mais jovens, com uma ligação íntima ao real, como o exigem gerações que estão vivendo o que estava bem para além do que podiam imaginar seus pais.

A previsão pessimista de um filme passado há alguns anos, onde se assistia ao sacrifício dos livros em holocausto, remetido o seu conteúdo à tradição comunicada oralmente de homem a homem, não irá tornar-se, talvez, realidade.

A transmissão do conhecimento pela palavra escrita não está condenada, pelo menos dentro do que é legítimo prever. Agora e para o futuro o livro continuará, talvez integrado em formas sintéticas que não podem imaginar-se. Aos meios de comunicação generalizada correntes na sociedade actual cabe a missão importante de levar a todos o «livro» que para todos deve ser.

PEDRO MARTINS DA SILVA

COMO TRABALHAM OS NOSSOS ESCRITORES?

FERNANDO LUSO SOARES:

“TEATRO DE REVOLUÇÃO É O QUE NÃO ACEITA O HERÓI NEGATIVO”

Entrevista conduzida por
JOSUÉ DA SILVA

«Edições Afródite» acabam de lançar o décimo terceiro livro de Fernando Luso Soares: «Teatro Vanguarda - Revolução e Segurança Burguesa».

Não é difícil conversar com Fernando Luso Soares. Todo ele é diálogo vivo, fogoso, alegre. Quando lhe perguntamos se tinha um método de trabalho e se se fazia acompanhar de algum ritual nas horas de criação, Luso Soares respondeu-nos sem vacilar:

— Efectivamente tenho um método de trabalho, racionalizado pelo exercício da minha profissão, a advocacia. Obedeço a prazos pré-estabelecidos, que devo cumprir. Mas este método uso-o, sobretudo, para estruturar o material de que me vou servir em seguida para escrever a obra em que penso. Porque, mal a começo a escrever, todo o meu método se vai abaixo. A criação, para mim, é a sugestão do momento. Porém, no que fica para trás do acto da criação, quero dizer, na recolha, escolha e alinhamento de elementos, sou extraordinariamente metódico. Ponho um exemplo: Há dias publiquei uma peça a que puz o título de «António Vieira», editada por «Cena Actual» e que trata de um problema de choque de estruturas num tipo de sociedade já iluminada pelo racionalismo, pelo cartesianismo, sociedade mística, sebastianista, etc... O acto de antescrever esta peça levei-o eu com todo o rigor, não me importando, sequer, com o tempo que tal trabalho me queimou. De tal modo, que fiz a montagem de todo o material histórico, de tudo o que era crítico e dialéctico em António Vieira, em fichas separadas. E como o teatro épico-narrativo é um teatro por cenas montadas, uma vez ordenadas as fichas pelo processo que eu quis alcançar, entreguei-me ao trabalho de rescrever esteticamente a secção dessas fichas. Como vê, isto não pode deixar de pressupor um rigoroso método. No entanto, espere: creio que no outro aspecto de que lhe falei há bocadinho e diz respeito ao momento de criação... Bom, nem todos os textos convidam ao tal momento de sugestão, de imediato acabamento. Estou a lembrar-me de que ao escrever «Teatro Vanguarda - Revolução e Segurança Burguesa», me vi obrigado a usar um método de profunda e sistemática elaboração. Tratava-se de um texto que exigia de mim uma grande reflexão e eu sabia, portanto, que não me devia deixar levar no correr da pena.

— Infere-se, das suas pa-

lavras, que o Luso Soares, ora se comporta como um impulsivo, um criador com pressa de acabar os textos germinados, ora como um elaborador metódico?

— Não é exactamente assim. Durante muitos anos e até não há muito tempo, considero que fui excessivamente impulsivo. Julgo que tudo o que está para trás do meu «António Vieira» reflecte isso. Mas a partir de determinado momento algo se modificou em mim. A tal ponto que o «António Vieira» me levou nove anos até eu o considerar pronto. O mesmo aconteceu com o «Teatro Vanguarda». O último original deste livro, foi tremendamente rasurado, emendado, desfeito e refeito, numa palavra. Quer isto dizer, talvez, que o meu ar impulsivo de outrora de perder e me ganhei de outra forma.

— Falámos de ritual. O Luso Soares sente a necessidade de fazer qualquer coisa, enquanto escreve, enquanto cria, que lhe pareça assemelhar-se a um ritual?

— Há um instante de silêncio que o gravador também regista. Luso Soares sorri, abana a cabeça, sorri. Os seus olhos, vivos e inquietos, como os do menino que interroga incessantemente o universo que o cerca, ganham mais brilho.

— Vocês são o diabo... (O diabo de que Fernando Luso Soares fala é o jornalista, claro). — Mas eu confesso, sim, senhor, que faço coisas estranhas quando escrevo. (A ironia é bem patente, a ironia ou o bom humor, porque Luso Soares, embora um homem sofrido, consegue manter intacto um humor sereno, transvasante, que contamina). Pois, uma das coisas que faço é escrever de noite. De dia, nunca escrevo, no sentido literal do termo. Quando muito, dito para a máquina, perfeitamente manipulada pela minha colaboradora, visto que eu escrevo muito mal à máquina. Mas só à noite, por vezes até ao fim da madrugada, é que me atrevo a menusear os meus textos. A segunda coisa, e esta já começa a ser estranha, é que de dia nunca fumo. Creio que há aqui um problema de foto-síntese. Enquanto o sol brilha, o meu organismo rejeita o tabaco. Mal vem a noite, essa rejeição deixa de existir e sinto a necessidade de fumar. Quando escrevo, fumo cigarro atrás de cigarro. Sou aquilo a que você poderá chamar um fumador-morce-



Fernando Luso Soares

go. (Risos, que o gravador também registou). E outra coisa ainda: tenho o costume de coçar o cancro. Eu explico: enquanto escrevo levo a mão ao pescoço, junto à base da nuca e ponho-me a coçar aí. Mas coço a sério, sabe? Então, as pessoas íntimas quando me vêem nesse despropósito, dizem: lá está ele a coçar o cancro. Porque parece que há quem julgue que os antrases se formam devido às pessoas terem o costume de se coçarem neste sítio. Mas não terminam os meus vícios de escritor. Gosto de representar para mim, à medida que as vou criando, as cenas das minhas peças. Naturalmente sou um mau actor, como calcula. Mas mesmo assim, represento essas cenas, tentando dar tom à figura aos vários personagens. Às vezes é um pandemónio, pois chego a supor que estamos no palco. Tire daqui a conclusão que quisar. A verdade é que o método ou o desmétodo que uso, tem-me proporcionado emendar certos erros que, de outra maneira, eu não descobriria. Além de que gosto de sentir vivos, em mim, os person-

gens que crio.

— Que é para o Luso Soares, o Teatro?

— Um meio de significação válido. Deve estar admirado por eu ter dito meio de significação e não ter usado o chavão do meio de comunicação. Mas eu tenho umas ideias muito minhas quanto à maneira como é usado esse chavão. Não temo tempo, nem espaço para as expormos e é pena. Contudo, gostaria que me perguntasse, antes, o que considero eu teatro de revolução. Porque eu responder-lhe-ia desta forma: para mim, teatro de revolução, é isto procurando uma maneira muito sintética de dizer o que pretendo, é o teatro que não aceita um herói negativo, o herói que leva à derrota do homem, como em Hauptmann ou como em Tchecov, que eu vejo como prenúncio desta teoria para mim tão rejeitável hoje de certo teatro moderno da incomunicabilidade. O teatro de revolução não aceita o herói negativo ou aceita-o visto somente do ponto de vista crítico. É evidente que seria excessivo do ponto de vista programático recusar uma peça cujo herói fosse

negativo. Peças há, e lembro-me especialmente de uma certa obra de Brecht, em que o tratamento crítico do tema do herói negativo, acaba por nos oferecer uma peça revolucionariamente positiva.

— Quer dizer-nos, claramente, qual a sua posição assumida neste caso?

— É essa. Apesar de ser partidário e modesto executor de um teatro brechtiano, sou muito mais lukacsiano.

É extraordinário o que se pode descobrir à medida que vamos dialogando com uma pessoa. Até porque não nos fora possibilitada a leitura de «Teatro Vanguarda», a inclinação de Luso Soares para Lukács era para nós uma faceta desconhecida.

— Não em atreverei a dizer que sou discípulo de Lukács, visto que isso seria uma designação de muita responsabilidade. Sou, sim, um curioso, amorosamente curioso, da estética lukacsiana e da sua filosofia. Neste sentido, não admira que o meu «Teatro Vanguarda 1 Revolução e Segurança Burguesa» seja um trazer para o nosso meio cultural? um trazer reflectido segundo a minha ideia e as minhas possibilidades de todo o edifício dessa estética, designadamente no que concerne à crítica das vanguardas como revoluções formais, à aceitação de uma cultura toda ela pertinente ao realismo crítico e como antecessora de um estágio social de literatura revolucionária. Atentando, pois, ao que deixo dito no livro, será fácil ver-se de perto a minha posição. Preciso de adiantar que eu não tenho o rigor do Lukács quanto ao vanguardismo. Ele quase que lhes nega radicalmente o valor. Acredita numa estética revolucionária, mas assente nos moldes formais da bela estética.

Sabemos que Luso Soares teve uma vida difícil. Como advogado, viria a tornar-se muito tarde e através de um esforço pessoal intenso e sério. Como escritor, apareceria em 1953, com a novela, que se disse policial, «Crime e Três Incofnitas». Publicaria outra novela do mesmo tipo, em 1954: «O Crime de um Fantasma». Em seguida, três volumes de contos: «O Mais Inteligente dos Estúpidos», «O Juiz e o Padre» e «O Parque dos Camaleões». Em 1963, surgiria com a sua primeira experiência teatral: «Os Cavalos Marinhos». Em 1965, verteu para português, «Os Banhos», de Maiakovski, além de outras

obras estrangeiras. Em 1968, leva à cena no Teatro Estúdio de Lisboa, a sua peça «A Outra Morte de Inês», que a crítica da especialidade rejeita com certa violência. Publica em 1969, o texto polémico de «Cadáver Adiado que Procria», virando-se para o ensaio, em 1970, com «Literatura, Dialéctica, Estrutura». Agora acaba de publicar, além do seu «Teatro Vanguarda», a peça «António Vieira». Faz crítica literária em vários jornais. Adaptou para o teatro o romance de Camilo «A Queda de um Anjo».

— Considera-se um escritor comprometido?

Luso Soares responde sem hesitação:

— Como não? Creio que a nota preliminar do meu «Teatro de Vanguarda» responde a esta pergunta. Muitos teóricos (burgueses) da estética cuidam de supervalorizar as atitudes meramente contemplativas, estéticas, considerando que toda a obra de arte deve ser sempre apartidária, alheia às questões (políticas) da luta quotidiana. A arte, para eles, nada teria a ver com outras sugestões, que não fossem as do que é belo e inefável. O verdadeiro artista havia de ser só aquele que conformadamente, se recreia com a beleza. Esses, são, enfim, os que se filiam, tal e qual, e inconscientemente, num purismo de ordem kantiana (na teoria kantiana do «desinteresse») e que podem tomar, como paradigma, o Flaubert da impassibilité. Esta gente, porém, esquece que todos os factos humanos estão integrados numa determinada perspectiva ideológica e cada um deles encontra-se em determinada situação histórico-social que engendra essa perspectiva. Uma atitude nossa, seja qual for, implica já a consciência do facto político, envolve já certa perspectiva, na qual vigoram determinados princípios ideológicos. A consciência da praxis está, portanto, carregada ou penetrada de ideias que flutuam no ambiente e que, como seus miasmas, o homem respira. Estamos, em suma, com Vergílio Ferreira, pelo menos quando nos afirma que «só se é rigorosamente indiferente em face do que se desconhece». Assim a arte, repetimos, parece-me sempre partidária, seja burguesa, não burguesa, ou anti-burguesa. A arte não consegue significar qualquer facto, ou relação, fora do seu partidário — mas o partidário artístico há-de manifestar-se na representação de cada detalhe.

UM "LUZEIRO DE ESPERANÇA" OU ÓSCAR LOPES ENTRE "A VERDADE" E A VERDADE

JOSÉ AUGUSTO SEABRA

"La verdad es lo que es
y sigue siendo verdad
aunque se piense al revés."

(António Machado)

Na minha «Carta Aberta a Óscar Lopes sobre a Vida Editorial e Literária Soviética», publicada no Suplemento Literário do «Diário de Lisboa» de 1 de Fevereiro passado, terminava por fazer um apelo ao meu correspondente a partilhar com os seus e os meus leitores a busca da verdade, aquela busca constante e sempre contrastável da verdade de que um dia, ainda jovem, o ouvira falar. Aguardava que a sua resposta fosse uma contribuição livre e responsável nesse sentido, dentro de uma assunção autêntica dos valores cujo culto — como também diz — já nos comoveu em comum. Não posso deixar de constatar que a minha confiança numa disponibilidade e boa vontade de diálogo foi iludida. Óscar Lopes furta-se, esquivamente, a responder às minhas perguntas e a tomar uma atitude clara e inequívoca em face das questões que pus à sua consciência, tentando deslocar os problemas para um plano pessoal «mais propício à confusão» — para lhe devolver os termos com que de um modo gravoso se me dirige. Como nunca — e todos os meus verdadeiros amigos o sabem — considero as pessoas como um «instrumento», mas como um fim em si mesmas (se de algo Óscar Lopes é instrumento não o é de mim próprio), é claro que não desejo sequer replicar a esse desforço polémico, em que o meu interlocutor admite mesmo poder ir a gente até «magoar-se» um ao outro. Tal não foi jamais, pelo que me diz respeito, a minha intenção, que se situava num mais elevado plano: o esclarecimento dos leitores acerca de um assunto sobre que, antes de mais, a eles compete ajuizar: o da realidade exacta da U. R. S. S., no que especificamente à vida literária e editorial se refere. É por isso que, em lugar de uma resposta ao meu correspondente, acho por bem dirigir-me agora directamente aos nossos leitores, propondo-lhes alguns elementos de reflexão que lhes permitirão ver, de um modo objectivo, de que lado vem, neste caso, a confusão, senão o confusioismo.

Os termos da minha carta, de uma ponta a outra, não podiam ser, parece-me, em perfeita lealdade, mais explícitos. Todas as minhas observações de leitor atento a respeito dos dois artigos publicados neste mesmo jornal, mais de um mês antes, visavam, como desde o início foi timbre meu acentuar, um «único e exclusivo propósito»: informar-me junto do autor acerca do que escreveu e informar eu mesmo os leitores acerca do que calou, seja por ignorância, seja por esquecimento, seja por simples omissão. O direito dos leitores à informação e à verdade impunha-me efectivamente o dever de publicação dessa carta, que se dirigia assim não ao amigo («que não está — como expressamente eu o dizia — pelo meu lado em questão»), mas ao «escritor inalienavelmente responsável pelo que publica e desse modo transcende o domínio das convicções íntimas». Era esse e apenas esse o outro Óscar Lopes a que me referia, sem de maneira nenhuma supor-lhe uma qualquer dupla ou múltipla personalidade ortónima ou heterónima, já que seria pouco óbvio considerá-lo como um poeta, à imagem e se-

melhança de Fernando Pessoa, a que incidentalmente alude. E o meu escrupulo, que Óscar Lopes afirma de resto compreender, foi ao ponto de pôr entre parêntesis «o que para além da publicidade objectiva da escrita, nos redutos da consciência ou das opiniões emitidas em âmbito privado se situar». Tudo isso lá estava, a meter-se pelos olhos dentro, de uma forma meridionalmente compreensível para os leitores de boa fé. Ora, parafraseando ainda Pessoa, os textos «há simplesmente que os ler como estão, que é aliás como se deve ler».

Mas mais: a citação da dedicatória de um livro de Óscar Lopes, como também de um livro de poemas meu a ele enviado (tal era o «exílio de silêncio») pretendia justamente salvaguardar qualquer má interpretação das nossas relações mútuas, que nada até aí ensombrara: não supus nela, francamente, um «alcance que nunca poderia ter». Nem julgo que qualquer leitor de espírito liso o supusesse. E muito menos, pensava eu, o próprio Óscar Lopes, que a escrevera. Por que motivo vem ele então agora fazer-me um processo

de intenção, a mim, seu destinatário?

Depois de maduramente pensar, não vejo senão um, consciente ou inconsciente: o de, personalizando e passionando o debate, se escusar à discussão serena e profunda de um problema que objectivamente nos transcende, embora nos englobe, a nós ambos escritores, quer como poeta quer como crítico: o da existência e da liberdade da própria literatura, soviética ou outra. Perante esse grave problema, que interesse mais do que irrisório poderia ter acaso a referência ou não de Óscar Lopes à minha obra, de que nunca me senti (nem sinto) tributário? Não, Óscar Lopes não tem o direito moral de desviar e iludir o cerne da questão, não tem o direito de atribuir a pretensos «ressentimentos» os termos inequívocos de um testemunho desinteressado, fruto de uma experiência que não é apenas pessoal, mas de tantos outros que como eu viveram na União Soviética. E se for capaz ainda de conceber que se possa testemunhar com objectividade e em pura consciência (dado que diz, embora eximindo-se a tomá-lo em conta, que o meu testemunho não tem resposta), deveria pelo menos não excluir a priori a isenção das motivações alheias. Assim como respeitar a dignidade de um exilado: ou querará também negar que este seja capaz de exprimir uma opinião fidedigna, usufruindo de uma das raras e derradeiras vantagens a que a «ausência involuntária» do país lhe permite aceder? Atribua Óscar Lopes ao que quiser as suas fantasmáticas projecções: não poderá impedir que, inevitavelmente, uma maior liberdade de informar-se vá de par, no «estrangereiro» que se queira lúcido, com uma visão crítica mais exigente do que a daqueles que se comprazem em viver no fundo de um poço, e só dele saem para noutro mergulharem. E não falemos já dos que continuam a preferir, como o avestruz, enterrar a cabeça na areia até a tempestade passar... Como se isso os eximisse a essa responsabilidade total e inexorável de que falava, como oportunamente lembra o meu correspondente, Raul Brandão.

Para que os leitores da resposta de Óscar Lopes à minha carta aberta fiquem com a medida exacta da pertinência ou não pertinência do que ele apresenta como sendo a sua defesa (já que imaginou nas minhas perguntas e observações um «requisitório» que contra ele lá não estava), vou retomar uma por uma as alegações que desenvolve. Sem tirar eu mesmo senão as conclusões mais evidentes, farei sobretudo, uma vez mais, algumas perguntas, dando os necessários elementos contextuais e intertextuais para uma possível resposta.

Começa Óscar Lopes por pretender que eu o impugno pela sua aceitação do convite para ir à U. R. S. S. Onde está isso no meu texto? E por que tem assim necessidade de justificar-se, como se se sentisse culpabilizado por uma tal suposta acusação? Todos os leitores terão lido que não deixei de considerar, precisamente, como digno de ser relevado o facto da autorização dessa visita, quaisquer que fossem os seus limites e limitações. E não defendia eu, nesse sentido, como sempre defendi e defendo (as minhas posições de princípio são suficientemente conheci-

das), o «direito à livre circulação das pessoas, das informações e das ideias», para lá de todas as «barreiras e divisões artificiais ou impostas»? Seria por eu assinalar que se tratava de um convite oficial ou oficioso, quando seriam desejáveis «relações normais, amplas e independentes» entre escritores «de ambos os lados», livremente e sem intervenção estatal, que Óscar Lopes se julgou comprometido? Ou então por outros terem recusado o convite, ou não terem como ele sido autorizados a aceitá-lo, já que ficamos sem saber porque razão o grupo de visitantes foi afinal restrito, embora os convidados se interessassem «por mais escritores dos mais variados naipes»? Não querará Óscar Lopes, se lhe for possível, ser a esse respeito menos elíptico perante os seus leitores, para evitar confusões?

E verdade que, noutros países, escritores há que, em protesto contra os processos em que foram condenados escritores soviéticos, e também contra a invasão da Checoslováquia, se têm abastido de visitar a U. R. S. S. a convite oficial. Cada qual é livre de agir segundo a sua consciência. E, admitindo o direito de Óscar Lopes à aceitação de um tal convite, será ofensivo interrogá-lo (e interrogar-se) acerca da forma como a visita decorreu? Saber qual a origem dos «dados e contraprovas» com que foram por ele aferidas as versões oficiais da vida literária e editorial soviética? A esta pergunta, por exemplo, não responde claramente Óscar Lopes. E é pena. Não deixa, contudo, de apresentar justificações circunstanciais para as suas lacunas informativas: atraso da viagem, russo oral «modéstissimo» apesar dos estudos linguísticos que determinaram a sua deslocação, falta de «relações locais». Em compensação, segundo parece, os visitantes tinham a «vantagem» de ir onde lhes fosse «materialmente possível» e lhes «ocorresse colher». Mas, lamenta-se Óscar Lopes, «por vezes as coisas não nos ocorrem a tempo». Não lhes ocorreu então a tempo, a ele e aos seus companheiros de viagem, procurar visitar certos escritores soviéticos mais conhecidos? Não, não foi afinal bem isso, segundo parece depreender-se, mas outras reflexões mais ponderosas: «Seria de exigir que nos informássemos e que intercedéssemos de um modo que deva ou possa publicar-se acerca de escritores expulsos da União de Escritores Soviéticos, impublicos, condenados ou também ao que se diz internados em asilos psiquiátricos?» — interroga-se e interroga-nos Óscar Lopes. Várias hipóteses se podem inferir desta pergunta, hipóteses que conviria explicitar: 1.ª — que embora Óscar Lopes tenha, como diz, «o dever e o interesse» de se «informar e informar sobre o que importa», «nos limites do possível», se tratava neste caso de algo que não importava, ou ultrapassava os limites desse possível, não sendo portanto de exigir que a esse respeito se informasse; 2.ª — que, informando-se, Óscar Lopes poderá ter intercedido por tais escritores, mas de um modo que não «deva ou possa publicar-se», para não prejudicar a eficácia da sua intervenção; 3.ª — que, de qualquer modo, no caso dos asilos psiquiátricos, seria absurda, e portanto

inexequível e inexigível, uma tal intervenção, dado o seu objecto só hipoteticamente ser existente («ao que se diz»). Em que ficamos? Não será antes a pergunta de Óscar Lopes o que os franceses chamam uma «resposta de normando»? Mas acharão os leitores que um assunto desta gravidade se compece honestamente de tais ambiguidades e insinuações? E ficará Óscar Lopes assim em paz com a consciência? Por que volta então, parágrafos adiante, ao mesmo assunto? E agora já com outro argumento, este de ordem profissional e como hoje se diria tecnocrática: «É evidente que o próximo congresso internacional de psiquiatria a realizar na U. R. S. S., no Verão, poderá esclarecer muito melhor esta questão de reclusos em asilos do que três escritores portugueses».

Não sabemos se Alexandre Babo e Augusto Abelaira, que até agora guardaram um silêncio que é de ouro, estarão de acordo com esta última explicação de Óscar Lopes (ou com as outras). Mas os leitores, esses, poderão perguntar: terão apenas os psiquiatras reunidos em congresso, competência para esclarecer tal assunto? Talvez Óscar Lopes não se dê conta, na verdade, de que está a admitir implicitamente esta coisa monstruosa: que só os psiquiatras, mesmo se a psiquiatria é hoje contestada em vários dos seus aspectos, seriam no fim de contas aptos a julgar da liberdade de certos escritores. Terá a necessidade de justificação ultrapassado o pensamento do autor da frase? Mesmo admitindo que Óscar Lopes desconheça, por exemplo, os estudos de Michel Foucault sobre a loucura, e que tenha momentaneamente esquecido casos como o de Ângelo de Lima ou o de Antonin Artaud, ignorará ele também que já muitos psiquiatras se pronunciaram (além de claro de inúmeros escritores) contra esse escândalo da utilização da psiquiatria para a repressão cultural na U. R. S. S.? Seria de resto bom saber o que pensam os psiquiatras portugueses a este respeito.

Por analogia, eis aonde nos levaria a peregrina ideia do meu correspondente: só um congresso de penalistas (e por que não também de polícias ou de carcereiros?) se poderia talvez pronunciar sobre os campos e as prisões na U. R. S. S., como em qualquer outro país. E então os simples cidadãos? E mesmo os escritores? Deverão estes também cantonar-se numa competência estritamente profissional, deixando de ser testemunhas vigilantes da sociedade, em relação aos direitos do homem? E será isso uma questão de peso numérico ou nacional? Não teria o testemunho de um só escritor português igual valor que o de um escritor de qualquer outro país, perante a consciência internacional, quando esses direitos estão em causa?

Efectivamente, todos os leitores se dão por certo conta de que o caso particular dos escritores presos e condenados a um internamento pelas suas ideias e pelas suas obras se insere num quadro mais geral de defesa dos direitos elementares de qualquer outro homem. E seria nessa medida conveniente perguntar a Óscar Lopes o que pôde saber e o que pensa, também, acerca do respeito pela U. R. S. S., não só do «direito à liberdade de opinião e de expressão», mas ainda, por exemplo, do «direito

de sair de qualquer país, inclusive o seu, e de voltar ao seu próprio país», constante de uma Convenção Internacional da O. N. U. por ela assinada (1). Ainda aqui, os escritores não aparecem senão como uma amostra típica. Com uma diferença, recentemente afirmada: é que, enquanto muitos cidadãos desconhecidos são impedidos de sair, aos intelectuais em evidência permite-se-lhes irem-se embora, para não mais poderem voltar, como recentemente aconteceu a Tchaidze. E não era Soljenitsine livre de ir a Estocolmo receber o Prémio Nobel? Ele lá sabe porque não foi...

Esquecia-me de que esta nova referência a Soljenitsine parecerá suspeita a Óscar Lopes, por ser daqueles casos em que se interroga sobre a minha pretensão de «insistir num assunto de que os jornais tanto falam». O que lhe permite, como os leitores o terão notado, insinuar com subtil malícia que eu não faço mais do que colaborar (objectiva ou também subjectivamente?) — para usar o calão numa certa propaganda, e sugerir ao mesmo tempo que, decididamente, basta de falar no caso...

Será para Óscar Lopes igualmente suspeitos de tal insistência os escritores comunistas (franceses, italianos, espanhóis, etc.) que continuam a defender sem desfalecimento o direito de Soljenitsine à liberdade de criação, de publicação e de deslocação na U. R. S. S. ou fora dela? E considerá-lo, pela sua parte, Óscar Lopes insuspeito e desobrigado de tal solidariedade por ter votado em favor de Soljenitsine para o Prix International de Littérature? Esquece-se contudo de precisar em que altura teve lugar essa votação: Maio de 1964, isto é, quando Soljenitsine gozava ainda de favor oficial, pela protecção de Krushtchev, pois foi este que impôs a sua publicação aos elementos mais conservadores, dentro da sua campanha anti-estalinista. Por que haveriam os seus convidados de ser demasiado rigorosos para com Óscar Lopes, se como pensa se informaram a seu respeito? E por que haveria Óscar Lopes de defender publicamente, passados quase dez anos, um escritor para cujo renome já tinha contribuído como crítico, nos seus dias de sucesso, agora que ele caiu de novo em desgraça? Não, isso seria contribuir para dar ainda mais publicidade a um nome de que os jornais já tanto falam.

Mas não falaram também os jornais de Choklov, quando recebeu o Prémio Nobel? E mesmo das suas declarações exigindo uma condenação mais severa ainda do que aquela que foi infligida em 1966 a Siniavski e a Daniel (7 e 5 anos de reclusão num campo), apesar da intervenção em seu favor de escritores como Aragon, que escreveu nas «Lettres Françaises»: «Privá-los da sua liberdade pelo conteúdo de um romance ou de um conto é fazer do delito de opinião um crime de opinião, é criar um precedente mais nocivo ao interesse do socialismo do que o poderiam ser as obras de Siniavski e Daniel? Parece evidente que Aragon, quaisquer que sejam por outro lado as suas posições, não teve assim problemas de misturar a voz do seu jornal à da Imprensa de grande tiragem, pressionado pela opinião pública francesa. Como os não tiveram es-

Continua na pag. nove

CONDICIONADORES DE AR PHILCO

AR QUENTE — AR FRIO

TEMPERATURA AMENA EM QUALQUER
ESTAÇÃO DO ANO!

IMPORTADORES:
Arnaldo Trindade
& C.ª Lda.
R. Santa Catarina, 117
PORTO
Rua da Alegria, 122
LISBOA

PHILCO DE FAMA MUNDIAL
PELA QUALIDADE

FREUD E ARNOLD ZWEIG

SIGMUND FREUD-ARNOLD ZWEIG: CORRESPONDANCE 1927-1939, prefácio de Marthe Robert, traduzido do alemão por Luc Weibel, Gallimard, 240 pág.

A muitos respeito, a correspondência que trocaram Sigmund Freud e Arnold Zweig durante mais de dez anos é enganadora: mutilada em primeiro lugar por Zweig, que não queria que determinados pormenores da sua análise, por demasiados íntimos, fossem tornados públicos, depois pelos filhos de Freud e de Zweig, desejosos da respeitabilidade de seus respectivos pais, peca pela discreção e pelo seu tom relativamente anódino comparado com outros volumes da correspondência de Freud. (Entre estes outros volumes da correspondência de Freud, publicados por Gallimard, necessário se torna citar: *Correspondance, 1873-1939, Correspondance avec le pasteur Pfister, 1909-1939, Correspondance avec Karl Abraham, 1907-1926*, e, finalmente, *Correspondance avec Lou Andréas-Salomé*).

Arnold Zweig, de trinta anos, o mais novo discípulo de Freud, alimentava a respeito do pai da psicanálise uma piedade verdadeiramente filial. O «venerado professor Freud, a quem ele se dirigia na sua primeira carta, de 18 de Março de 1927, tornou-se, com o decorrer dos anos, o «muito querido pai Freud». Reconhece dever-lhe tudo — ou quase tudo; compara-o a Nietzsche. «Sim, escreve o romancista alemão, em vós tenho reconhecido, pai Freud, o homem que fez tudo o que este bom Frederico Nietzsche se contentou em pintar: que concebeu de novo a Antiguidade, transformou os velhos valores, se desembaraçou do cristianismo; o verdadeiro imoralista e ateu (...) — mas que evitou as suas deformações e as suas facécias porque inventou a análise e não Zaratustra».

Na sua resposta, Freud faz uso do título de uma canção da sua amiga Yvette Guilbert: «Isto dá sempre prazer...» Todavia, quando Zweig lhe fala do seu projecto de escrever o romance da alienação de Nietzsche, ele põe-no de sobrevivo: «Diante do problema de Nietzsche erguem-se para mim dois guardas que me interdita o acesso. Primeiramente, não se pode examinar a fundo um homem se não se conhece a sua constituição sexual, e a de Nietzsche é completamente enigmática. (...) Em segundo lugar, ele sofre de uma grave doença, e após numerosos pródomos declarou-se nele a paralisia. Todos têm conflitos. Quando alguém tem paralisia, os conflitos remontam muito longe na etiologia. Deve ser permitido ao poeta transformar, pela sua imaginação, os factos grosseiros da patologia? Não sei; os poetas não têm o hábito de ser dóceis.»

A VERDADE BIOGRÁFICA

Do mesmo modo, quando alguns anos mais tarde Arnold Zweig lhe vier a dar conhecimento da sua intenção de escrever a sua biografia, Freud dissuadi-lo-á disso: «Aquele que se torna biógrafo obriga-se à mentira, aos segredos, à hipocrisia, à idealização e até à dissimulação da sua incompreensão, pois, é impossível ter a verdade biográfica, e, mesmo que se a tivesse, não seria utilizável». Outra recusa categórica que opõe, em 1930, Freud a Zweig (que nessa ocasião declarava estar ao serviço de Einstein): a de assinar um manifesto a favor da paz e da defesa da U. R. S. S.

Freud recorda, nessa ocasião, que é um «liberal da velha escola» e que em caso algum tem que defender os inte-

resses do ideal comunista, de que está muito afastado. «Apesar de todas as razões de descontentamento que proporcionam os sistemas económicos actuais, não tenho, no entanto, nenhuma esperança de que o caminho tomado pelos soviéticos conduza a uma melhoria», escreve ele a Zweig. Pior ainda, durante dez anos de regime soviético, as esperanças deste género que eu pudesse nutrir foram aniquiladas».

No seu prefácio absolutamente notável da edição francesa desta correspondência, Marthe Robert nota justamente que, se Arnold Zweig estava pronto a acolher todas as ideologias desde que elas lhe trou-

pendente: é certo que ele a via, primeiramente, como mantendo uma luta desigual e quase sem esperança contra o mundo opaco do inconsciente, mas isso não quer dizer que a julgasse condenada; acreditava que ela estava, pelo contrário, segura de ganhar pouco a pouco, graças precisamente à sua fraqueza inata. Ao fim e ao cabo, não é nesta esperança impelida, apesar de tudo, pela razão em que reside a ideologia freudiana?

UM TOM CALOROSO

Entre os outros tomos abordados nesta correspondência, é preciso citar a que tem ligação com a última



Freud

xessem uma promessa de «progresso» (e, de facto, acolheu várias kurante a sua existência), Freud, por instinto, desconfiava delas. Ambos foram humanistas convictos, horrorizados pelo crescimento do nazismo e do anti-semitismo (Arnold Zweig emigrará para a Palestina, Freud para a Inglaterra), mas por temperamento e por formação divergiam profundamente. Tal como sublinha ainda Marthe Robert, Freud nunca concebeu a razão como uma força de progresso inde-

grande obra, o «romance histórico» que Sigmund Freud empreende a partir de 1934: *Moisés e o monoteísmo*. Freud imagina um Moisés egípcio que teria, de qualquer maneira, adoptado o povo judeu para o elevar ao monoteísmo. Pouco seguro de si, decidido por mais de uma vez a abandonar o seu projecto, Freud acabará, todavia, por o terminar, sabendo perfeitamente que «erigiu uma estátua tremenda de grandeza sobre uma base de argila, de forma que não importa qual o

O CAMINHO DO PANTEÃO

A VIDA DE FREUD, por Irving Stone. Tradução do americano por J. Hall e J. Lagrange. Edit. Flamarion, 600 pág.

Patife Irving Stone! Não transigiu com Freud: estava presente quando Sigi declarava o seu amor a Martha; ainda lá estava quando o Homem dos Lobos, de seu verdadeiro nome Serge Petrov, lhe confiava, no seu gabinete da Berggasse 19, ter sido seduzido por sua irmã; estava lá, final-

mente, no Expresso do Oriente, com a família de Freud, que, em 4 de Junho de 1938, fugia ao nazismo...

Especialista das «biografias romanceadas» — o seu Van Gogh foi vendido em mais de catorze milhões de exemplares —, Irving Stone tra-

Por
ROLAND JACCARD

louco que a possa derrubar...

O que choca talvez mais nesta correspondência, é o seu calor. As ansiedades quotidianas dos dois homens, as suas contradições de saúde, o tempo que faz, são abordados em cada uma das suas cartas e conferem-lhes um tom bastante inimitável: a um tempo amigavelmente terapêutico no caso de Zweig e na ajuda discreta que Freud lhe proporciona, e quase familiar pelas afinidades que ligam os dois homens e as suas famílias nesses tempos de crise em que o nazismo ameaça até a sua própria existência e as forças a interrogar-se sobre a sua «judeidade».

balhou seis anos nesta obra sobre a vida de Freud. Bem documentada e, ao mesmo tempo, suficientemente sentimental para negacear e atrair as costureiras sensíveis para os amores castos e apaixonantes de Sigi e Martha, esta obra estava destinada a um belo êxito. O editor considerou, e bem, precisar que esta biografia de Freud não se dirige aos especialistas; precisão, talvez supérflua, pois, na matéria, os três tomos de Ernest Jones sobre Freud continuam a ser inultrapassáveis.

Digamos ainda que, com este novo monumento erigido à glória do «mestre de Viena», Freud entra definitivamente no Panteão dos grandes homens.

O filho espiritual

Arnold Zweig (que não deve ser confundido com Stefan Zweig), nascido em Silésia em 1887, tornou-se conhecido em 1913 pelas suas «Novellen um Claudia». Quando da Primeira Guerra Mundial, depois de ter servido como voluntário, deixou o exército como pacifista convicto. O romance que lhe valeu a sua reputação internacional, «Der Streit um den Sergeanten Grischa» (1927), traça a sua experiência de combatente.

Em 1933, Arnold Zweig emigrará para a Palestina; porém, nunca se sentiu à vontade neste país de pioneiros. Convidado pelo governo da Alemanha do Leste, em 1948, regressará ao seu país de origem aonde viria a morrer vinte anos mais tarde, coberto de honrarias.

«Ele acreditou, escreve Marthe Robert, alternadamente ou, às vezes, simultaneamente, no Império Alemão, na filosofia de Max Sheler, na tese da guerra justa em 1914, na da guerra imperialista em 1917, no pacifismo, num sionismo de essência aristocrática, num sionismo inspirado por Marx, na psicanálise freudiana e, finalmente, na revolução proletária levada a cabo no seu próprio país.»

Para quando as obras completas?

Verá a França aparecer algum dia uma edição de Freud que satisfaça unicamente as exigências do rigor e da exactidão? No momento em que, após quase vinte anos, os estudos freudianos conhecem no nosso País uma notável renovação, sob o impulso, principalmente, do doutor Jacques Lacan, a ausência de obras completas de Freud em francês constitui um verdadeiro escândalo. Um escândalo que não se denuncia com bastante vigor. Textos tão fundamentais como *As construções na análise* ou *Análise completa e análise incompleta* não estão editados, sem falar já de numerosos textos pré-analíticos sobre a hipnose e a histeria. Incompletas as traduções de que dispomos são na sua maioria deficientes e sem uniformidade. Reeditam-se constantemente as velhas traduções de Marie Bonaparte ou de S. Jankélévitch, cujo único mérito é existirem. Mal estabelecidos, estes textos estão, também, mal impressos, mal apresentados, mal compilados. Ler Freud em francês é ver o livro a desdobrar-se entre dois contra-sensos.

Perante estas edições fantoches ergue-se o monumento sério das *Gesammelte Werke* (Obras Completas) e da *Standard Edition* inglesa. Neste domínio nunca se prestará homenagem bastante à escola psicanalítica inglesa. Publicadas em Londres, de 1940 a 1952, as *Gesammelte Werke* agrupam em dezoito volumes todos os textos da obra freudiana, pela sua ordem cronológica. A única edição crítica das obras completas de Freud continua a ser, apesar de tudo, a notável *Standard Edition*, em vinte e quatro volumes publicada por Hogarth Press, de 1953 a 1968, sob a direcção de James Strachey, em colaboração com Anna Freud. As notas bibliográficas, as introduções que acompanham cada texto os índices, assim como o rigor e a precisão de tradução a clareza e a erudição das notas, fazem dela um insubstituível instrumento de trabalho.

Uma réplica francesa desta edição está em projecto desde há anos. Recorreu-se a um acordo entre três editores franceses de Freud: Payot, Gallimard e Presses Universitaires de France. Foram estabelecidos contratos para fazer uso das notas de Strachey, foram constituídos grupos de trabalho sob a direcção de J. Laplanche e de J. B. Pontalis. Os dois primeiros tomos eram esperados em 1971. A história deste malogro seria longa se se quisesse contar. O empreendimento tropeçou com dificuldades de tradução ampliadas pela rivalidade das escolas psicanalíticas. Porém, o exemplo inglês mostra que estes problemas podem ser resolvidos. Daí brota uma suspeita: o verdadeiro obstáculo não seria a má vontade das casas editoras, preferindo explorar os seus fundos em detrimento dos textos e do público?



O consultório de Freud



Edifício onde esteve o consultório de Freud, hoje transformado em museu



A PROPÓSITO DE VIGO



Jean Vigo doente

Quando alguns temiam que o «Ivan, o Terrível», assinado pelo nome máximo do cinema, Eisenstein, fosse nas salas portuguesas um fracasso comercial (mas nada disso aconteceu), as perspectivas em relação à obra de Jean Vigo devem ser muito mais pessimistas. Em primeiro lugar, trata-se de um autor que apenas circula no universo cinematográfico, e pouco ou nada diz para os que se situam no lado de cá. Em segundo lugar, o lançamento um pouco precipitado, o momento negativo (um Festival e um Carnaval), a necessidade de uma perspectiva histórica e a própria dificuldade, não de leitura, mas de recepção de um filme como «L'Atalante», parecem prenunciar um resultado catastrófico para a iniciativa de Animatógrafo.

E aqui que precisamos de simplicidade, e escrever em directo para aqueles que possam ser apanhados na leitura de um texto deste teor. Isto é, mais do que crítica, impõe-se algo que funcione como um apelo. Não vale a pena dissertar

sobre filmes que apenas algumas dúzias tenham visto. É preciso primeiro conjugar esforços e recursos para suscitar desde já uma atenção especial para o programa que se exhibe no Estúdio.

Dizer que é obrigatório, necessário, cívica-

mente imprescindível, moralmente aconselhável, ir vê-lo, é talvez pouco. Dizer que nenhuma hesitação se deverá admitir entre este programa e qualquer outro agora em exibição é talvez melhor. Mas sobretudo dizer que mesmo aqueles para quem o nome de Vigo não era desconhecido, e que já tinham lido coisas sobre ele e a sua obra, ficaram perfeitamente surpreendidos com a actualidade do que foram descobrir — isso, sim, é fundamental.

De Vigo sabemos que o seu tempo de vida vai de 1905 a 1934, e que há nele o inevitável fulgor e a respectiva lenda das histórias inacabadas, que se suspendem genialmente no limiar de um certo projecto impossível. Mas Vigo tem mais: há a figura do pai, Almereyda, militante anarquista, homem invulgar e fascinante; há o colégio de Millau, que serve de referência exacta para a atmosfera escolar do internato de **Zéro de conduite**; há a tuberculose que o ataca; há um casamento com Elizabeth Lozinska; há a máquina de filmar em segunda mão que Vigo compra em 1929; há as filmagens de um documentário sobre Nice, que se chama «a propósito de...»; há o encontro com Jacques-Louis Nunez, que vai produzir os seus filmes; há a proibição pela censura de **Zéro de Conduite**; há a morte: 5 de Outubro de 1934. Vítima de estrepococos que ele descrevia em termos de personagem rotunda e chapéu alto. A mulher (Lydou) delirou durante dias: «Algumas vezes parece-me que sou dois, que Jean e Lydou morreram e que sou Lydou-Jean.» Donde: Vigo não era uma personalidade vulgar.

No programa agora em exibição, e que inclui a totalidade da obra de Vigo, há, quanto a mim,

duas obras essenciais: **A propos de Nice e Zéro de conduite**. E nelas que a modernidade se torna perturbante, apesar de todo o valor, beleza e inspiração que reconheço em **L'Atalante**.

Nesse documentário sobre Nice, ou sobre o jogo em Nice, ou sobre o Carnaval em Nice, ou sobre a vertigem de olhar a propósito de qualquer coisa, seja ela

«A. Nice é sobretudo uma cidade que vive do jogo.

B. Tudo lá existe em função do estrangeiro.

1. Os grandes hotéis, etc., etc..

2. Os estrangeiros chegam;

3. A roleta;

4. Os que vivem disto;

C. Os indígenas, no fundo, são tão pouco interessantes como os estrangeiros;

de a capacidade de oscilar entre o realismo desencantado e a fantasia surreal, e que são as transições que nos fascinam pela sua facilidade e evidência; que a escolha dos intérpretes é admirável, desde as crianças a Jean Dasté (o vigilante Huguet), até ao Delphin, que funciona como reitor do colégio de uma forma inverosimilmente certa; que a invenção é constante, parece irrefreável (apesar das numerosas sequências que Vigo suprimiu, em parte porque não queria deixar qualquer elemento que pudesse ser considerado como negativo em relação aos alunos) e atingimos momentos de um lirismo devastador; que estamos frente ao filme mais actual entre todos aqueles que se exibem presentemente em Lisboa.

Em relação a **L'Atalante**, o entusiasmo é também grande. Há, contudo, mais tradição e convenção neste filme que Vigo fez a partir de um argumento que lhe foi proposto e de que ele não gostava. E o ritmo da obra é por vezes penoso, exigindo uma abordagem muito atenta, que saiba superar alguns lugares-comuns, que ultrapasse os instantes nulos, que repare em pormenores (o comportamento dos gatos, os objectos da cabine), que saiba fruir com demora algumas sequências de antologia; que se deixe seduzir pela figura ambígua, simultaneamente frágil e soberana, de Juliette; que aprecie a interpretação de Michel Simon; que encontre neste filme o modelo de outras coisas mais que o cinema veio a fazer depois.

«Gosto da moda porque morre cedo», dizia Cocteau. Vigo beneficia desta situação: a lenda envolve-o. O surrealismo dá-lhe a dimensão moderna para a sua vocação romântica. Mas,



«Atalante»



«Zero em Comportamento»



«Zero em Comportamento»



«Atalante»

Nice, ou o jogo ou o Carnaval; nessa metódica desarticulação de todo e qualquer propósito de documentar; nessa despropositada ostentação do erótico e do grotesco há uma raiva niilista, radical, e um amor pelo cinema, que explodem, positivamente explodem, perante o espectador de 1973. Vigo parte de um esquema muito claro:

D. Tudo aliás está votado à morte.»

Mas em **Zéro de conduite** encontramos a mesma imaginação incessante, o mesmo delírio, a mesma desmesura, ao serviço de um argumento que tem muito que ver de forma directa com a própria vida e personalidade de Vigo. Direi muito apressadamente que nos surpreen-

ALGUNS CONCEITOS BÁSICOS DO JOVEM UNAMUNO

história do cinema — e o grande acontecimento cinematográfico desta temporada em Portugal.

EDUARDO PRADO COELHO

DEPOIMENTO SOBRE O GÊNIO DE JEAN VIGO

Jean Vigo, de quem Henri Langlois, fundador e director da Cinemateca Francesa, escreveu que era a própria encarnação do cinema, foi sem dúvida alguma um dos cineastas que mais influência exerceram sobre os jovens realizadores que iriam dar origem à famosa nova vaga, desde Godard a Truffaut, passando por Resnais, Rivette, Chabrol e Rohmer.

Dada a importância histórica da obra de Jean Vigo, actualmente em exibição no nosso País pela primeira vez, transcrevemos alguns depoimentos célebres de personalidades ligadas à arte cinematográfica que tiveram a oportunidade de conhecer pessoalmente Jean Vigo, o Rimbaud do cinema, como lhe chamou o historiador Georges Sadoul.

A partir do argumento, tínhamos a impressão de que Jean Vigo se servia de toda uma vida. Por força das circunstâncias, e também por economia, a maior parte dos actores que entravam em pequenos papéis eram amigos, pessoas que ele conhecia bem. Isto não acontecia apenas para lhes dar prazer, acontecia porque correspondia à sua necessidade de, para poder trabalhar bem, trabalhar com uma equipa de amigos. E, ao mesmo tempo, Vigo estava assim em contacto permanente com a vida, com a realidade das coisas presentes.

Lembro-me que, para decorar a cabine de Michel Simon, em «Atalante», Vigo procurou e pediu objectos aos amigos. Empréstavam-lhe os objectos e ele ficava apaixonado com tudo o que metia naquela pequena cabine a fim de conseguir criar o ambiente que pretendia. E foi Vigo, verdadeiramente, quem arranhou todos os objectos que dão aquele ambiente extraordinário à cabine da barça «Atalante».

JEAN DASTÉ (actor)

A recordação das minhas relações com Jean Vigo é uma das mais belas recordações e uma das maiores satisfações da minha vida. Se tivesse de começar as produções, começava tudo sem a menor hesitação. Não lamento nada. Sinto-me feliz por ter permitido a um homem, que adorei assim que conheci e que tinha qualidades extraordinárias, ter exprimido o seu pensamento. Penso que Vigo ergueu um marco fundamental na história do cinema, um marco do qual ele em todo o mérito. Eu não passei dum acaso que lhe permitiu realizar os filmes. Sinto mesmo uma profunda satisfação em dizer que agradeço a Vigo ter-me dado a oportunidade de entrar no cinema.

JACQUES-LOUIS NOUVEZ (produtor)

Jean Vigo nunca foi para mim um realizador intelectual. O ele criava-se um ambiente natural. Tenho a impressão de que Vigo se deixava surpreender pela própria vida, pelas cenas que imaginava, pelos actores, pelo texto, pela luz, por tudo o que via. Vigo criava uma atmosfera e depois fazia andar as coisas com a sua enorme personalidade, enquanto que Jean Renoir, por exem-

plo, era muito mais firme, mais despota, fazia tremer as pessoas. Vigo tinha uma tal estima, uma tal devoção por cada ser humano, por cada pessoa, que tentava nunca melindrar-nos, antes nos mostrava onde estavam as nossas melhores possibilidades. Sentiamos-nos inteiramente livres mas olhávamos sempre para Vigo para saber se íamos bem ou não.

DITA PARLO (actriz)

Vi Jean Vigo sobretudo nos camarins do teatro do Ginásio, durante os espectáculos em que actuava. Conte-lhe imensas histórias e foi assim, a pouco e pouco, que foi nascendo a personagem do tio Jules que interpreto em «Atalante».

Uma vez disse-lhe: «Detesto repetir a mesma cena duas vezes, porque à segunda vez sai sempre falsa. Poucos homens compreenderam isto. Houve Vigo, Renoir, Guitry. Poucos realizadores compreendem que filmar uma cena pela segunda vez é já uma mentira».

Vigo tinha liberdade total em tudo o que fazia. Tomava em conta todas as nossas sugestões. A poesia nascia da presença dos objectos.

MICHEL SIMON (actor)

Vigo era um tipo espantoso. Escondia pudicamente uma viva sensibilidade e uma forma de ternura fraternal. Tentava dissimular a sua inteligência com um humor que alcançava por vezes o burlesco.

As suas opiniões eram sempre claras e generosas. Há muito tempo que se tinha colocado do lado dos trabalhadores e dos explorados. Não se lhe podia arrancar a mínima concessão. Colocava a dignidade humana acima de tudo.

HENRY STORCK (chefe de produção)

Quando vemos os filmes de Jean Vigo damos-nos conta de que ele era muito mais do que um realizador, de que ele não explorava um terreno desconhecido. É por isso que Vigo faz filmes como quem respira. Vigo vê, sonha, pensa, escreve, vive o cinema.

Se o cinema é uma arte do sono, só um homem detém a chave dos sonhos: Jean Vigo.

HENRI LANGLOIS (director da Cinemateca Francesa)

(In «JEAN VIGO»,

Cinéma d'Aujourd'hui)

Ao mesmo tempo que escrevia o seu primeiro romance, «Paz en la guerra», que é uma tomada de consciência pessoal, e dois anos antes da sua grande crise religiosa, Miguel de Unamuno publicou «En torno al casticismo» (1895), em que procura encontrar a sua razão de ser na história de Espanha, de que se sente e sabe parte. Vive numa Espanha obcecada pela ansiosa por compreender-se a si própria e dividida em dois grupos antagónicos, e decide-se a intervir no conflito. A sua atitude é, pois, típica do Unamuno agónico de que fala a lenda. Mas o livro anuncia já outro Unamuno — o contemplativo.

Os conceitos de história e intra-história são as chaves mestras da interpretação unamuniana de Espanha e, até certo ponto, exprimem os dois Unamunos contrários e alternantes. Para Unamuno, a história é o âmbito dos acontecimentos humanos e representa o fugaz, o ocasional, o artificial, o superficial e visível da vida do homem. A intra-história é o domínio dos factos humanos e representa o estável, o permanente, o espontâneo, o profundo e silencioso da vida humana (1). «Las olas del mar» e «el fondo del mar» são metáforas que ilustram estes conceitos. E, paralelamente, Unamuno estabelece uma série correlativa de oposições: acontecimentos e factos, história e intra-história, tempo e eternidade, nação e povo, casta histórica e casta íntima, tradição histórica e tradição eterna, casticismo e humanidade, literatura e língua, Calderón e Cervantes, etc. A história pertence o que isola os homens, o mutável; a intra-história o que os funde no espaço e no tempo. As expressões de interioridade sucedem-se: «intrahistoria», «intracuantitativo», «hondón del espíritu», «hondura del alma», «hondón oscuro del alma», «las entrañas del combate», «chapuzarnos en el pueblo...», «el hondo pueblo, el que vive bajo la historia», etc. O que se pretende é «desentranhar la realidad». Unamuno começa a sua carreira a olhar em direcção ao externo temporal, mas já está em demanda dos temas que tocam o essencial eterno. Trata de Espanha e sua história, mas atento às suas entranhas (2).

Em «En torno al casticismo», história e intra-história não se excluem — complementam-se. Não são categorias filosóficas; na verdade, são visões complementares da história. Tempo e eternidade vivem em relação recíproca. Como diz François Meyer, em Unamuno, a tradição eterna é uma dimensão da história. (3). Naturalmente, vivem em luta. Há possibilidades dinâmicas implícitas, consciência do temporal, no conceito unamuniano de intra-história. O livro baseia-se neste conceito dinâmico da história no facto de que o ser de um povo faz o seu estar e vice-versa. Unamuno escreveu: «Para llegar, lo mismo un pueblo que un hombre, a conocerse, tiene que estudiar de un modo o de otro su historia. No hay intuición directa de sí mismo que valga...; obramos según somos, y del conocimiento de nuestras obras entramos al de nosotros mismos» (4). E: «Así como la tradición es la sustancia de la historia, la eternidad lo es del tiempo; la historia es la forma de la eternidad» (pág. 29). Em terminologia kantiana, pode dizer-se que, sob o fenómeno, se esconde uma realidade mais real do que o próprio fenómeno — o nómeno. Toda a autêntica tomada de consciência da pessoa histórica — ou de um povo — requer um estudo da sua história. «El conocimiento desinteresado de su historia da a um pueblo valor, conocimiento de sí mismo, para despojar-se de los detritos de desasimilación que embarazan su vida» (pág. 40). O primado do intra-histórico so-

bre o histórico não impede o reconhecimento do que muda como o «único vivo», como o «presente eterno» ou como a «eternidad de la historia». A história persiste, mas passa, permanece no mesmo instante em que se vai, é o momento fugitivo que persiste passando, que passa persistindo. Em Unamuno não há uma conciliação, mas um desejo de cada um destes aspectos possa viver separado e, ao mesmo tempo, irmanado com os outros, polemicamente fundidos. «En él alienta con un vigor inigualable, en una esfera de experiencias situada de lleno en la más arrebatada mística, el afán de concentrar en un solo punto lo que parece hechizar al oriental, al grego y al cristiano: la eternidad y el momento» (5). Segundo Unamuno, o presente compõe-se de dois estados distintos: uma superficial e fugitivo, o presente histórico, constituído pelo que em cada instante se está a passar, e outro profundo e permanente, o presente intra-histórico, fundamento do anterior e resultado da sedimentação, da eternização de todos os presentes históricos já passados. Às vezes a história brota da intra-história e é nesta que perduram os acontecimentos uma vez passada a sua actualidade fugaz, e a história converte-se assim em tradição eterna. Mas nem todos os acontecimentos são perduráveis e a linha que os separa não é fácil de estabelecer.

Neste livro, Unamuno não mantém uma atitude de independência em relação aos grupos em luta. Na verdade, todo o seu ímpeto se dirige contra os tradicionalistas. Pensa ele que a autêntica tradição de Espanha se interrompeu no século XVI (pág. 31), e que há que recuperá-la. Os casticismos cultivam o meramente diferencial de um indivíduo ou de um povo, não o subordinando ao comum a todos, exaltam a individualidade à custa da personalidade integral, baseiam-se no proteccionismo inquisitorial, e desdenham o princípio de continuidade internacional e de cosmopolitismo, «el protoplasma universal humano» (pág. 145). Calderón, que opõe a Cervantes, «es quien mejor encarna el espíritu local y transitorio de la España castellana castiza y de su eco prolongado por los siglos posteriores» (pág. 68); o catolicismo dominicano e o jesuitismo, que opõe ao cristianismo franciscano, definem a Espanha castiza (págs. 93 e 105). Frei Luis de León, «enamorado de la paz del sosiego y de la armonía en un siglo de estruendo más que de sustancia» (pág. 112), aponta a direcção a seguir. Há que rever a história de Espanha tal como a têm apresentado. «España está por descubrir, y sólo la descubrirán españoles europeizados» (pág. 114). E acrescenta: «Tenemos que europeizarnos y chapuzarnos en pueblo» (pág. 143). Mas a alternativa tem um aspecto paradoxal, surpreendente ao homem a quem Espanha tanto obcecou. O que Unamuno predica é a anulação no inconsciente total que a humanidade, para ele, é, achar o humano eterno que exige a ruptura com o castigo temporal. Trata-se de libertar os espanhóis do seu eu histórico que os ata aos li-

mites da sua história nacional. O que deve descobrir quem estude a história é não só a intra-história eterna de Espanha, mas também a presença da humanidade em nós. O que sugere não é só que o que sob a história importa é a intra-história nacional eterna, mas que esta eternidade nos porá em contacto, não já com Espanha, mas com o essencial da humanidade. Como diz Blanco Aguinaga, a ambiguidade de «En torno al casticismo» resulta de ser um livro polémico, em cujas páginas se exprime, ao mesmo tempo, «la voluntad de paz, de esencia, de eternidad y de inconsciencia que caracteriza el espíritu de Unamuno» (6). A sua tomada de consciência histórica leva-o a rejeitar a história de Espanha. Unamuno reconhece a importância externa da história, mas reconhece também uma realidade de paz e silêncio que vive tão profundamente como o Unamuno agónico vivia a sua agonia.

Em «En torno al casticismo» Unamuno fala-nos do conceito de intra-história (7). Trata-se de um conceito difícil, porque estamos numa zona em que a metáfora sugere, mas não define. Para o racionalismo, a razão é o mais genericamente humano, o que mais assemelha uns homens aos outros, e o irracional o que os individualiza e distingue. Para Unamuno, o mais genericamente humano do homem é o componente intra-histórico da sua vida, não o seu componente consciente. Apesar do que nos diz («no hay intuición directa de sí mismo que valga»), o conhecimento da intra-história depende mais de uma intuição do que de uma operação racional. Os capítulos dedicados à paisagem e aos espanhóis (8) são importantes para a compreensão do conceito. Unamuno insistiu na oposição entre natureza e história, ideia que provavelmente lhe foi sugerida por Hegel. O Unamuno contemplativo sentia-se levado a ver o povo como natureza, matéria inconsciente da história, mas o agónico continua a ver a vida concreta e consciente como realidade suprema. «Penetra en uno de esos lugares o en una de las viejas ciudades amodorradas en la llanura, donde la vida parece discurrir calma y lenta en la monotonía de las horas, y allá dentro hay almas vivas, con fondo transitorio y fondo eterno y una intra-história castellana» (pág. 56). O seu dilema era: «vivir en la historia» ou «vivir en la eternidad». Sendo um livro que vem trazer a guerra, vai superá-la por meio de um aprofundamento que leva à realidade que lateja sob a temporalidade da guerra. Unamuno diz-nos que a realidade dum povo se descobre na sua história, mas outras vezes sugere que essa eternidade é independente da história. Estes dois pontos de vista correspondem a maneiras que tinha de ver-se a si próprio: como homem de aparência e histórico («la España me duele»), e como homem alheio à história. História e natureza simbolizam os contrários radicais que exprimem os seus dois modos de ser.

Mais tarde, o que havia de dinâmico no conceito de intra-história foi esquecido: a relação entre ser e estar não existe, ou é acidental (9). Unamuno já não fala de intra-história, mas de não história. Em «Samuel Bueno, mártir», o Unamuno agónico de «Del sentimiento trágico de la vida» predica agora a necessidade de dar «opio» ao povo para que viva tranquilo em sua ignorância. O seu pessimismo acentua-se e,

regressando a uma metáfora que tinha empregado em «En torno al casticismo» («el mundo de la ciencia son formas enchufadas unas en otras, formas de formas y formas de estas formas en proceso inacabable», (pág. 23), altera-a de modo significativo: «Yo nunca he podido saber lo que es el fondo. Todo son formas, enchufadas unas en otras, como aquel juguete japonés... se abre y dentro hay otra caja y luego otra, y otra, y la última está vacía» (10). O processo cerceia-se, com resultados desoladores. Chega a dizer que o eterno não é porvir, o eterno é passado. Neste seu primeiro livro de ensaios a sua posição era outra: «hay que buscar la tradición eterna en el presente...; la historia del pasado soto sirve en cuanto nos llega a la relación del presente» (pág. 33).

BRUNO DA PONTE

NOTAS:

- (1) A interpretação tradicional dos conceitos unamunianos de história e intra-história foi exposta com clareza por José Ferrater Mora, in «Unamuno: bosquejo de una filosofía» (Buenos Aires, 1944) e Julián Marías, in «Miguel de Unamuno» (Madrid, 1965).
- (2) Cf. Carlos Blanco Aguinaga, «Interioridad y exterioridad en Unamuno», «Nueva Revista de Filología Hispánica», VII (1953), págs. 688-689.
- (3) 117 ontologie de Miguel de Unamuno (Paris, 1955), págs. 29 e 31-32.
- (4) «En torno al casticismo» (Madrid, 1968), pág. 39. Todas as citações se referem a esta edição e, de futuro, apenas indicaremos o número das páginas, entre parênteses.
- (5) Ferrater Mora, «Ob. cit.», pág. 117.
- (6) «El Unamuno contemplativo», (México, 1959), pág. 48.
- (7) Ensayo I («La tradición eterna»), capítulo III, págs. 26 e seg.
- (8) Capítulos III e IV do Ensayo II («La casta histórica castellana»).
- (9) A. Sánchez Barbuco publicou uma série de cinco artigos, mais tarde reunidos no volume «Estudios sobre Unamuno y Machado» (Madrid, 1959), em que trouxe a público toda uma importante documentação sobre as crises religiosas de Unamuno que, segundo ele, dariam lugar a uma modificação radical no seu pensamento. Blanco Aguinaga, na sua obra já referida, se bem que discordando fundamentalmente da interpretação de Sánchez Barbuco, reconhece a importância dessas crises e atribui-lhes também papel decisivo na evolução do pensamento unamuniano. Por seu lado, J. W. Butt, num artigo intitulado «Determinism and the inadequacies of Unamuno's Radicalism», «Bulletin of Hispanic Studies», XLVI (1959), págs. 226-240, tende a minimizar a relevância dessas crises, e argumenta que o mecanicismo da concepção de materialismo histórico de Unamuno comporta já os elementos irracionais e posteriores, tal como, levado às últimas consequências, carece já do dinamismo que se diz estar ausente nas suas obras mais maduras. Embora nos inclinemos a concordar com o ponto de vista geral de J. W. Butt (e dedicamos parte deste artigo a assinalar aspectos que o demonstram), a verdade é que há diferenças de acento tónico e de visão que nos parecem merecedoras de igual destaque.
- (10) «Ahor», Madrid, 25 Dez. 1934, transcrição de Sánchez Barbuco, «Ob. Cit.».

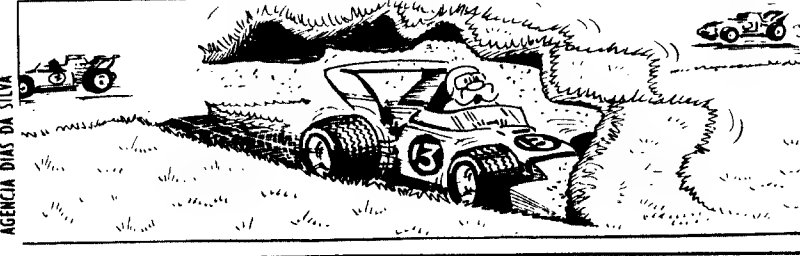
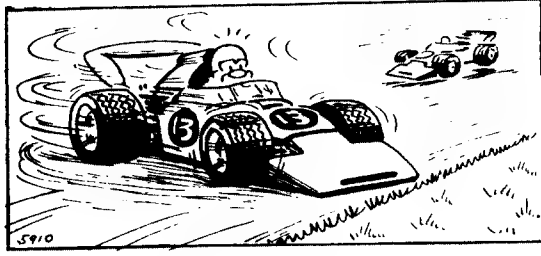


Uma nova galeria em Lisboa



Dedicada à venda de reprodução e de posters abriu na rua Augusto Gil a galeria da Vinci. O valor das reproduções é garantido por catálogos da Unesco

PEANUTS



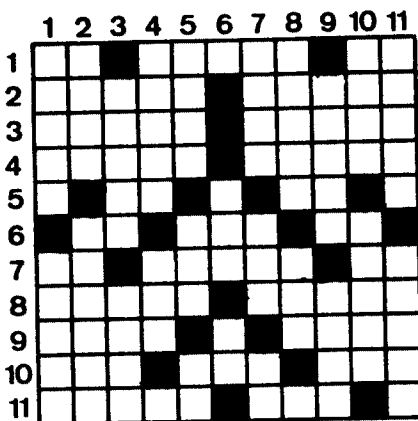
PELOUROS CRUZADOS

COM PROVERBIO

PROBLEMA N.º 10361

HORIZONTAIS:

- 1 Rio de Itália. Jamais. Viração.
- 2 Vagueias. Vá em socorro de alguém.
- 3 Região da África, na Guiné setentrional. De preços elevados.
- 4 Manas. Poisa no mar (o avião).
- 5 Campeão. Artigo definido. Prefixo de privação.
- 6 Post scriptum. Agora. Osmio (s.a.).
- 7 Vê. Sacode. Prefixo de afastamento.
- 8 Já. Carro de duas rodas usado na África do Norte.
- 9 O mesmo que raro. Voz imitativa do ruído de coisa que se parte, especialmente de vidros.
- 10 Caminho. Código (abrev.). Matemática.
- 11 Cidade do estado do Paraná. Passada.



VERTICAIS:

- 1 Requeceu. Embrião que se torna livre abandonando normalmente os invólucros ovulares ou o organismo progenitor.
- 2 Rezar. Colais.
- 3 Nome de frutos. Folha de palmeira.
- 4 Planta de fibras têxteis em Angola. Anel.
- 5 Empregues. O mesmo que opa. Cento e um em romão.
- 6 Prega. Preposição e artigo definido.
- 7 Investigação (fig). Fileira. Quinhentos e um em romão.
- 8 Dispõe em camada. Artigo.
- 9 Nome de planeta. Classe de tropa.
- 10 Adória. Pássaro do Brasil.
- 11 Nivelar. Cheio.

Resolheu completamente este problema?

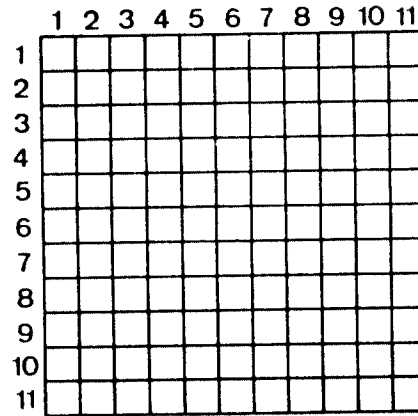
P. ocure agora como segundo passatempo o PROVERBIO nele inscrito

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 6517

HORIZONTAIS:

- 1 Que tem o bico ou o focinho branco.
- 2 Assédio militar. Simples.
- 3 Uma das partes do Mundo. Convento ou seminário de Hindus.
- 4 Intimo. Catedrais. Colocou.
- 5 Voz para fazer recuar os bois jungidos. Estimás.
- 6 Avaliaras.
- 7 Nota musical. Em partes iguais. Doutor. Aliteza. Real.
- 8 Cidade do estado do Maranhão. Ateio grande desejo em.
- 9 Ave semelhante à pomba. Vãos.
- 10 Ave pernalta. Piedosa. Governanta.
- 11 Importuna (pop). Enrubescer.



VERTICAIS:

- 1 Rio do Estado do Pará (Bras). Laços de crina de cavalo, para caçar perdizes.
- 2 Pessoa magra. Odor.
- 3 Apelido. Igar.
- 4 Levanta. Conduzir para cá.
- 5 Letra grega. Tirai. Deus dos pastores.
- 6 Sua Eminência. Letra grega.
- 7 Grande ribeira da Ásia. Russa. Nome de peixe. Antes de Cristo.
- 8 Preposição. Nome de um mês.
- 9 Cada um dos corpos que constituem o exército. Escavar.
- 10 Mamíferos roedores. Odor.
- 11 Sufixo que designa abundância. Escrever em prosa.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10360

HORIZONTAIS:

- 1 Asais. Abala.
- 2 QUEM. Rios.
- 3 Rau. NÃO. Ata.
- 4 Er. GOSTA. Ad.
- 5 Maçar. Alara.
- 6 Ena. O. D. C.
- 7 Caça. Aoro.
- 8 Ara. NAO. Rim.
- 9 Re. Pauta. Mo.
- 10 Rapas. Arde.
- 11 Aros. COME.

VERTICAIS:

- 1 Aquém. Garra.
- 2 Suara. Arear.
- 3 Aer. Cega. Po.
- 4 Im. Gana. Pás.
- 5 Nora. Nas.
- 6 Vãs. Nau.
- 7 Otão. Ota.
- 8 Br. Aida. Arc.
- 9 Aia. Açor. Do.
- 10 Lotar. Rimem.
- 11 Asada. Omo.

Provérbio: QUEM NÃO GOSTA NÃO COME.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6516

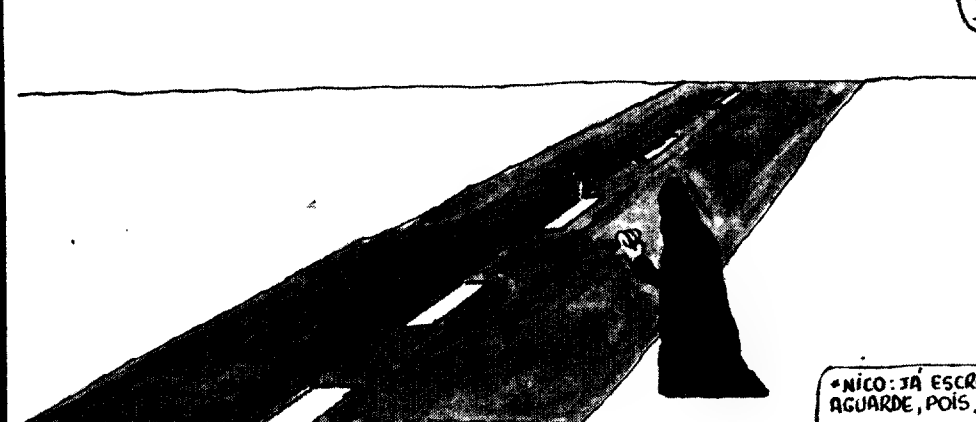
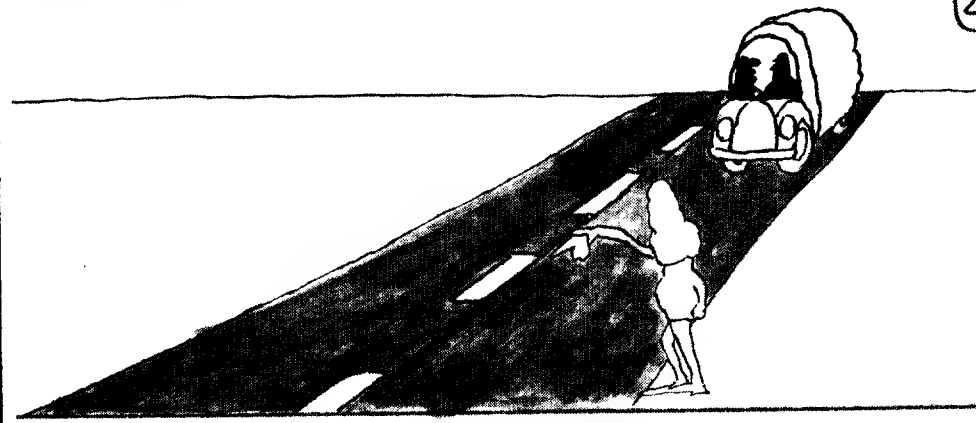
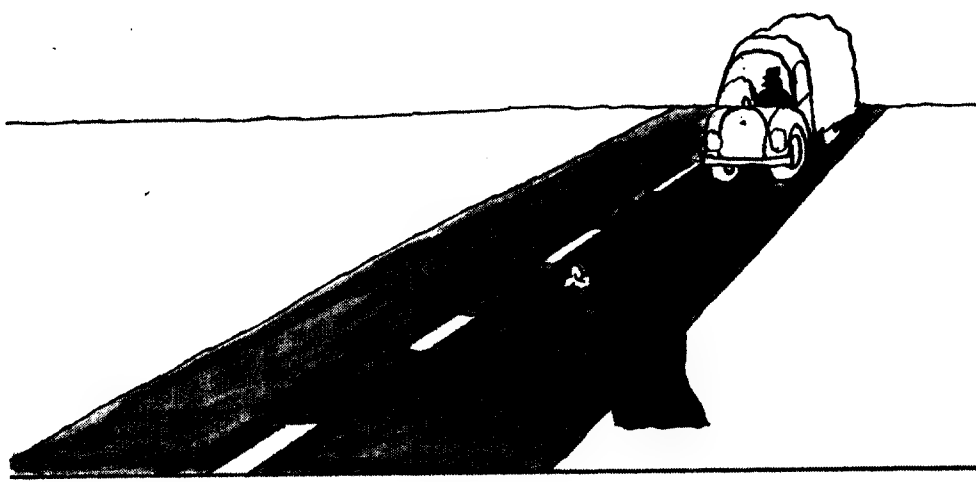
HORIZONTAIS:

- 1 Alambamento.
- 2 Alapara.
- 3 As. Itaca. Pt.
- 4 Nós. Ira. For.
- 5 Areia. Surra.
- 6 Nio. Mito.
- 7 Mai. Ala. Som.
- 8 Alanto.
- 9 Na. Coisa. Ur.
- 10 Tonel. Apelo.
- 11 Os. Mo. Somos.

VERTICAIS:

- 1 Alana. Mento.
- 2 Sorna. Aos.
- 3 Aa. Seita.
- 4 MLI. Io. Icem.
- 5 Bala. Aloio.
- 6 Apar. Alai.
- 7 Maças. Ansas.
- 8 Era. Um. Tapo.
- 9 Na. Friso. Em.
- 10 Porto. Uilo.
- 11 Ostra. Meros.

DONA SANTA-10. TOPIN



*NICO: JÁ ESCRREV AGUARDE, POIS.

UM "LUZEIRO DE ESPERANÇA" OU OSCAR LOPES ENTRE "A VERDADE" E A VERDADE

Continuação da pag. quatro

critores tão diversos como Maurice Blanchot, André Breton, Robbe-Grill ou François Mauriac... E como os não teve ainda Giancarlo Vigorelli, secretário-geral da Comunidade Europeia de Escritores (de que fazem parte conhecidos escritores portugueses) nem Alberto Moravia, escrevendo uma carta aberta a Choklov publicada pelo «Expresso». Tê-lo-ia tido Oscar Lopes?

Há entretanto, e disso pareceu esquecer-se o meu correspondente, aqueles casos de que a imprensa, mesmo ocidental, quase não fala, ou apenas incidentalmente, pela sua menor repercussão: lembro-me, a título de exemplo, do processo do poeta e tradutor Brodski, condenado por «vagabundagem», no quadro de um daqueles «erros» que vários colaboradores do Instituto de Linguística da Academia de Ciências da U.R.S.S. não deixaram mais tarde de denunciar. Não será justo que essas vítimas desonradas possam ao menos indirectamente beneficiar do interesse da opinião pública em relação às que gozam de maior notoriedade internacional? Idêntica forma de solidariedade se manifesta em relação a escritores de países ocidentais, como Oscar Lopes sabe. Indivisivelmente.

É claro que, escrupoloso como sempre quanto à realidade do «que se diz», não pode Oscar Lopes deixar de perguntar: «De que serve atirar-me à cara certas coisas tão ditas e reditas, e de facto lamentáveis se verdadeiras, mas que não estou em condições de averiguar e muito menos de impedir, quando responsabilidades directas já não me faltam, e declaradamente me limitei a traçar certos lineamentos, esses meus conhecidos, da vida editorial soviética?» Compreensível que seja essa prudência na lamentação, a verdade é que Oscar Lopes esteve precisamente — dir-se-á — em condições, se não de averiguar, ao menos de tentar averiguar a veracidade dessas «certas coisas». Mas de impedi-las? Certamente que não, pobre dele e sobretudo dos escritores condenados! Será essa em todo o caso uma razão para deixar de denunciar aqueles factos que já averiguadamente se comprovaram, de modo a que se não repitam de futuro em silêncio? E quais são essas «responsabilidades directas» que já a Oscar Lopes não faltam? Não seria conveniente, uma vez mais, que fosse explícito, até para que lhe não sejam imputadas as que directamente lhe não cabem? Há responsabilidades e responsabilidades — e já bastam as que a cada qual e em planos diversos competem lá e cá.

Assim, vejamos. Para não sair do domínio literário, neste caso português, é evidente que certos métodos de crítica ideológica, de que ainda se vai usando contra vários escritores, são sintomáticos do que lhes aconteceria uma vez as condições para isso reunidas. Exemplificando, pois gosto quanto a mim de ser claro: atacar, como se tem atacado, um autor como António José Saraiva, com quem Oscar Lopes tem colaborado, em termos de estar ao serviço da burguesia, não implicará, perigosamente, um julgamento antecipado de «ordem penal»? Emprego aqui a expressão no sentido que lhe dá Roland Barthes, ao falar da «escrita estalinista»

(entre nós sobrevivente): «Esta não visa, com efeito, fundar uma explicação marxista dos factos, mas dar o real sob a sua forma julgada, impondo uma leitura imediata das condenações» (2). Não pensa Oscar Lopes que tais processos críticos deveriam ser publicamente repudiados por quem, embora não tendo responsabilidade directa deles, poderia parecer, pela simples abstenção, com eles transigir?

Será isto, como o meu correspondente talvez diga, estar eu a impôr-lhe a minha «escala de valores e oportunidades», sem ter a certeza de que possa expôr-me a sua? Mas quem é que, no caso vertente, está por motivos óbvios impossibilitado de ir até ao fim do seu pensamento? E encontrar-se-emos, Oscar Lopes e eu, sujeitos a iguais condições, quando debatem os leitores este problema dos direitos dos escritores na União Soviética? Só aparentemente, pois há algo em que a simetria desaparece: Oscar Lopes pode perfeitamente citar autores oficiais — como o fez na sua resposta, subsequentemente a uma observação minha —, enquanto se eu lhe fosse indicar aqui «nomes, lugares, circunstâncias» relativos a jovens escritores, publicados e impubescidos, com quem falei durante a minha estadia na U.R.S.S., estaria a criar-lhes sérios disabores: só de pessoas oficializadas pode dar conta. Creio que todos os leitores o terão compreendido.

Mas Oscar Lopes, em vez de discutir os problemas concretos que se põem no domínio preciso dos direitos e liberdades do escritor, tais quais efectivamente são vividos, prefere limitar-se, como diz, a «traçar certos lineamentos» da vida editorial soviética, isto é, a descrever abstractamente a «estrutura» do «sistema». E como a realidade nem sempre entra dentro dessa «estrutura», desse «modelo» ideal, recorre então em segunda instância à história. Estaríamos, a primeira vista, em pleno «estruturalismo», «genético» ou não, conforme as conveniências: algo que se situasse mais ou menos entre Althusser e Lucien Goldmann. A primeira vista... Porque se Oscar Lopes escreve, e muito bem, que «é preciso respeitar os factos, mas desse respeito constitui parte importante o esforço de os compreender, ou seja, de os integrar na sua estrutura e na sua história», a verdade é que o que na realidade faz é, não compreendê-los, mas justificá-los. E embora os factos sejam, por sua vez, uma forma de reciprocamente compreender essa estrutura ideal em acto, tanto pior para os factos se eles a infirmam. O que faz lembrar aquela anedota de Sartre a propósito do metro de Budapeste: se o sub-solo não permitia a construção do metro, é porque o sub-solo era contra-revolucionário, não o seu modelo planificado... (3) Do mesmo modo, se a «lógica do sistema» leva a resultados práticos contrários ao socialismo e à democracia («duas coisas tão difíceis de ligar, mas também de separar»), tanto pior para a prática. Nessa altura, lá intervém a história: «Há na história da U.R.S.S. muitas coisas que evidentemente repugnam a qualquer consciência bem formada, mas julgo que elas se sentem bem mais sinceramente quando situadas num drama mais vasto». Repare-se que Oscar Lopes não diz: «Há hoje na

U.R.S.S.». Não: ele move-se sempre no passado (ou num futuro hipotético), o que o impede de pôr a consciência no presente. Mas não é neste que podemos agir? Como se o facto de hoje lhes repugnar a Inquisição, eximisse por exemplo os católicos — termo de referência preferido de Oscar Lopes — às suas responsabilidades actuais, e como se a crença numa parúsia não desse precisamente uma maior acuidade aos problemas de uma comunidade viva hic et nunc.

Mas voltemos às «estruturas». Oscar Lopes contrapõe, para melhor valorizar o seu modelo preferido, o sistema soviético de «concentração» editorial («autocção», foto-impressão, associação crescente às gravações audiovisuais, rentabilidade relativa cada vez maior das grandes tiragens...) nas mãos evidentemente dos organismos do Estado, ao sistema capitalista ocidental tendente a uma «integração crescente de empresas de impressão, edição, distribuição, publicidade gráfica e audio-visual» e assentando é claro na «reprodução do capital investido». Repare-se, entretanto, na semelhança da descrição dos dois modelos: uma gigantesca maquinaria técnico-industrial de tipo centralizado, concentracionário. De tal modo que nos podemos interrogar sobre se não estamos em presença de duas formas de monopolismo, que se identificam progressivamente ao nível do capital e do Estado. Recusando Oscar Lopes outros modelos socialistas de autogestão, em particular o que foi tentado para a Checoslováquia (designado por ele como de «capitalismo popular», o que não deixará de ser bem-visto a posteriori, como argumento para os que justificam a intervenção dos países socialistas (4)...), sem falar evidentemente do chinês, não há assim segundo ele senão uma saída dilemática, dentro da «lógica do sistema» soviético: «ou as editoras soviéticas se convertem em capitalistas, ou então aquela dialéctica que, a partir de certo nível, e mesmo em matéria de gosto e filosofia, se está formando tão irrecusável como nas ciências, apenas poderá tomar uma forma». E esta forma — escreve Oscar Lopes — «não pode ser a auto-edição artesanal, ou samizdat, mas a participação permanente e plebiscitária, junto da máquina editorial, de círculos de opinião literária em contacto com associações de escritores». O socialismo e a democracia estariam assim salvos! O pior, para Oscar Lopes, é que os factos mostram na prática que essa «participação permanente e plebiscitária» é inteiramente condicionada pelo partido («corpo infelizmente único de decisão política organizada») e que as «associações de escritores» são dele inteiramente dependentes. Da mesma forma que os «15 milhões de membros» que o compõem o são dos seus dirigentes e funcionários, em virtude do «centralismo democrático». Resta assim uma máquina (editorial) e um aparelho (político), com os respectivos e confundidos «patamares de decisão».

Parecendo admitir, mesmo só hipoteticamente, que esses famosos «patamares» sejam sinónimos de hierarquia censória, como na minha carta aberta mostrei, Oscar Lopes interpela-me: «Repare, entretanto, que se a recusa de assumir os riscos de editar um livro em patamares de decisão como o conselho de leitura editorial, ou o seu conselho administrativo, equivale a um acto de censura, então lá se vão algumas das vantagens relativas que subsistem em certas economias de mercado ocidentais, quando comparadas ao sistema soviético». Ao que apenas teria a responder: Oscar Lopes, que tem feito parte do

conselho literário de uma editora (capitalista) portuguesa, lá sabe se a não selecção de um livro para uma colecção determinada se pode equiparar a uma decisão censória, segundo a sua própria experiência. Por mim, o que sei é que foi a primeira e única vez que uma editora (soviética) em vez de recusar um livro, o que se poderia conceber, o expurgou e me tentou uma «variante» do do seu agrado, contra a minha vontade e o meu direito (5). Oscar Lopes reconhece-me toda a razão em me indignar... «se» (sempre esse «se») hipotético e dubitativo, quando se trata de algo incómodo «se» o contrato me reconhecia toda a responsabilidade de escolha — mas não dizia Oscar Lopes que um testemunho não tem resposta? «Caso contrário» — pondera o meu correspondente — tratar-se-ia de «um caso particularmente agudo mas geral» de não apreço de um grande número de poetas portugueses, «que ambos mais admiramos», por certos críticos e editores estrangeiros. Reparem os leitores nos adjectivos «geral» e «estrangeiros». Oscar Lopes pensa talvez diluir assim numa generalidade e estranheza abstractas os efeitos bem concretos resultantes de um determinado sistema editorial... o soviético.

Onde Oscar Lopes se sente mais à vontade é no manuseio das estatísticas e preferentemente dos grandes números, revelando uma preocupação quantitativa que certamente decorre de ter ficado impressionado com a grandeza geográfica e populacional da U.R.S.S. (o que é natural para quem vem de um país pequeno). Já veremos adiante aonde o conduzirá essa obsessão numérica... Mas, como índice do funcionamento do sistema, aceitemos por um momento as estatísticas comparativas. Se são certos, os dados fornecidos oficialmente sobre a tiragem respectiva de um autor oficialmente adoptado, Tolstói, e de um autor maldito, Dostoiévski (118 milhões contra 100 mil exemplares) aparecem como edificantes quanto à liberdade de escolha que é deixada aos tais «círculos de opinião literária». E a propósito, pois que Oscar Lopes insiste na sua «informação oficial» de que em 1967 se publicou uma edição de «Obras Completas» (título da capa) de Dostoiévski, seja-me permitido confrontá-la com o testemunho não oficial de Soljenitsine, datado também de 1967: «Tempo houve em que, entre nós, nem mesmo se imprimia Dostoiévski, orgulho da literatura mundial (e ainda hoje não é impresso integralmente)» (6). Que o leitor escolha entre as duas informações.

Para terminar, vejamos onde situa Oscar Lopes a sua esperança no futuro do sistema. Depois de me perguntar donde aguarde eu a superação dos males que lamento (ao que muito simplesmente responderei: do povo soviético ele mesmo, da sua diversidade e riqueza humana, das suas possibilidades criadoras, da sua ânsia de um socialismo em que o poder lhe pertença e saiba identificar-se com uma liberdade autêntica), o meu correspondente diz esperá-la, quanto a si, de tudo aquilo que o sistema fez de positivo, independentemente do bom ou mau carácter dos dirigentes, o que a aparição impreviável de «um qualquer sputnik» virá um dia confirmar. E, mais particularmente, no que respeita à vida editorial e literária, Oscar Lopes escreve iluminado e confiante: «Por outro lado, há um luzeiro de esperança no facto de as acusações mais graves que o meu amigo transcreve acerca da União dos Escritores Soviéticos, devidas a pena de André Voznessenski, terem saído, a sete milhões de exemplares, na Pravda». Ai dele! Esse «luzeiro de espe-

rança» deixa-lo-ia infelizmente nas trevas! É que a carta «escrita» por André Voznessenski à Pravda não foi evidentemente publicada, como o jornal «Le Monde» não deixou de assinalar: «Numa carta que a Pravda se recusou a publicar, o poeta Voznessenski denunciava a «mentira» e a «pulice» da União dos Escritores Soviéticos». Oscar Lopes, na sua auto-iluminação de esperança, transformou assim o exemplar da carta «escrita», a que eu me referia, em sete milhões de exemplares de uma carta publicada, sem um pestanejar de dúvida sobre a sua própria alucinação estatística... Entre «a verdade» e a verdade, que abismo este de sete milhões!

De novo me vêm à memória os versos de António Machado:

«Tu verdade? No, la Verdad,
y ven conmigo a buscarla.
La tuya, guardastela»

Paris, 21 de Fevereiro de 1973

(1) Talvez Oscar Lopes considere que se trata de casos de «ressentimento», próprios de pessoas numa situação de «ausência involuntária» do país.

(2) Le Degré Zéro de L' Ecriture, Paris, 1964, p. 25.

(3) Critique de la Raison Dialectique, Paris, 1960, p. 25.

(4) Oscar Lopes parece não ter gostado da minha paráfrase de uma expressão de Aragon, que falou da Checoslováquia como de um «Blafra do espírito» (por mim aplicada também, em corpo e em espírito, ao Vietname). É pois a Aragon que compete responder, na parte que lhe diz respeito. Quanto a mim, apenas queria perguntar a Oscar Lopes se ele acha que o facto de os exércitos soviéticos terem ajudado a correr da Checoslováquia com o nazismo lhes dará o direito de agora a ocuparem.

(5) Há algo em que estou de acordo com Oscar Lopes: a necessidade de «garantir o copy-right e a genuidade do texto traduzido ou antologado». Mas não é necessário aguardar uma desejável convenção bilateral, para desde já respeitar os direitos de autor, como o fazem de resto os editores portugueses que conheço.

(6) Les Droits de l'Écrivain, Ed. du Seuil, Paris, 1969, p. 25.

VENDA DE TERRENOS

O BANCO PORTUGUÊS DO ATLANTICO,
vende dois terrenos para construção a saber:

a) — situado no Lourel, próximo de Sintra, junto da Estrada para Mafra com largo panorâmica sobre a serra, esplêndido para construção, com a área de 36.000 m², descrito com o n.º 1.360 na Conservatória Predial de Sintra.

Os pretendentes podem esclarecer-se na respectiva Câmara sobre a situação dos terrenos quanto a urbanização.

Pode ser visitado em qualquer dia e a qualquer hora para o que serão mostrados por Joaquim António dos Santos, no Lourel, mais conhecido ali por Joaquim das Manilhas.

b) — Na Ericeira na própria vila, sobranceiro a esta com a mais extraordinária vista sobre o mar no Alto da Boa Vista ou Outeiro da Boa Vista, ao pé do Campo de futebol, no qual se encontra um moinho em ruínas, com a área de 3.540 m², descrito com o n.º 36.339 na Conservatória de Mafra.

A situação do terreno quanto a construção pode ser verificado na Câmara Municipal de Mafra.

O Banco recebe propostas em carta fechada até ao dia 29 de Março, próximo, para os dois prédios ou para qualquer deles.

As cartas serão abertas no dia seguinte 30, pelas 16 horas, na Secção do Contencioso, na presença dos concorrentes, querendo estes.

As cartas deverão ser dirigidas ao Banco — Secção do Contencioso — Rua de S. Nicolau, n.º 71, 4.º andar, com a anotação de «propostas».

O Banco reserva-se o direito de não adjudicar e de abrir licitação entre os quatro proponentes que oferecerem maior preço.

Concedem-se facilidades de pagamento a ajustar com o ou os compradores mas exige-se o pagamento de 15 % do preço no acto da adjudicação.

A proposta pode ser feita em preço por metro quadrado.

Pasta Medicinal Couto
Evita e trata
doenças da boca **PORQUE É MEDICINAL**

SENSACIONAL...

Sofás cama - Tipo Belga	1800\$00
Balanças - Casa de banho	150\$00
Torradeiras	180\$00
Frigoríficos 140, L.	1790\$00
T. V. 2 canais	3390\$00

FILIAL SUPERMANOS

ESTRADA DE BENFICA, 705

PARA QUEM SÃO OS "ENCONTROS-DEBATES" DA FUNDAÇÃO GULBENKIAN?

Ao dobrar do dia de enganos fará o Auditório Dois um «Balanço Crítico da Primeira Parte da Temporada de Concertos 1972-1973»: anuncia o programa este último encontro-debate a assinalar o fim de uma interessante trajetória.

Fez esta segunda-feira quinze dias, assisti eu e meia dúzia de pessoas (diz-se assim) ao acontecimento que foi o encontro-debate «Música Medieval e da Renascença». Entretanto, é tempo de concluir dos antecedentes onde dois encontros surgem como as derradeiras premissas.

Em outras ocasiões, os motivos de congresso graduaram-se de Kodaly a Schumann, da música contemporânea à música erudita-música ligeira (este, uma enorme razão de concorrência), da apresentação de um filme pelo prof. Chailley à conferência de Penderecki.

E pronto, está tudo, onde tudo seria seguido do debate que nunca houve.

UMA QUESTÃO DE MÉTODO

De maneira como tudo foi feito, há-de perguntar-se para quem se fez este particular serviço de música.

1) Para músicos? Se um músico aparece como um indivíduo com uma precisa exigência de rigor, a quem interessa portanto encontrar-se no lugar onde se definam e ponderem os princípios da sua Arte com critério explícito, onde se apresentem os processos de uma técnica com correcção crítica, onde se interroge profissionalmente com os seus pares — então um músico muito pouco teria que fazer no Auditório Dois.

2) Para leigos? A consideração destes como público ia importar desde logo o emprego de uma narrativa didáctica, um

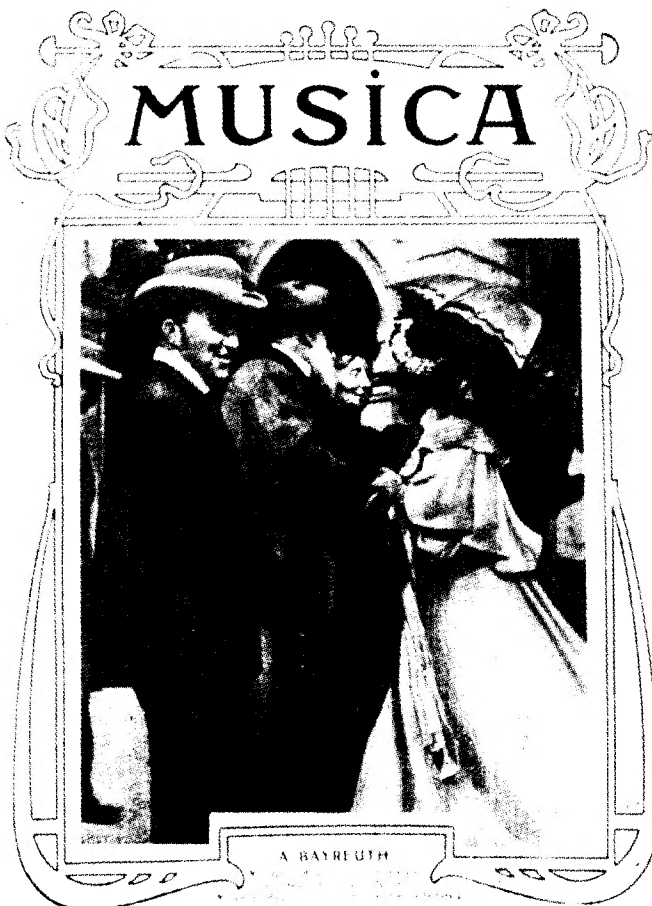
nunca esquecer do perigo de uma conversa música. E assim, nem esta precaução se tomou, nem aquele preceito se cumpriu, ao longo de tais encontros.

Para quem, então? Para alguém se fez, embora eu não saiba para que sirva. Com efeito, nunca um problema foi discutido até um mínimo limite de desejáveis consequências, e muito se perdeu pelas palavras da especulação simplista. Que dizer? Um notável erro de estrutura, pois nem vou duvidar da boa vontade de quem vinha animando estes encontros.

E porque foi impossível o debate? É que é regra elementar de rendimento de um grupo de trabalho, entre muitas outras, a aceitação (e conhecimento) prévio de uma linguagem comum. Isso atinge-se, por exemplo, fazendo distribuir uns dias antes das sessões uns papéis escritos à máquina, por exemplo, onde estariam escritas certas coisas: um programa detalhado dos pontos a debater, alguma bibliografia útil, os nomes (e outros elementos de identificação) dos participantes activos que já se saibam... tudo por exemplo.

Pelo contrário, o público é pouco, e pouco fica a saber; apenas uma amarga sensação de que não vale a pena...

Daqui o lembrar-se, e já agora fica escrito, da oportunidade de umas palavras, vivas de quase quarenta anos, anunciadas bem em público por Francine Benoit (tratava-se de uma certa renovação no Conservatório Nacional), «para que em vez de se escrever inútil música a fingir, se venha a entender de música a valer».



ca a fingir, se venha a entender de música a valer».

Os tempos já são outros, mas ainda e sempre e homem músico, como arte e homem de pensamento, andar de espírito renovado, e não só para quem bem escreva, mas sobretudo para quem bem o leiam. Pelo que deve estar presente onde a Música esteja em causa, mesmo se há-de perseguir

raptos de circunstância. E apontar, se vir o rei nu.

Depois disto, onde vai o encontro da outra segunda-feira? Muito longe, mas lembro.

Eram cinco Professores (C.N.S.M.), tendo à sua esquerda os Segréis de Lisboa (tocaram três arranjos, de sua autoria, de músicas de antanho) e à sua frente a já referida, como assim se diz, meia dúzia de

pessoas.

Presentes por isso, os professores Lourdes Martins, Constança Capdeville, Braga Santos e Manuel Morais, tendo sido este último encarregado de proferir a palestra sobre Música Medieval e da Renascença, de que esteve ausente a perspectiva histórico-crítica, o sentido das proporções e o rigor musicológico. Nomeadamente, não gostei do ostracismo do caso português (mesmo que seja irrelevante, é preciso responder primeiro a muitos porquês, e neste encontro, como «tema principal» desta temporada — pelo programa e por direito próprio — impunha-se um prévio esclarecimento de boa crítica. Um «leigo», como se afirma Armando Castro, diz coisas interessantes a tal propósito. É que a questão chega para transcender o jogo de palavras).

As algumas intervenções de Joly Braga Santos nada têm de substancial. Entretanto, e mais tarde, citações a tempo do Dr. José Blanc de Portugal (precisando sobre títulos de livros e discos).

Foram-me agradáveis, falando da actuação dos Segréis, a voz do solista e a boa disposição com que cantaram, tocaram e bateram as palmas. (Os profs. Capdeville e Morais também fazem parte do grupo). Já a explicação tão sumária quanto à escrita e interpretação adoptadas, não me explicou nada (no quadro preto estava escrita a giz, desde o início do encontro, o texto de uma das interpretações).

Fez ainda o prof. Morais algumas considerações de passagem sobre a confusão que musicólogos alemães, aquando do movimento de regresso

e interesse por aqueles tempos, teriam estabelecido com os seus escritos e o seu alemão (mas o prof. Braga Santos, por exemplo, cita Sachs).

Alguns desistências, aquém e além da ribalta, já perto do fim, palmas, o fim?

Cumprimento agora não deixar de assinalar um comentário, às tantas, da prof. Capdeville: que quem soubesse escutar a música antiga tinha abertas as portas do entendimento da música contemporânea, é o que se tira do seu comentário.

Ora aqui se percebem, por exemplo, os tais perigos das conversas sobre música; desde logo, o saber escutar a primeira, não tem nada a ver com ouvir a segunda: são linguagens diversas, com radicais técnicos e semânticos diversos também. Creio ter de entender como dileitante tal afirmação: é certo que por vezes há um paralelo poder encantatório em ambas, um certo poder de distanciação, agente por defeito do ouvinte: a sua «poluição» (se se quiser) pelos factores da tonalidade; e assim o ouvinte (certos ouvintes) se sensibilizam pelas linguagens morais e contemporâneas: o que só é bom. Mas a semelhança das duas termina aqui, o seu exotismo relativo. Vem o saber escutar então, trabalho de análise afectiva e intelectual. (Cf. a posição gratuita de Chailley, medievalista notável e músico sério, quanto a alguma música contemporânea, in «Traité Historique...», e ele próprio compositor contemporâneo).

Em geral, é de ter atenção ao sentido de pudor, pois podem crianças ouvir-nos.

CUNHA DAIRE

Folhetim-artístico

de José-Augusto França

As cidades têm idades sucessivas que os bairros e os prédios marcam com o seu nascimento. Idades e datas que às vezes interessa conhecer, e que constam do cadastro que, dossier, se pode consultar, mediante requerimento, nos Arquivos das Câmaras Municipais.

Situação normal, mas não muito cómoda para quem faça, por exemplo, um inquérito sobre a evolução da arquitectura citadina num determinado ou em determinados períodos — coisa que, embora a, pode acontecer no quadro de uma historiografia da arte do nosso século que, raríssima também, também pode vir a suceder.

E então, o historiador vai marcando números de portas e nomes de ruas que lhe pontuem o inquérito quanto à sua rede cronológica e às autorias, e quando tiver uma lista bem nutrida vai aos arquivos municipais solicitar o acesso aos processos respectivos, o que lhe é amavelmente concedido, de modo geral.

Vê e estuda o dito processo, folheando dezenas de documentos — e deles extrai a(s) data(s) e a autoria pretendida, e, decerto, mais algum pormenor secundário que na pesquisa se lhe afigurou relevante. Mas logo nesse dia o investigador vê outro prédio que precisa de datar e cujo autor tem de verificar — e volta a correr aos arquivos, a fazer outro requerimento, a esperar o despacho, a ler, enfim, o respectivo processo. E logo outro edifício, etc. — que a história recomeça sempre, em Lisboa na grande maioria dos casos, mas em outros municípios também. Onde, aliás, se tiver visto o prédio de passagem, será o seria preciso ficar mais um dia ou dois, para requerer o dossier e havê-lo à mão.

Acresce a estes incómodos e pequenas tragédias o facto de os processos serem longos, recheados de documentos de interesse muito relativo para o pesquisador, úteis só ao nível da monografia; e ao folheá-los, por mais prática que se tenha, perdem-se horas mal empregadas.

Paciência e tempo são, naturalmente, condições «sine qua non» dos investigadores; mas porquê gastá-los assim?

Imagine-se um quadro relativamente recente, sem assinatura nem data, que se precise de identificar em catálogos ou outras publicações — e o tempo que se poupa quando a pintura está assinada e datada, como praticamente sempre acontece, ao menos quanto ao primeiro dado (e faltar o segundo bem complica as coisas...). Imagine-se um livro igualmente sem autor nem data, e eis um problema bibliográfico ou, por outras palavras,

EDIFÍCIOS COM DATAS E ASSINATURAS

uma chatice. Maior ainda se, em vez de um livro (ou de um quadro), forem dezenas, ou centenas — ou todos!

Ora um livro e um quadro são objectos de cultura, como um edifício privado ou público. Porque não levar estes a seguir a regra dos outros? O ser falta de hábito, ou ideia inédita, não deve fazer recuar na adopção da medida — por livre vontade dos construtores (mas aí a rotina será sempre impeditiva) ou por recomendação (sindical, por exemplo) ou por imposição legal (camarária, mas conforme legislação genérica que a todos os municípios poderá servir).

A vantagem para o investigador é patente — mas outra vantagem se adiciona a esta e diz respeito ao homeem da rua que, tal como aprende nomes de pintores (mesmo sem lhes comprar os quadros), poderá também aprender os dos arquitectos (não comprando os prédios — afinal, mais baratos do que quadros de cavalete...). E habituando-se, por interesse ou curiosidade, a olhar para as pinturas, habituar-se-á, enfim, a olhar para as arquitecturas, e a educar-se um bocadinho mais, aprendendo a distinguir o melhor do pior, no domínio da arquitectura que para ele é socialmente definido.

... Aí abordamos outra vantagem — que é a de responsabilizar o arquitecto para além do segredo dos processos camarários, trazer-lhe a assinatura para a praça pública, mostrar a obra que faz, sabe e pode fazer. E talvez assim essa obra melhor — em alguns casos, ao menos...

... Um edifício comportaria, então, obrigatoriamente, a partir de tantos de tal de 1973, gravado (numa placa? — no átrio,

na fachada?) o nome do arquitecto, as datas do projecto e da conclusão da obra (licença de habitação), e o número do processo (ou outra identificação). Na falta de arquitecto, não levaria outro nome, de engenheiro (que não seria admitido a assinar) ou de mestre-de-obras (que ainda menos). Se o projecto do arquitecto tivesse sido alterado por mãos alheias, a menção «alterado» (para não dizer «estrágado»...) seguir-se-ia ao seu nome — ou o nome não figuraria, conforme a intensidade da alteração; aí decidiria o arquitecto (ou, em caso de litígio, o Sindicato). De modo algum, porém, o arquitecto que acompanhasse a obra até ao fim poderia eximir-se a «assiná-la». Fazê-lo, de resto, seria achar-se ao nível anónimo de «pato bravo» ou «construtor incivil»...

Quanto às datas, desde a do projecto à da conclusão, elas permitiriam diferenciar gostos epocais, correntes — e demoras ou dessintonizações. O resto se veria, em maior profundidade, no estudo do dossier, se e quando fosse necessário.

Muitos prédios burgueses de Paris, desde fins do século XIX, estão assinados e datados na fachada; em Lisboa, quem sabe a data deste ou daquele prédio do Ventura Terra ou do Norte Júnior? Quem sabe, também, as datas exactas do Instituto Nacional de Estatística ou a autoria do Palácio da Justiça desta cidadezinha do País? Ou deste prédio do Cassiano Branco — ou mesmo no seu Eden Teatros, se não se lembrar de ter estado na inauguração, em 1937?...

O prédio do Ginó, em Campolide, tem a data de 1823 na grade da sacada; este, da Calçada da Estrela, o ano de 1826 no mesmo sítio; estoutro, da Rua Nova da Trindade, pós a data de 1842 na grelha da bandeira da porta — hábito que foi irregularmente seguido até aos anos 80, com vantagens certas para a datação genérica, por dedução, desse largo período. Os prédios Valmor permitem-nos, ao longo do século XX, a um prédio por ano, em princípio, com as suas datas e «assinaturas», dar conta de gostos e mudanças — mas prémios são prémios, mais significativos como tal do que na evolução histórica das espécies; deixemos isso...

Fora dos casos oitocentistas e dos Valmores, nada se sabe, ou só com muito trabalho e a muita perda de tempo de que me queixo.

A minha sugestão parece-me prática, útil, cultural, fácil de executar, nada subversiva, e com virtudes éticas também.

... Ou quem terá medo de datar — se alguém o tiver de assinar?

TEXTOS SOBRE TEATRO

Carlos Porto

3 CRIAÇÃO
E CRÍTICA

1. Eugénio Barba e o Odin Teatret

O segundo estudo do volume I de «Les Voies de la Création Théâtrale» refere-se a um espectáculo intitulado «Kaspariana», adaptação e encenação de Eugénio Barba de um argumento de Ole Sarvig. O estudo, feito por Christiane Aubert e Jean-Luc Bourbonnaud, inicia-se com a apresentação do «Odin Teatret», companhia norueguesa a funcionar na Dinamarca, que produziu o espectáculo referido. Esta companhia foi fundada sobre a valorização do «material humano» em prejuízo do material técnico, pois pretende estar em oposição radical com a exploração «industrial» e financeira da arte teatral que caracteriza, de uma maneira geral, o teatro profissional.

Embora italiano, Eugénio Barba estudou Literatura escandinava e História das Religiões na Universidade de Oslo. Graças a uma bolsa da UNESCO, Barba permaneceu quatro anos na Polónia, três dos quais com Jerzy Grotowski, de quem é, talvez, o mais fiel e competente discípulo. Regressou à Noruega em 1964 e fundou com uma quinzena de jovens cuja admissão no Conservatório de Oslo tinha sido recusada, o Odin Teatret. Os próprios componentes da Companhia, rapidamente reduzidos a quatro, pagavam as respectivas despesas. Posteriormente, o «Odin Teatret» transferiu-se para a cidade dinamarquesa de Holstebro, e com o apoio do Governo da Dinamarca Barba transformou a companhia num teatro-laboratório interestandinavo, um pouco à maneira do de Wrocław. O «Odin Teatret» tem uma secção editorial que publica uma colecção de Teoria e Técnica do Teatro (TTT). Deve-se a Eugénio Barba a publicação da única recolha existente de textos de Grotowski, editado em inglês e integrada naquela colecção.

O «Odin Teatret» organiza regularmente seminários destinados aos profissionais do teatro escandinavo permitindo-lhes conhecer as tendências mais recentes do teatro contemporâneo. Homens como o próprio Eugénio Barba, Jerzy Grotowski, o actor Ryszard Cieslak, dirigem anualmente cursos para actores. Além disso, o «Odin Teatret» trabalha estreitamente com equipas de arquitectos, sociólogos, escritores, promovendo inquéritos e outras iniciativas.

Realiza-se mensalmente um encontro em que participam todos os membros da companhia com o objectivo de discutir os problemas que a esta dizem respeito.

Eugénio Barba dirige os exercícios dos actores tendo em consideração os ensinamentos colhidos não só no trabalho feito com Grotowski mas também no de outros teóricos, especialmente Meyerhold.

2. KASPARIANA

Este texto foi criado por Barba e pela equipa a partir de um esquema proposto pelo autor, Ole Sarvig. Este serviu-se de uma história verdadeira, a de Kaspar Hauser, jovem que apareceu num dia do mês de Maio de 1928 na cidade alemã de Nuremberg sem que ninguém (nem ele próprio) soubesse quem era, de onde vinha, o que fazia. Kaspar foi assassinado mas o seu assassino não foi nunca descoberto. No seu túmulo pode ler-se a seguinte inscrição: «Aqui jaz um desconhecido assassinado por um desconhecido». Este caso, ao

mesmo tempo histórico e incognoscível, deu origem a uma literatura, entre ela, um romance do escritor alemão Jacob Wassermann. O dramaturgo Peter Handke (autor de «O Insulto ao Público») fez uma peça intitulada «Kaspar», que Peter Brook encenou em Paris, e que será apresentada brevemente em Lisboa pelo actor espanhol José Luis Gomez.

O espectáculo do «Odin Teatret» mostra a biografia imaginária de Kaspar reconstituída a partir de uma perspectiva mítica: a inscrição da «criatura» na saga da «criação». Kaspar surge como Cristo face a um Mundo que não o pode aceitar e por isso o destrói.

O espectáculo é dividido em catorze sequências minuciosamente descritas, sendo seus principais constituintes:

(1) A Improvisação — A par-

do espectáculo.

(3) A Organização do Espaço Cénico — Eugénio Barba, discípulo de Grotowski, como disse, segue neste ponto mais de perto as lições do artista polaco. Numa sala de pequenas dimensões, há seis praticáveis laterais, colocados entre o público, e no centro, um outro. Neste praticável estão contidos todos os acessórios que os actores utilizam durante a representação. Uma luz vertical que sai deste elemento confirma o seu carácter de epicentro dramático da encenação. A iluminação, que sai dos praticáveis, tem uma função muito importante na definição do espaço cénico. Os espectadores permanecem na penumbra enquanto a «cena» é fortemente iluminada. As zonas de luz e de penumbra ajudam os actores nas metamorfoses indicadas pela encenação.

(4) Relações Actores-Espectadores — Embora os espectadores permaneçam no interior do espaço cénico, os actores ignoram essa presença não se estabelecendo contactos físicos entre uns e outros. Também aqui a função do espectador é passiva, estando ao mesmo tempo fora e dentro da situação. Num espectáculo anterior de Barba, «Ornithophiles», registava-se a intervenção di-

Esquema do espectáculo do «Odin Teatret», «Kaspariana»

Barba e do Odin Teatret parece inscrever-se na trajetória das experiências de Grotowski, visando muito em especial o trabalho feito com o actor e pelo actor, e tendo a preocupação, no que se refere ao texto, de sublinhar valores ontológicos mais do que históricos.

III — THE LIVING THEATRE

O estudo da parte, bastante substancial, dedicada ao Living Theatre deve-se a Jean Jacquot que teve a colaboração de Gabriella Cotta-Ramusino. Divide-se este trabalho nos seguintes capítulos: «Le Living Theatre a New-York et la Découverte d'Artaud»; «The Brig»; «Frankenstein»; «Antígona»; «Paradise Now».

1. O «Living Theatre» em Nova Iorque e a descoberta de Artaud

Na introdução que escreveu para a peça «The Brig», Julian Beck, fundador com sua mulher Judith Malina do «Living», sublinha a importância do tex-

to. A qualidade da escritura revela um grande dramaturgo. A palavra vivificante é a forma suprema da comunicação, enquanto que a palavra ao serviço da descomunicação, do conformismo, desencadeia a separação e a morte. Embora colaborando estreitamente em todos os campos da criação do espectáculo, os fundadores do LT dividem as suas responsabilidades do seguinte modo: Judith Malina encarga-se das encenações; Julian Beck da realização plástica (arquitectura, espaço cénico, cenários, figurinos). Além disso, ambos representam.

2. Brecht Artaud

Com excepção da «Ópera de Dois Vinténs», as encenações

Brig», do jovem dramaturgo Kenneth Brown. Neste texto, que à primeira vista não ultrapassava o interesse limitado (sic) do teatro-documento, Julian Beck descobriu a possibilidade de uma encenação em que podiam convergir todas as tendências durante os dez anos da existência do Living. Optando por Artaud, o LT não renunciava, no entanto, as lições de Brecht.

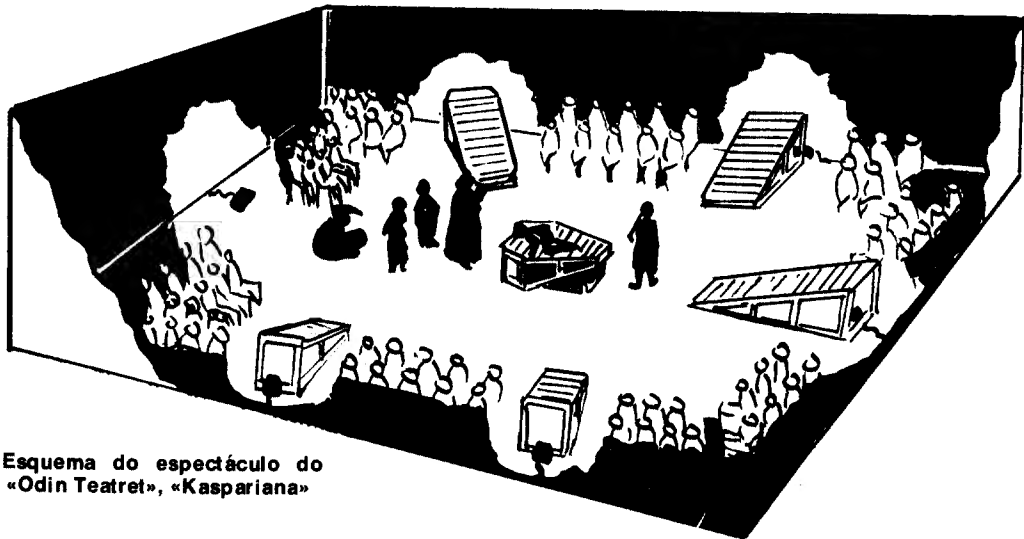
Torna-se, aliás, evidente, pela leitura do estudo de Jacques Jacquot, que o trabalho do LT foi marcado não só pela complexidade do contexto geográfico e histórico em que nasceu, como por um certo confusãoismo ao nível das opções ideológicas. Confusãoismo esse que me parece, em parte, justificado não apenas pela referida complexidade de ordem estrutural e política como pela fase de transição que a América veio a conhecer. Assumindo-se como teatro independente e rebelde numa sociedade cujo carácter altamente capitalista e imperialista é geralmente reconhecido; vivendo as experiências marginais de uma contra-cultura (proposta pelo movimento hippie); integrando-se activamente tanto no combate pacifista dos compatriotas que recusavam a guerra do Vietname; marcado por teorias dramáticas tão díspares, o LT não podia deixar de reflectir (e de ser condicionado) essa diversidade de incidências históricas, quotidianas, políticas, estéticas.

O LT, finalmente, conseguiu superar essa diversificação, optando, como disse, pelas experiências sublimadas por Artaud: as relações entre os seus responsáveis e «O Teatro e o seu Duplo» são assim definidas por Jacquot: Exploração dos recursos corporais e vocais do actor com o objectivo de atingir o espectador não apenas na sua esfera racional, mas também na sua afectividade e no seu subconsciente por intermédio de uma acção exercida sobre todo o seu organismo. Integração desta acção no espaço de forma a envolver e a penetrar a massa dos espectadores. Chamada, a fim de aumentar o poder do actor, a técnicas extraídas das práticas teatrais ou religiosas do Oriente. Elaboração de uma linguagem simbólica da voz e do gesto de forma a reforçar os feitos da palavra ou substituindo-a. Reinterpretação de mitos antigos ou modernos.

Vivendo no país mais rico do Mundo, Judith Malina e Julian Beck deparam com dificuldades financeiras insuperáveis. Combatendo até às últimas consequências pela possibilidade de trabalharem com a sua equipa, acabam por ser presos juntamente com dezenas de amigos.

O LT vive um dos momentos mais graves da sua arriscada existência.

(CONTINUA)



Uma cena da peça de Kenneth Brown, «The Brig»

tir do trabalho do/ com o actor: Se eu, personalidade subjectiva (diz Barba) sou emocionalmente tocado pelo que faz o actor, é porque a expressão orgânica projectada pelo impulso de uma motivação psíquica pôde surgir ao nível do corpo e constituir-se em sinais. Para Barba, portanto, o papel do encenador em relação ao actor consiste especialmente em despertar-lhe e canalizar-lhe as pulsões orgânicas. Trata-se de articular os elementos que o actor expressa a sua mensagem.

(2) Os Figurinos — O guarda-roupa multiplica-se ao longo do espectáculo assumindo grande importância na criação dos sinais que o significam. Os figurinos são confeccionados pelos próprios actores constituindo, ao contrário do que acontece em Grotowski, elemento essencial na evolução

recta do público no espectáculo.

(5) O Texto — «Kaspariana» é, como texto, uma criação colectiva feita a partir de vários textos parcelares escritos pelo poeta Ole Sarvig, material reelaborado pela equipa ao longo dos ensaios. Mais ainda que pelas palavras, o texto manifesta-se pelas sonoridades que o exprimem: utilizando todos os registos, todas as variações que a voz pode transmitir, os actores descobrem sonoridades de uma expressividade tão impressionante que o valor sendo. Aliás, Barba e os seus actores fizeram experiências vocais sobre a origem da comunicação ao nível do alfabeto, valorizando dois elementos: a expressão tonal da comunicação e a comunicação individual de valores ancestrais.

«Kaspariana», de Eugénio

Barba e do Odin Teatret parece inscrever-se na trajetória das experiências de Grotowski, visando muito em especial o trabalho feito com o actor e pelo actor, e tendo a preocupação, no que se refere ao texto, de sublinhar valores ontológicos mais do que históricos.

Embora colaborando estreitamente em todos os campos da criação do espectáculo, os fundadores do LT dividem as suas responsabilidades do seguinte modo: Judith Malina encarga-se das encenações; Julian Beck da realização plástica (arquitectura, espaço cénico, cenários, figurinos). Além disso, ambos representam.

O LT começou por viver à custa de um círculo de amigos (artistas ou amadores de arte) e começou desde o seu aparecimento a conhecer grandes dificuldades, não obstante certos espectáculos terem obtido

que o LT fez de peças de Brecht foram as primeiras a que o público aderiu. Essas encenações sublimavam fortemente o carácter desalienatório do teatro brechtiano.

Em 1958, Judith Malina e Julian Beck descobrem o célebre texto de Antonin Artaud, «O Teatro e o seu Duplo»: esse encontro seria decisivo na evolução do grupo.

Verificamos, pois, que desembocamos no LT as duas mais importantes correntes do teatro contemporâneo: as que tiveram como principais teorizadores Bertold Brecht e Artaud. Posteriormente, o grupo optará por um caminho próprio, embora mais próximo ou mais identificado com as experiências e com as teorias do artista francês.

O primeiro grande espectáculo do LT nesta sua nova fase (artaudiana) foi «The

Crítica de artes plásticas

Por JOSÉ LUÍS PORFÍRIO

DOS "NOVOS VALORES" AOS "VALORES DA EMIGRAÇÃO"

JANINE DE MATTOS SEQUEIRA PINTURA NA
NA GALERIA S. MAMEDE

Com esta exposição reincidente a Galeria S. Mamede numa busca de «novos valores» com toda a ambiguidade que, para a galeria, esta palavra possa ter. Desta vez a escolhida, outra senhora, Janine de Mattos Sequeira, é apresentada por um curioso texto de Lima de Freitas, pintor, ilustrador, crítico (autor entre outros escritos de uma notável colectânea de ensaios «Pintura Incómoda» publicada pela D. Quixote já lá vão uns oito anos), que vale sempre a pena ouvir, mesmo quando seja para discordar dele.

Inicia assim Lima de Freitas a apresentação da pintora: «Instante a instante, noite e dia, milhões de pessoas cumprem uma obrigação, realizam uma tarefa, perfazem com tédio os horários de trabalho, ganham salários, executam os planos previamente elaborados... empilham mercadorias, contabilizam, lutam por, lutam contra, fazem e desfazem o deve e haver. Sem esquecer os milhares de pintores que pintam para uma exposição, para obter uma bolsa, para ganhar um prémio, para ser famosos, para vender e ganhar dinheiro, para protestar, por ser moda e para a posteridade. Um nunca acabar de coisas importantes.

Por isso, o menino entretido a fazer bonecos a um canto, ou o vizinho reformado que toca violino todas as tardes, só porque gosta, como todos aqueles que se devotam a uma actividade para nada, sem o saber salvam o mundo da dissipação incessante promovida pelos objectivos utilitários, ambiciosos, lucrativos, interessadíssimos ou sensacionais. A vida recupera por eles uma certa viabilidade, uma certa disponibilidade isenta de propósitos ou de impaciência, tudo volta a ser possível mau grado os sábios argumentos que pretendem provar-nos que já nada é possível, ou sequer permitido».

Bonito texto e... certo! Só que inteiramente deslocado em relação à pintura exposta e sobretudo ao local onde ela se expõe. As nossas avós ou bisavós (as burguesas, que às outras não lhes sobrava o tempo para tais inventos) também se entretinham compondo deliciosos (duas gerações de distância já começam a dar direito ao adjectivo!) quadros em lá com figuras e animais realistas ou fantásticos, flores de papel, palmitos, escamas de peixe, etc. De uma senhora conhecida eu, confeccionado nos anos 10, um autêntico «Livro de Horas» que consta de poemas vários recolhidos em agendas, postais, publicações avulsas mais ou menos de cordel, santinhos vários, colagens várias incluindo flores naturais e artificiais, emblemas religiosos, fitas, folhas, etc... Objectos como este eram, suponho, de uso estritamente privado ou, de particular, como quase sempre o foram os que constituem a chamada Arte Bruta e nunca quadros, ou outros quaisquer objectos, propostos como mercadoria numa das galerias mais comerciais da cidade. Esta galeria poderia até,



Janine de Mattos Sequeira —
«Apenas um exercício»

suponho, dar-se ao luxo de uma actividade de pesquisa desinteressada de artes marginais, porque não? Assim como outras podem realizar conferências, tudo seria promoção ou propaganda mais ou menos inteligente, mais ou menos oportuna, mais ou menos rendosa.

Infelizmente não foi o que aconteceu, esta exposição foi anunciada como qualquer outra, mostrando aliás a pintora como pessoa directa ou indirectamente ligada ao mundo das artes plásticas; Se não me engano muito foi este mesmo jornal que, nas vésperas da inau-

guração, mostrou uma reprodução de um retrato de Janine Mattos Sequeira pintado por Arpad Szenes, o que imediatamente, para um público potencial, a incluía num ambiente muito cultural determinado, dando-lhe até a aparência de uma qualidade que evidentemente não possui.

Quanto aos exercícios de pintura e colagem de Janine de Mattos Sequeira, nada há a dizer se não nomeá-los como tais e lamentar também a confusão que a levou a expô-los, isto, se confusão tiver havido em tudo semelhante à do públi-

co não precavido ou à do comprador ignorante.

HENRIQUE RUIVO
PINTURA NA
GALERIA INTERIOR

Após um longo período de inactividade como galeria (a «Interior» é também, e sobretudo, uma casa de artigos de decoração) a Interior mostra-nos pintura muito recente de um português de há muito tempo radicado no estrangeiro (H. Ruivo vive em Roma desde 1962).

Poder-se-ia perguntar em primeiro lugar e perante esta exposição: O que é que leva os artistas portugueses a emigrar? (Isto fora de quaisquer razões de ordem particular). Henrique Ruivo está há mais de dez anos fora de Portugal e ao vermos, aqui e agora, esta exposição, parece-nos que de cá pouco se afastou, a não ser por uma certa transgressividade de algumas imagens, as quais, aliás, já não funcionam escandalosamente como há bem poucos anos ainda o fariam.

Pintura de artista gráfico, os seus quadros são, sobretudo, grandes e excelentes ilustrações, articulando-se o seu conjunto numa narrativa possível, a inventar pelo espectador, numa hipotética história a recriar! (Ilustração a que fogem aliás os seus quadros relevantes anteriores a esta fase, de que se podem ver três bons exemplos na presente exposição).

A exposição vale sobretudo por uma segura poética, girando em torno de três dos quatro elementos (ligados aos três estados da matéria) e fundamentalmente da TERRA, lugar que na pintura de Ruivo é simultaneamente maternal e paternal, macho e fêmea, de cavidades que são outros tantos perigosos abrigos-armadilhas, be-



H. RUIVO — Paisagem — A gruta — Armadilha — Estômago — Abrigo

cos, sexos, ventres ou estômagos, perfeitos pontos de partida para um exercício imaginário.

A contrapor esta (s) imagem (s) dominante (s), muito azuis na griseille geral dos seus trabalhos a água, o céu apenas a servir, ou a despistar, todas as referências possíveis, apenas o necessário para que esta pintura seja, como já disse, «janela aberta para o imaginário» com certas tonalidades de fantástico e de sadismo muito no estilo de alguma banda desenhada e outra ilustração de certo consumo na média burguesia «cult» da Europa e pelos vistos de Portugal também.

Inútil esta exposição? Não, por certo! Antes pelo contrário muito afinada com um virtual público comprador cujo gosto muito evoluiu em Portugal de há 10 anos para cá. Por outro lado, temos aqui um excelente exemplo de como a emigração, a nível da quarta geração moderna portuguesa, se torna menos grave, ou talvez menos importante para o nosso meio, isto a um nível médio; dado que já não parece haver quaisquer incompatibilidades de mentalidade entre a proposta desta imagerie e um gosto «moderno» que já se vai estabelecendo em Portugal. Esta situação parece-nos a ser confirmada que poderá contribuir para provar dois factos:

a) Como existe, virtual e (ou) real, uma encomenda média portuguesa que procura afanosamente situar-se pelos «valores modernos estabelecidos» internacionalmente e também pelo consumo aceite de imageries post-surrealista e (ou) fantásticas (vejam-se, como bons exemplos deste caso, as exposições recentes de Bartolomeu dos Santos e de Eduardo Luis, ambas na «Galeria 111», a última ainda aberta).

b.) Como a emigração só raras vezes quer dizer «caminho de vanguarda» (e quem é que sabe ainda o que isso é, tão deturpado que anda o termo?). Henrique Ruivo está certa-

mente adaptando a sua produção a uma corrente de gosto, e de encomenda, que hoje também já rende em Portugal. Não quer isto de modo algum dizer que a presente exposição, bem como outras vindas ou por vir de portugueses residentes no estrangeiro, sejam apenas a busca de uma patriótica «mais-valia» (o que não deixa de ser legítimo), há neste caso apenas uma coincidência. Acontece também, com Henrique Ruivo, que uma exposição de um «português de Roma» deixou de ter o aspecto e o impacto pedagógico que talvez tivesse há vinte, há quinze ou mesmo só há dez anos. Passou a ser apenas mais uma (excelente) exposição e terá talvez a vantagem, esta e as outras duas a que já aludi, de nos servir para não mais mitificarmos a emigração pela emigração. Por outro lado não devemos esquecer que a situação em 62 era bem outra e que viver como pintor ou ilustrador era a mais incerta das aventuras, pelo que a emigração era, e não só por este motivo, um caminho a tentar.

Mas será, perguntar-me-ão, a emigração inútil? Por certo que não, diria mesmo que continua indispensável ao nível da pesquisa exigente de uma modernidade e de uma intervenção que só raramente se aflora na nossa terra; até porque o nosso colecionador que do «malhão» passou ao «moderno» não passa do quadro de cavalette, possivelmente abstracto para a «sala de visitas» ou outra qualquer função de prestígio; isto porque até nova notícia só por cá temos colecionadores, compradores, especuladores ou tudo o que lhes quiserem chamar, mas o que de certeza não temos é um mecenas moderno, muito embora sofrendo todas as graves contradições que este implica.

Resumindo um exemplo, mais um entre tantos, possíveis de gosto que produz arte e não de arte que produz gosto.



H. RUIVO — Paisagem — A ambiguidade dos subterrâneos

